



Departamento de História

Carnaval de Torres Vedras

História e Identidade

Micael José Henriques Paulo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Gestão e Estudos da Cultura

Orientadora

Doutora Inês Pereira, Professora Auxiliar Convidada,

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2015

Agradecimentos

Nesta etapa importante da minha vida, pude contar com o apoio e ajuda de todos aqueles que sempre estiveram a meu lado. Todos vós fostes um contributo importante para a caminhada que realizei ao longo deste ano. Agradeço:

À minha orientadora, a Professora Doutora Inês Pereira, pela sua disponibilidade, dedicação e orientação demonstrada ao longo da elaboração desta dissertação de mestrado.

À coordenadora de mestrado, a Professora Doutora Maria João Vaz, pela sua orientação e motivação apresentada nas aulas de Seminário.

À minha família, em especial aos meus pais, António Paulo e Cristina Paulo, que sempre me apoiaram nas decisões que tomei e por todo o seu amor.

Aos meus amigos que ao longo do meu percurso académico sempre demonstraram toda a sua amizade e apoio incondicional, sendo um fator de motivação e ajuda.

À minha namorada, Inês Nunes pela sua dedicação, incentivo e por ter estado sempre a meu lado no percurso da minha vida.

À Comissão de Honra do Carnaval de Torres Vedras, no qual tive o privilégio de entrevistar e recolher os seus testemunhos (Dr. Carlos Miguel, Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras; Dr. António Esteveira, Presidente do Conselho de Administração da Promotorres; Eng.º António Miranda, Chanceler da Real Confraria; Sr. José Luís Rodrigues, Presidente da Associação Ministros e Matrafonas; Sr. Ricardo Silva, Presidente da Associação Lúmbias Grupo Carnavalesco; Sr.ª Carla Pires, Fundadora da Associação Carnavalesca «As Marias Cachuchas».

A todas as pessoas que gentilmente responderam ao inquérito online, pela sua colaboração e tempo disponibilizado.

Resumo

Esta investigação científica tem como finalidade estudar a forma como o Carnaval de Torres Vedras perdura e evolui ao longo dos anos e como tem vindo a ser construída a sua identidade, sem nunca a desprezar. Para tal recorreu-se à pesquisa e análise bibliográfica, à realização de entrevistas à Comissão de Honra do Carnaval, à concretização de inquéritos à população em geral, bem como a observação participante no terreno.

A pesquisa bibliográfica serviu de suporte à concretização teórica que fundamenta a temática desta dissertação. A investigação de campo teve como finalidade verificar a preservação das tradições e da identidade do Carnaval de Torres Vedras.

O trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro é sobre o enquadramento teórico (revisão da literatura), o segundo sobre a metodologia de investigação e o terceiro engloba os resultados obtidos.

O Carnaval de Torres Vedras surgiu nos anos 20, sendo a imagem de marca do Concelho, tendo valido o título do «Carnaval mais Português de Portugal», pois atrai milhares de pessoas durante os seis dias de folia, que fruem de um produto cultural. Esse produto segundo o Grupo de Investigação em Turismo (Gitur) envolve um valor de 9 milhões de euros, que tem impacto na economia local. Esta festividade caracteriza-se pela sua própria identidade local, transmitida através da memória e tradição, apresentando algumas particularidades tais como, a livre e espontânea participação do público.

Palavras-Chave: Identidade, Carnaval, Entrudo, Torres Vedras

Summary

This scientific research has as a goal to study the way how the Carnival of Torres Vedras lasts and develops during the years and how it has built its identity without ever despising it. For that we did bibliographic research and analyses, interviews to the Committee of Honour of the Carnival, inquiries to the general population, as well as direct observation/ participation in the celebrations.

The bibliographic research was the support to the theoretical materialization which grounds the theme of this dissertation. The field research had as a goal to check the preservation of the traditions and of the identity of the Carnival of Torres Vedras.

This work is divided in three chapters; the first is about the theoretical framework (review of the literature); the second is about the method of the investigation and the third covers the final results.

The Carnival of Torres Vedras was born in the 20's, and it is the brand image of the county. It has received the title of «The most Portuguese Carnival of Portugal» because it attracts thousands of people during six days of revelry who enjoy a cultural product. That product, according to the GITUR is worth 9 million euros which has an impact in the local economy.

This festivity is characterized by its own local identity, transmitted through the memory and tradition, showing some particularities such as the free and spontaneous public participation.

Key words: Identity, Carnival, Shrovetide, Torres Vedras

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Summary	iv
Índice de Quadros.....	vii
Índice de Figuras	vii
Glossário de Siglas	viii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – Enquadramento Teórico (Revisão de Literatura)	3
1.1 - Conceitos de Carnaval e Entrudo segundo Venerando Matos	3
1.2 - Contextualização Histórica do Carnaval de Torres Vedras	5
1.2.1 - O Carnaval no Mundo.....	5
1.2.2 - O Carnaval em Portugal	6
1.2.3 - Enquadramento Histórico do Carnaval de Torres Vedras.....	10
1.2.4 - Os Primórdios do Carnaval em Torres Vedras.....	13
CAPÍTULO II - Metodologia de Investigação	17
2.1 - Pergunta de Partida	17
2.2 – Modelo de Análise.....	17
2.3 - Objetivos	18
2.4 - Metodologia Mista	19
CAPÍTULO III - Resultados Obtidos.....	21
3.1 - A Evolução do Carnaval em Torres Vedras.....	21
3.2 - Organização do Carnaval de Torres Vedras.....	36
3.3 - Estrutura atual do programa carnavalesco em Torres Vedras	39
3.3.1 - Programa Geral do Carnaval de 2015.....	39
3.4 - Candidatura do Carnaval a Património Imaterial da UNESCO	42
3.5 - Centro de Artes do Carnaval de Torres Vedras	42
3.6 - Análise das entrevistas à Comissão de Honra do Carnaval de Torres Vedras	47
3.7 - Análise dos inquéritos	60
3.7.1 - Caracterização da Amostra	60
3.7.2 - Análise dos Resultados	66
CONCLUSÃO	77
FONTES.....	79

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXOS.....	I
Anexo 1 – Guião da Entrevista.....	I
Anexo 2 – Guião do Inquérito	I
Anexo 3 - Uma cronologia do Carnaval de Torres Vedras	V
Anexo 4 – Testamento do Rei do Carnaval Dom Bonito Branquinho	XII
Anexo 5 – Discurso de boas vindas aos reis do Carnaval de 1940 (Excerto)	XVI
Anexo 6 – Fotografias do Carnaval de Torres Vedras	XVII
Anexo 7 – Cartazes de propaganda ao Carnaval de Torres Vedras.....	XXVI

Índice de Quadros

Quadro 3.1 – Resultados referentes às áreas de formação dos indivíduos que preencheram o inquérito

Quadro 3.2 – Resultados referentes às áreas de formação dos indivíduos que são estudantes e preencheram o inquérito

Quadro 3.3 – Resultados referentes à naturalidade dos indivíduos que preencheram o inquérito

Quadro 3.4 – Resultados referentes à descrição do Carnaval de Torres Vedras, pelos indivíduos que preencheram o inquérito

Índice de Figuras

Figura 2.1 – Modelo de Análise

Figura 2.2 – Cronograma

Figura 3.1 – Funções do Modelo Organizativo do CAC com as respetivas áreas de actividade

Figura 3.2 – Maquete do espaço arquitetónico do CAC

Figura 3.3 – Imagem tridimensional do interior do CAC

Figura 3.4 – Planta do piso 0 do CAC

Figura 3.5 – Planta do piso 1 do CAC

Figura 3.6 – Planta do piso 2 do CAC

Figura 3.7 – Logótipo da CMTV

Figura 3.8 – Logótipo da Promotorres

Figura 3.9 – Logótipo da Real Confraria

Figura 3.10 – Logótipo dos Ministros e Matrafonas

Figura 3.11 – Logótipo das Lúmbias

Figura 3.12 – Logótipo das «Marias Cachuchas»

Figura 3.13 – Resultados referentes ao sexo dos indivíduos que preencheram o inquérito

Figura 3.14 – Resultados referentes às idades dos indivíduos que preencheram o inquérito

Figura 3.15 – Resultados referentes às profissões dos indivíduos que preencheram o inquérito

Figura 3.16 – Resultados referentes às habilitações literárias dos indivíduos que preencheram o inquérito

Figura 3.17 - Resultados referentes à naturalidade dos indivíduos que preencheram o inquérito

Figura 3.18 – Resultados referentes ao interesse dos indivíduos que preencheram o inquérito, sobre o Carnaval de Torres Vedras

Figura 3.19 - Resultados referentes à participação no Carnaval dos indivíduos que preencheram o inquérito

Figura 3.20 – Resultados referentes à escolha da temática do Carnaval, obtidos através dos indivíduos que preencheram o inquérito

Figura 3.21 – Resultados referentes à identidade do Carnaval, obtidos através dos indivíduos que preencheram o inquérito

Figura 3.22 – Resultados referentes às características em que os indivíduos que preencheram o inquérito, se revêm no Carnaval de Torres Vedras

Figura 3.23 – Resultados referentes ao modo como os indivíduos que preencheram o inquérito, têm encarado a sátira social presente no Carnaval de Torres Vedras

Figura 3.24 – Resultados referentes aos elementos mais relevantes, dentro do curso do Carnaval de Torres Vedras, para os indivíduos que preencheram o inquérito

Figura 3.25 – Resultados referentes à classificação do Carnaval de Torres Vedras, obtidos através dos indivíduos que preencheram o inquérito

Glossário de Siglas

ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

CAC – Centro de Artes do Carnaval

CMTV – Câmara Municipal de Torres Vedras

GITUR – Grupo de Investigação em Turismo

ACP – Automóvel Club de Portugal

IPL – Instituto Politécnico de Leiria

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de Mestrado sobre a História e Identidade do Carnaval de Torres Vedras surge da necessidade de haver um registo escrito, que assinale os marcos históricos e a envolvimento do Carnaval, de modo a que as gerações vindouras possam adquirir conhecimento sobre o mesmo e por conseguinte, perdurar uma tradição tão secular. Surgiu ainda, devido ao meu interesse pessoal por esta festividade tão enraizada na população Torriense e por participar nela desde tenra idade. Este trabalho poderá ainda ser um complemento de interesse municipal na medida em que elenca os aspetos principais da maior festividade torriense.

A questão de partida para a realização deste trabalho consiste na forma como o Carnaval de Torres Vedras perdura e evolui ao longo dos anos e como tem vindo a ser construída a sua identidade sem a desprezar. Isto é fundamental, de forma a compreender o porquê desta festividade ser encarada como imagem de referência para todos os outros carnavais bem como para a cidade de Torres Vedras, afirmando-se ainda como o «Carnaval mais Português de Portugal».

De acordo com a questão de partida que orienta toda a dissertação, os objetivos que a delineiam consistem, primeiramente, em compreender os conceitos de Carnaval e Entrudo, visto que um correto conhecimento sobre os mesmos, levará a uma melhor compreensão de toda a temática abordada ao longo da dissertação. Apresento ainda como objetivos, abordar o Carnaval pelo Mundo e em Portugal, dar a conhecer toda a história e logística por detrás desta festividade Torriense, desde os primórdios até à atualidade, caracterizar os seus aspetos identitários, abordar a sua candidatura a Património Imaterial da Humanidade da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), o seu novo projeto referente ao Centro de Artes do Carnaval (CAC) e aprofundar os elementos dominantes do Carnaval de Torres Vedras, tais como a sátira/crítica popular portuguesa, os reis, os carros alegóricos, os cabeçudos e as matrafonas, que são imagem de marca do Carnaval.

A investigação iniciou-se com a leitura e análise de bibliografia referente ao Carnaval de Torres Vedras, passando-se para a análise no terreno, através dos inquéritos e das entrevistas, culminando assim com a redação da dissertação. As entrevistas foram realizadas à Comissão de Honra do Carnaval, sendo isto fundamental para o trabalho de campo que desenvolvi, visto que estas são entidades que organizam, conservam e divulgam a tradição carnavalesca. Os inquéritos foram realizados à população em geral, tendo como finalidade

aferir como se preserva a identidade e as tradições carnavalescas, através daqueles que participam e usufruem do Carnaval de Torres Vedras.

O trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro é sobre o enquadramento teórico (revisão da literatura), o segundo sobre a metodologia de investigação e o terceiro engloba os resultados obtidos, tendo em conta a questão de partida.

A época carnavalesca remete para o início das proibições alimentares inerentes à Quaresma, visto que o conceito de Carnaval corresponde à utilização e ao excesso do consumo de carne no período que antecede a Quaresma. O Carnaval de Torres Vedras surgiu nos anos 20 e foi evoluindo ao longo dos tempos, tornando-se num espetáculo público onde todos podem participar de forma espontânea e divertida, não ficando meramente a assistir. Esta festividade foi sendo cada vez mais divulgada pelos *media*, até que se tornou conhecida a nível nacional bem como mundial.

Atualmente, o Carnaval constitui um símbolo identitário da região oeste, sendo a imagem de marca da cidade e a época festiva mais aguardada do ano. Este transformou-se num produto cultural, sendo que todos os anos procura apresentar novidades nos elementos que o integram, de modo a tornar-se o mais original possível.

Segundo o meu ponto de vista, as identidades produzem-se a partir de oposições culturais entre as diversas comunidades humanas, a exemplo; o Carnaval de Torres Vedras tem particularidades que o diferenciam dos outros carnavais; matrafonas e os reis – dois homens.

Esta festividade engloba alguns grupos e associações carnavalescas que têm como finalidade divulgar e preservar as tradições e os aspetos identitários do Carnaval de Torres Vedras. Como resposta a este objetivo, a Câmara Municipal de Torres Vedras (CMTV) tem em mãos o projeto de implementação do CAC que irá preservar e sustentar as memórias futuras, assim como a Candidatura a Património Imaterial da UNESCO.

«Segundo a Lei 107/2001 em vigor em Portugal, o património material e/ou imaterial é constituído por todos os vestígios, bens e outros indícios da evolução humana do planeta, da vida e dos seres humanos, cuja preservação e estudo permitam traçar a história da humanidade e a sua relação com o ambiente». (Direção geral do Património Cultural).

É de salientar a importância e o dever de manter viva esta tradição ímpar torriense e de a transmitir às gerações vindouras, para que possam continuar a fazer do Carnaval de Torres Vedras o «mais Português de Portugal».

CAPÍTULO I – Enquadramento Teórico (Revisão de Literatura)

Este capítulo referente ao enquadramento teórico recorreu à revisão da literatura, servindo de base para uma melhor compreensão da temática, de modo a que posteriormente se consiga dar resposta à questão de partida: Como é que o Carnaval de Torres Vedras perdura e evolui ao longo dos anos e como tem vindo a ser construída a sua identidade sem a desprezar. Neste capítulo será abordado o conceito de Carnaval e Entrudo, permitindo assim uma melhor compreensão da temática. Será ainda realizada uma contextualização histórica desta festividade, abordando o Carnaval pelo Mundo e em Portugal, de forma a compreender como esta festividade era encarada e vivenciada noutros locais, e por fim será abordado o enquadramento histórico do Carnaval de Torres Vedras e os seus primórdios, de modo a compreender como esta festividade surgiu e como se desenvolveu.

Ao longo desta dissertação, será explorado a importância do Carnaval enquanto elemento da identidade local torriense. A relação existente entre as festividades locais e a identidade é reforçada pela antiguidade desta tradição, que se vai mantendo e reinventando, juntando a população local que, anualmente, sente esta festividade como um momento central do calendário, parte da história e do futuro da região, tradição essa que é partilhada e vivida em conjunto, e reforçada coletivamente. Sendo assim, o Carnaval de Torres Vedras torna-se num elemento identitário local, dos locais e de cada membro da comunidade. De seguida, irá perceber-se como tudo começou.

1.1 - Conceitos de Carnaval e Entrudo segundo Venerando Matos

A palavra Carnaval deriva do italiano *carnevale* e do francês *carnaval*, correspondendo à utilização e ao excesso do consumo de carne no período que antecede a Quaresma. Este termo caracteriza os festejos populares da época.

Os festejos carnavalescos tiveram origem nas longínquas tradições populares pré-cristãs, estando relacionados com a comemoração do fim do inverno e início da primavera ou com os cultos de fertilidade, praticados por alguns povos. Esta festividade antecipa as ideias de regeneração da fertilidade e o retorno da abundância alimentar, daí encarar-se positivamente alguns comportamentos da atualidade. (Matos, 2007: 7-8)

A palavra Entrudo deriva do latim *Introitu* (ato de entrar, começo) e caracteriza-se pela época que antecede a Quaresma, ou seja, o Carnaval. Esta expressão refere-se essencialmente ao calendário litúrgico. (Matos, 2007: 7)

O final do Entrudo inicia-se com a Quarta-Feira de Cinzas, que corresponde ao início da Quaresma, estando também interligado com a cerimónia da «Serração da Velha», que assinala a saída do inverno e a entrada no verão. A referência mais antiga em Portugal da realização desta cerimónia é datada de 1685, sendo que consistia:

Numa paródia da gente nova, conluiada, em época de defeso lúdico, para serrar cada velho, no campo ou na cidade. Pela calada da noite, um grupo de embuçados rouquejava, à porta das casas sentenciadas, paródias testamentárias do locatário idoso, enquanto o serrote percutia num bocado de madeira ou de cortiça o seu lúgubre ranger, acompanhando o atroar dos guizos, ferros, latas, cântaros. (Matos, 2007, citado por Maria Micaela Soares: 251)

Já nos finais do século XIX, no Alentejo, esta cerimónia consistia em colocar um cão e um gato num cortiço fechado. O cortiço era transportado pelas ruas da localidade, sendo que a cerimónia terminava com a serração do cortiço, que simbolizava a velha.

Outro dos costumes da Quarta-Feira de Cinzas consistia no «Enterro do Entrudo», caracterizado por uma procissão onde se parodiavam cenas bíblicas. Esta cerimónia no Alentejo é caracterizada pelos foliões que levam o caixão aos ombros, iluminados pela luz dos archotes, sendo o cortejo fúnebre acompanhado pela viúva e os órfãos. Outros foliões fingiam ser padres, sendo que um destes vestia-se de encarnado fingindo ser o sacristão e tocava um chocalho. Este cortejo fúnebre percorria todas as ruas, terminando com o queimar do caixão. Nesta cerimónia o fogo simbolizava a purificação dos penitentes perante os pecados do Entrudo.

Outra cerimónia semelhante a esta consiste no «Enterro do Bacalhau», que se realiza no Sábado de Aleluia, com a finalidade de festejar o fim das restrições impostas pela época da Quaresma.

No século passado, o Entrudo em Torres Vedras era caracterizado pela procissão das Cinzas, constituída por nove andores, uma banda filarmónica e muitos fiéis, que percorria as várias ruas de Torres Vedras. Atualmente, na Quarta-Feira de Cinzas, a procissão é diferente da que era realizada antigamente.

Em Torres Vedras, o Enterro do Carnaval é conhecido desde o ano de 1908, sendo que se realizava regularmente nos anos 30, através de um desfile pelas ruas de Torres Vedras com a luz de archotes, terminando com a leitura do testamento do defunto, procedida da

realização do auto de fé, onde era queimado o boneco que representava o defunto. Na atualidade, o enterro do Carnaval é constituído por estas mesmas características, mas apresenta um maior espetáculo de pirotecnia realizado no parque verde da Várzea, juntamente com a viúva e a leitura do testamento, que remete para a vida social e política do concelho. É através desta cerimónia que se encerra todos os anos, o Carnaval de Torres Vedras. (Matos, 2007: 71-73)

1.2 - Contextualização Histórica do Carnaval de Torres Vedras

1.2.1 - O Carnaval no Mundo

As festas carnavalescas mais antigas das quais à conhecimento eram dedicadas a Ísis e ao boi Ápis, do Egito. Na antiguidade havia ainda outras festividades carnavalescas como a dos gregos, que era consagrada ao Deus da Vitalidade, Dionísio, onde se procedia a diversas cerimónias durante o inverno, incluindo danças frenéticas. Em Atenas também se realizavam quatro festivais anuais, sendo que o mais antigo celebrava-se no final de fevereiro, durante três dias, consistindo na prova do vinho do outono anterior e no culto aos mortos. Similarmente, os Romanos realizavam festas em honra do Deus Saturno (protetor da agricultura e das sementeiras), onde existiam vários divertimentos públicos alusivos ao seu reino de ouro, fertilidade e felicidade.

Na época cristã, existia uma lenda que menciona que na época de Jesus Cristo havia um santo chamado de Santo Entrudo, que realizava festas onde só se comia carne. Os pescadores ficavam descontentes com esta situação, visto que não vendiam o seu peixe. (Matos, 2007: 8-9) Então, foram queixar-se do Santo Entrudo a Jesus Cristo dizendo que este «definiu os dias em que se podia comer carne, dançar e fazer festas, e marcou a época para os pescadores, a Quaresma, durante o qual não se podia comer carne, nem dançar ou fazer festas». (Matos, 2007, citado por jornal *Área*, nº4 de Março de 1980: 16)

O Santo Ambrósio, nascido no ano 340 d.C. obteve autorização do papa da época para os habitantes da sua diocese puderem deixar os prazeres carnavais, antes de se entrar na Quaresma. Para os cristãos, o Carnaval iniciava-se a 25 de dezembro prolongando-se pela festa do Natal, do Ano Novo e dos Reis.

O Carnaval consistia numa festividade de contestação à ordem social feudal, sendo que no final da Idade Média, este foi assimilado pela realeza como modo de expor a ordem da sociedade. Esta festividade passou a caracterizar-se por um cortejo alegórico, onde eram criticados os grupos contestatários da centralização do poder, o alto clero, a classe senhorial e a representação das épocas históricas significativas relacionadas com a monarquia. A igreja foi tentando controlar os excessos da época através da implementação do carácter litúrgico nesta festividade.

Na época Renascentista, os festejos carnavalescos tornaram-se conhecidos na Itália Renascentista, sendo que no século XV e XVI surgiu a tendência das máscaras públicas e de rua. Em Roma, esta festividade era caracterizada por jogos florais, corridas de touros, desfiles de máscaras, representações teatrais, bailes de máscaras e caça de animais. O Carnaval de Veneza teve uma maior adesão porque era mais libertino, durava todo o inverno e possuía uma riqueza inigualável, enquanto em toda a Europa, o Carnaval apresentava-se espontâneo.

No século XVIII, o Carnaval era influenciado pelo luxo das cortes absolutistas de Luís XIV e XV, sendo que em Portugal o Rei D. João V promovia este Carnaval de modo a projetar o luxo existente nas cortes, em oposição ao Carnaval de rua que se caracteriza como popular, desordeiro e violento. (Matos, 2007: 9-11)

1.2.2 - O Carnaval em Portugal

No século XIII, o Entrudo era festejado em Portugal consistindo num período de três dias que antecedia o início da Quaresma. Segundo Carlos Guardado da Silva, estes três dias de festividade eram caracterizados por uma folia espontânea tratando-se de «uma festa popular resultante de comportamentos espontâneos onde se lançavam pelas ruas baldes de água, ovos, laranjas, farelos entre outros produtos». (Silva, janeiro de 2012 in Revista *Torres Vedras* nº06)

As primeiras referências ao Carnaval surgiram a partir do século XVI, havendo documentos da época de D. Sebastião que referem algumas das brincadeiras realizadas na época, tais como, o lançamento de farelos e fareladas, bem como alguns atos de violência. (Matos, 2007: 13)

Neste século designava-se como sendo Carnaval as festas romanas instituídas pelo Cristianismo. Estas festas iniciavam-se no dia de Reis e terminavam na Quarta-Feira de

Cinzas, ou seja, nas vésperas da Quaresma. Segundo Carlos Guardado da Silva, a origem do Carnaval explica-se à luz da religião, sendo que:

A sua origem parece advir do latim medieval *carnelevāre*, véspera de Quarta-Feira de Cinzas, dia em que se iniciava a abstenção da carne. Uma alusão ao dia em que, anualmente, o sacerdote colocava as cinzas resultantes da queima das palmas bentas do ano anterior sobre a cabeça dos fiéis (...) idênticas às cinzas que resultariam da queima do Entrudo, o Carnaval personificado, num rito purificador de retorno à ordem social e religiosa quotidiana. As mesmas cinzas a que seria votado, mais tarde, o Rei do Carnaval, aquele que melhor encarna o espírito carnavalesco. (Silva, janeiro de 2012 in Revista *Torres Vedras* nº06)

Em 1608, a igreja introduziu o jubileu das quarenta horas, que consistia em enfeitar as igrejas e organizar procissões, com a finalidade de retirar o significado do Carnaval. (Matos, 2007: 13)

Neste período caracterizado por grandes mudanças, as máscaras utilizadas eram semelhantes às do teatro grego, simbolizando a transformação do indivíduo que as utilizava. O mesmo se pôde constatar com as matrafonas que são exemplos da inversão da ordem social e do que era proibido na religião. (Silva, janeiro de 2012 in Revista *Torres Vedras* nº06) Um dos elementos característicos do Carnaval é a utilização de máscaras, sendo que as tradicionais eram feitas com madeira, couro, lata, cortiça, cartão, sendo que atualmente são de plástico. Os mascarados não necessitam somente de uma máscara para o rosto, como também de um traje adequado ao mesmo. A máscara simboliza um rosto ou parte deste, sendo um disfarce ou uma aparência enganosa.

A utilização das máscaras carnavalescas em Portugal é datada de 20 de agosto de 1649, sendo que na época da inquisição, utilizá-las consistia em heresia levando à pena de morte na fogueira. Só a partir do final do século XVIII é que as máscaras voltaram a aparecer, principalmente nos bailes da corte absolutista de D. João V.

A máscara mais famosa do Carnaval português foi o «Xéxé», que tinha como finalidade ridicularizar os miguelistas, tendo desaparecido por volta de 1910. Em algumas regiões os fatos carnavalescos designam-se de «Destrajos». No Alentejo, designam-se os mascarados por «ensaiados» e as máscaras de rosto por «caraças». A máscara mais característica desta festividade é o «travesti», visto que o Carnaval consiste numa época de transgressão, violação das fronteiras e inversão dos papéis tradicionais, nomeadamente o do homem e o da mulher. Por fim, outra das máscaras conhecidas em algumas zonas de Portugal consiste nos caretos que manifestam a transgressão e a licenciosidade. Estes podem ainda ser

designados como os máscaros, a filandorra, as madamas e as mandongueiras. (Matos, 2007: 22-23)

No século XVIII, existem testemunhos sobre o Carnaval Português elaborados por estrangeiros, sendo os relatos do Carnaval descritos como coloridos, curiosos e preconceituosos relativamente aos usos e costumes de Portugal oitocentista.

Para além do Carnaval de rua tradicional e desordeiro, surgem os bailes de Carnaval pertencentes às novas classes dirigentes. Nestes bailes distinguem-se os bailes públicos pertencentes aos burgueses, sendo que o primeiro baile de máscaras público autorizado realizou-se em 1809. Surgiram ainda, os bailes privados organizados pela nobreza liberal.

No final do século XIX, surgiram novas formas de festejar o Carnaval de rua em Lisboa, surgindo em 1887, as batalhas de flores, imitando o Carnaval de Nice. Em 1888, esta festividade foi organizada em recinto fechado e pago, sendo que as receitas revertiam para uma fundação de tísicos e para o cofre de beneficência da Câmara Municipal de Lisboa. Neste cortejo participava a alta sociedade de Lisboa, fazendo como parte integrante do mesmo, os carros e carruagens decoradas com flores da época, projéteis com flores e sacos de setim com bombons. (Matos, 2007: 14-17)

No final deste século, na região de Serpa brincava-se ao Carnaval pintando as paredes, fazendo alusões à vida íntima das pessoas. Outra das brincadeiras consistia nas «caqueiradas» onde eram atirados «caqueiros» através das janelas e das portas mal fechadas. Os «caqueiros» eram constituídos por terra, cinzas, pedras, cascas de laranja, etc. Outra das brincadeiras consistia em atirar um pedregulho aquecido no lume para dentro das casas, de modo a esaldar as mãos daqueles que o pegassem. Nos tempos mais remotos atiravam-se laranjas e espetavam-se seringas nas pessoas. No passado recente esta região substituiu os costumes por trigo, papelinhos e bisnagas.

Nesta altura também se brincava ao Carnaval com papéis picados, doces fingidos, cartuxos de goma no cabelo, centopeias de cera, laranjas e cascas de ovos com gesso, cabaças de cera pintada com água de cheiro e seringas de cana para fazer esguichar o líquido. Atirava-se às pessoas tremoços, feijões e grãos, enviavam-se cartas anonimamente com versos «chufas» e «pulhas», onde os destinatários as tinham que pagar. Outra das brincadeiras consistia em encher luvas velhas com materiais pesados atando-as e atirando da janela sobre as pessoas. Nos dias de folia atirava-se também o lixo acumulado em casa, bem como alguns objetos em barro que por vezes atingiam com gravidade as pessoas. Estes costumes violentos foram substituídos por cabacinhas de cera com água cheirosa, tremoços, feijões, pós e

papelinhos. Outra das brincadeiras consistia em «pôr rabos», ou seja, colocar tiras de papel ou de pano com dizeres brincalhões nas costas dos transeuntes. (Matos, 2007: 21)

Segundo o autor Jaime Umbelino (2005), no começo da República surgiram os primeiros carnavais que consistiram numa crítica irónica, tendo como finalidade o humor satírico e a diversão. Já no começo a figura dos reis do Carnaval passou a ser uma presença primordial, visto que eram eles que iniciavam as festividades, acabando por ser ridicularizados pelos seus hábitos protocolares. Os reis chegavam à estação de comboio onde havia uma tribuna, em que estes acompanhados pela corte recebiam os seus vassallos que lhes desejavam as boas vindas. (ver anexo 5) O discurso dos reis era composto por decassílabos irónicos, na sua maioria elaborados pelo Sr. Jaime Umbelino, sendo que este modo de discurso foi tão bem aceite pelo povo, que daí para adiante utilizou-se este estilo de escrita. Mas passado algum tempo, este género de escrita perdeu a sua exaltação, sendo substituído por outra escrita, devido à constante evolução das épocas. (Umbelino, 2005: 21)

Em 1903, o Carnaval Lisboa tinha uma duração de três dias (domingo, segunda e terça), sendo composto pela chegada do Carnaval à estação do Cais do Sodré com o respetivo Rei, carros alegóricos, bailes e desfiles de mascarados, sendo atribuídos prémios aos melhores. No início do século XX, na região de Elvas colocava-se pimentões em brasa à porta das pessoas para provocar a tosse.

O Carnaval Lisboa serviu de modelo a outros carnavais mas durante o século XX foi enfraquecendo progressivamente dando lugar a outros carnavais que iam crescendo e se afirmando, tais como o Carnaval de Torres Vedras.

As festividades carnavalescas derivam da tradição popular e rural portuguesa. Na região Alentejana, o Carnaval iniciava-se no dia 20 de janeiro (dia de S. Sebastião), na Ericeira, Vila Franca de Xira e Alenquer iniciava-se no dia 22 de janeiro (dia de S. Vicente), sendo a região de Alenquer, conhecida pela expressão popular «dia de S. Vicente brinca toda a gente»¹. A partir desta data os aldeões da localidade de Alenquer trocavam o barrete preto da estremadura pelo barrete verde ribatejano, iniciando-se assim as brincadeiras carnavalescas. Na região de Serpa, as quatro semanas que antecediam os três dias de Entrudo, designavam-se por «semana d'amigos, semana d'amigas, semana de compadres e semana de comadres»². Na primeira e terceira semana, às quintas-feiras os grupos de rapazes amigos reuniam-se na casa de um deles para comerem, beberem e cantarem. Já as raparigas reuniam-

¹ Matos, 2007, citado por António de Oliveira Melo, António Rodrigues Guapo, e José Eduardo Martins, O Concelho de Alenquer – Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia, volume 2, Alenquer, 1985.

² Matos, 2007, citado por Ladislau Piçarra, A Tradição, Fevereiro de 1899: 20.

se na segunda e na quarta semana, para o convívio. Alguns dos rituais e brincadeiras presentes nesta festividade representavam a «libertação de recalcamentos de circunstância e para ajuste das quezílias entre vizinhos»³. Na região de Tourém, é tradição realizar-se uma corrida de galo no Domingo Gordo. Esta corrida consiste na leitura de um testamento em forma de verso, criticando alguns dos atos mais caricatos e falados na população durante o ano que findou. O sacerdote desta região, menciona que o jogo provém de ritos de culto pagão, onde o sacrifício do galo significa a morte de um bode expiatório. O galo pode ser ainda considerado um símbolo de vida expulsando a morte e os espíritos malignos, ou a flagelação do apetite carnal.

A crítica social e os costumes estão presentes noutras referências carnavalescas, tais como nas «cegadas» e nos «pulhas». As cegadas consistiam em danças carnavalescas, onde homens mascarados realizavam coreografias através do acompanhamento musical rudimentar, cantando-se algumas músicas e expondo alguns poemas. Alguns autores distinguem dois tipos de Pulhas, as inofensivas que provocam risos e sorrisos e as agressivas que para além dos risos e sorrisos provocam ódio, vingança e ofensa. As Pulhas inofensivas e agressivas verbalizavam oralmente as brincadeiras, sendo que em Alenquer distinguiam outro tipo de Pulhas, as escritas, onde os grupos escreviam nas paredes os motivos de troça na aldeia.

A época carnavalesca relaciona-se com o início das proibições alimentares inerentes à Quaresma, sendo que nos finais do século XIX em Serpa costumava-se comer filhoses, coscorões, «bolinhos» e arroz doce. Em Alenquer realizava-se a matança do porco com o objetivo de suportar encargos, preparar os pratos de «bucha» e «sarrabulho», e ainda distribuir a carne que sobrasse pelos membros da sociedade. (Matos, 2007: 17-22)

1.2.3 - Enquadramento Histórico do Carnaval de Torres Vedras

A cidade de Torres Vedras foi antigamente uma vila conquistada em 1148 por D. Afonso Henriques, recebendo em 1250, através de D. Afonso III, a sua carta foral. Esta vila sofreu todas as perturbações a que o reino esteve sujeito, até ser instituída a República. Esta vila foi desde cedo sofrendo uma urbanização crescente de forma organizada, tal como aconteceu com outras. Nesta imperava alguma vivacidade, tendo em seu redor quintas, granjas e

³ Matos, 2007, citado por Maria Micaela Soares, A Mudança na Cultura Rural Portuguesa in Boletim Cultural, nº 88, 2º tomo 1982: 145-400.

herdades. As grandes produções locais passavam por cereais, azeite e vinho, sendo essencialmente exploradas por familiares.

Para Paulo Raposo (2003), a influência da nobreza a nível económico na região esteve dependente das políticas do país, observando-se assim uma constante mudança relativamente aos donos das propriedades doadas pelos monarcas ao longo dos séculos XV, XVI e XVII. Em oposição à nobreza, o clero sempre teve um elevado domínio económico, político e cultural, nomeadamente através dos colégios, dos mosteiros e das igrejas.

Um fator importante para Torres Vedras é a sua proximidade da cidade de Lisboa, em que o percurso se fazia por via terrestre ou fluvial. A via fluvial servia para escoar o comércio, sendo feita através de Alhandra, no rio Tejo.

Esta região teve vários acontecimentos marcantes ao longo da história, tais como em 1886, o aparecimento do comboio ligando Lisboa a Torres Vedras, onde a duração da viagem em 1887 era de 2h15min a 3h15min passando em 1989 a ser de 1h a 1h50min. Outros acontecimentos marcantes foram o surgimento da iluminação pública em 1888, o animatógrafo em 1901, a inauguração das fundições de metais de António Hipólito em 1907, os autocarros para Lisboa em 1915, a primeira edição da rádio local em 1925, e por fim o surgimento das ligações telefónicas em 1929. Tudo isto, contribuiu para uma crescente urbanização da região.

Os habitantes desta região designam-se de «saloios», sendo que a saloia é caracterizada por:

Espertalhaça, astuciosa e petulante, enfeitava com seus encantos pessoais, sua alegria saudável e agreste e graça natural no modo de vestir, os casquilhos de Lisboa, quando vinha entregar às freguesas espartilhadas, a roupa branqueada à força de cloreto, ou vender-lhes queijos, ovos e primores dos hortejos e pomares. Era vê-la lesta, tãful e vistosa, de rosto sadio tisonado pelo sol, bochechas maciças e vermelhuscas, com a sua andaina fresca, num conjunto harmonioso (...) o mais bizarro deste inconfundível trajo era a carapuça! Espécie de gorra alta, afunilada ligeiramente recurva para diante, ao jeito da crista atrevida das pintadas ou galinhas da Índia. Esta cobertura constituída para a saloia a sua maior gala. Era adornada na frente com tecido de cor garrida e calçava um lenço alvadio; este por sua vez, sobreposto por outro lenço enramalhado com enfeites sarapatões num fundo róseo listado de uma cor magenta. (Raposo, 2003, citado por Felgueiras 1981: 59-60)

Enquanto a saloia era designada como uma mulher popular e vistosa, o saloio era designado:

Dum rigor quase irrefragável no garbo simplório do vestuário, com pormenores extravagantes (...) camisa alva, com grandes colarinhos espetados sem goma (...) calções de burel ou de surrobeco azul (...) em redor da cintura uma faixa preta de muitas voltas (...) botas de cano alto de biqueira adelgada (...) Na cabeça, como apanágio, um ostentoso chapéu de copa alta, a cartola de pelo de castor. O saloio colocava-o com deselegância, às três pancadas atirando-o para a nuca num negligente menosprezo. Acompanhava-o sempre a racha ou varapau de marmeleiro rijo, não só quando ia às feiras da Malveira ou das Mercês, mas até mesmo quando ia de visita ao compadre ou procurava a futura patroa, para com quem estabelecer acordos sentimentais. (Raposo, 2003, citado por ibidem: 60)

Em contraste com os saloios, foram surgindo outros indivíduos com pensamentos diferentes para a época que permitiram um evoluir do pensamento por parte da população. Em contraste a estes ideários mais liberais, republicanos e modernistas que se difundiram através da imprensa regional escrita, permaneceram as figuras rurais que a literatura, a história e o folclore objetivam.

Em 1964, a antropóloga Riegelhaupt menciona que existem algumas particularidades que distinguem estes camponeses (salaios) dos de outras regiões, tais como a proximidade à cidade de Lisboa, a herança étnica de uma «casta» de mouros, a sua rudeza e fraca reputação. Para a autora, estes camponeses formam uma subcultura camponesa. Esta denota que na década de 1960, a cidade de Lisboa era uma zona de atração turística, o que levou ao aparecimento de populações «não-saloias» nas regiões costeiras. Desde os anos 30 que se notava uma transformação das zonas costeiras (praias e turismo), mas é apenas na década de 60 que estas transformações se prolongam até ao interior do país.

A antropóloga destaca que a região de Torres Vedras sofreu transformações abrangentes, que se evidenciam de forma diferente em toda a região. Segundo o Mapa das Estradas de Portugal ACP (Automóvel Club de Portugal), a atual cidade de Torres Vedras é:

Uma das povoações mais antigas do Oeste e onde é possível ver vestígios das fortes presenças pré-históricas, romanas e árabes. (...) São famosas desta região os vinhos tintos encorpados e os brancos leves. É a terra dos pastéis de feijão e do «Carnaval mais português de Portugal», onde todos os anos se podem assistir aos animados desfiles de carros alegóricos, danças e máscaras. Em novembro vale a pena estar no festival das vindimas. Entre outros é interessante visitar o Castelo, o Museu Municipal, onde se pode ver um vasto espólio arqueológico, e o Forte de S. Vicente, das Linhas de Torres. (Raposo, 2003, citado por Mapa das Estradas de Portugal ACP – Região Oeste, 1999).

Para abordar o Carnaval de Torres Vedras, tem vindo a ser destacado alguns aspetos fundamentais para o mesmo, tais como a definição de «saloio»; de «subcultura camponesa»; a proximidade da cidade de Lisboa; a dimensão económica, social e cultural interligada à atividade vinícola; os termos característicos da região (saloio, oeste e atlântico) e os processos de transformação/modernização da região. Todos estes elementos relacionam-se com a memória histórica local (ver anexo 3), ou seja, como esta é reinventada, recriada e colocada em forma de discurso expressivo durante o curso carnavalesco. (Raposo, 2003: 174–182)

1.2.4 - Os Primórdios do Carnaval em Torres Vedras

A primeira referência ao Carnaval de Torres Vedras surgiu em 1574, através de uma queixa realizada por um morador de Torres Vedras, acerca de um grupo de mascarados que brincava ao «correr o galo» provocando uma briga. Por volta de 1862, realizou-se nos três dias de Carnaval, o jubileu das 40 horas na igreja de São Pedro.

A partir de 1885, surgiram novas referências a esta festividade através do primeiro jornal existente na localidade, que abordava notícias referentes a esta quadra, sendo impossível prever o êxito que esta festividade viria a ter no futuro. Este jornal mencionou que em 1885 «o Carnaval passou-se sem animação e desengraçado, como nos anos anteriores. Poucas exhibições, e essas apresentando-se sem espirito. No Domingo destacou-se apenas da sensaboria geral um grupo de mascarados, muito bem vestidos em carruagem, fazendo visitas»⁴.

Durante alguns anos, esta festividade consistia em bailes ou récitas nas casas particulares ou nas coletividades, não havendo animação de rua, exceto alguns grupos de mascarados que desfilavam nalguma carruagem enfeitada pelos próprios. Este pequeno Carnaval de rua era pouco animado, continuando a marcar o ano de 1886. Já o Carnaval das coletividades era bastante animado, tendo bastante aderência por parte dos indivíduos.

Em 1900, a essência do carnaval continua nas coletividades, sendo que o Grémio Artístico-Comercial inaugurou a galeria do seu teatro. No Grémio e no Casino eram realizadas comédias, revistas teatrais, récitas e canções com base nesta quadra, animando assim esta festividade. Em 1901, esta festividade ficou marcada pela primeira exibição do animatógrafo, realizada no Grémio, no dia 25 de fevereiro (segunda-feira de Carnaval). Em

⁴ Matos, 2007, citado por *O Jornal de Torres Vedras* de 19-2-1885.

1897, registou-se um confronto com as autoridades devido às divergências políticas e a Doutora Célia Reis refere que em 1902 arrancaram e rasgaram o edital ameaçando o cabochefe que fariam o mesmo a todos os editais que fossem afixados, havendo assim ofensas à monarquia. Em 1907, o jornal local continuava a afirmar que o Carnaval de rua era desengraçado e desanimado, havendo tendência para que este acabasse e que ficasse presente só os divertimentos existentes nos clubes e nos teatros.

É de salientar que a sátira política é uma das características presentes ao longo da história do Carnaval, que marcará esta festividade ao longo dos tempos. As brincadeiras existentes nesta festividade, nem sempre foram pacíficas e de agrado geral para as autoridades locais, visto que havia alguns indivíduos mal-intencionados que lançavam Pulhas, utilizando expressões injuriosas e ofensivas à moral pública. Estes transgressores eram proibidos de tais brincadeiras, caso não cumprissem esta ordem eram presos, autuados e presentes ao poder judicial para serem punidos por tal. As pulhas eram tradicionais nesta festividade, apesar de serem algo que preocupava bastante as autoridades.

As Pulhas não eram bem aceites pelas autoridades nem pela opinião pública, sendo que estas começavam logo no início de janeiro. Em 1908, apesar do assassinato de D. Carlos a 1 de fevereiro, o Carnaval de Torres Vedras foi o mais animado e o mais político, revelando assim a influencia dos republicanos na recuperação do Carnaval de rua. Neste ano, a melhor descrição desta festividade deve-se ao jornal republicano denominado «Folha de Torres Vedras», mencionando que o Carnaval passou de algo insípido e carrancudo para uma festividade alegre e com indivíduos mascarados. Esta festividade fez movimentar a população de Torres Vedras, trazendo-a para as ruas de modo a saborear toda esta alegria inerente ao Carnaval.

No domingo gordo saiu às ruas o primeiro grupo de mascarados, sendo constituído por indivíduos nacionalistas, tendo como legenda: «Centro Portugal». A segunda-feira foi um dia mais desanimado, apesar de nalgumas ruas desfilarem carros com mascarados, criando-se algumas batalhas de grã e confettis. Na terça-feira à tarde, a animação encheu as ruas e os largos de Torres Vedras, esperando-se novos mascarados. Surgiu no Largo da Graça um grupo político de mascarados representando o franquismo local, sendo que os franquistas eram os partidários de João Franco. Este governou em ditadura entre maio de 1907 até ao regicídio de 1908, sendo o responsável pela crise social que terminou com o assassinato do rei e do príncipe herdeiro, levando assim a um fortalecimento do republicanismo. É de salientar a crítica política marcando esta festividade, sendo que com a república o Carnaval de rua começou a adquirir um maior destaque. (Matos, 2007: 25-33)

Com o início da República, a folia espontânea foi substituída por uma festividade de rua organizada, devido ao «carácter profano» apresentado pela mesma. Para o autor:

Assim se entende a popularidade do primeiro grande Carnaval de rua organizado em Torres Vedras, pela mão dos republicanos, que substituíram a procissão das cinzas pelo Enterro do Entrudo, logo em 1912. Emergia uma nova festa cívica, porque invertia a ordem vigente, por extensão a ordem anticlerical. (Silva, janeiro de 2012 in Revista *Torres Vedras* nº06)

Em 1912, o jornal «A Folha de Torres Vedras» salientou a importância dos programas elaborados pelas coletividades, tais como o Casino, o Grémio, a Tuna e o Animatógrafo, que proporcionou ao Carnaval deste ano uma extraordinária animação, juntamente com uma comissão responsável pela animação das ruas, que acompanhada pela banda filarmónica Torreense, recolhia fundos para distribuir na terça-feira aos indivíduos mais necessitados. A classe dos tanoeiros organizou um baile de mascaras, ficando marcado pelo grupo de mascarados que parodiava as tropas contrarrevolucionárias de Paiva Couceiro, que tentou no ano de 1911 restaurar a monarquia. Este grupo de mascarados mereceu destaque nas páginas da «Ilustração Portuguesa» com a seguinte legenda «Paródia carnavalesca, Invasão dos Paivantes. O exército afugentado pelo Zé Povinho, que lhes atira uma bomba de 5 réis».⁵

Até aos anos 20, o Carnaval era caracterizado por variadas e espontâneas atividades, sendo estas colocar farinha nos cabelos das raparigas; atirar sacos com grainhas, tremoços secos e farinha; assaltos a casas particulares; grupos de rapazes a percorrer as ruas em trens abertos, carroças e galeras de tração animal; arenas com burros e visitas às coletividades locais. (Matos, 2007: 33-34)

⁵ Matos, 2007, citado por Ilustração Portuguesa, nº 315, março de 1912.

CAPÍTULO II - Metodologia de Investigação

2.1 - Pergunta de Partida

Dada a importância histórica e identitária do Carnaval de Torres Vedras, a questão de partida consiste na forma como esta festividade perdura e evolui ao longo dos anos e como tem vindo a ser construída a sua identidade sem a desprezar? Esta questão é fundamental, na medida que o Carnaval já passou por diversas fases históricas, cada uma com os seus alentos e dissabores, mas conseguindo sempre perdurar e evoluir ao longo dos tempos, chegando aos dias de hoje como uma imagem de referência para todos os outros carnavais, afirmando-se como o «Carnaval mais Português de Portugal», preservando sempre a sua identidade.

2.2 – Modelo de Análise

O modelo de análise demonstra esquematicamente a interligação entre os principais conceitos e as metodologias que empreguei de forma a dar resposta às questões apresentadas.

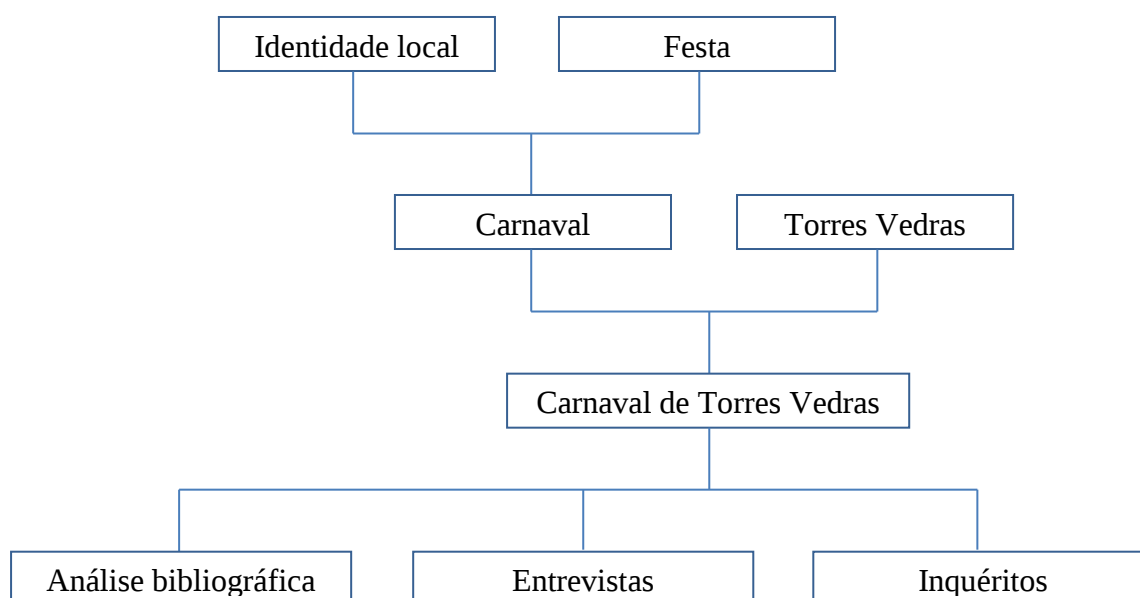


Figura 2.1 – Modelo de Análise

2.3 - Objetivos

O objetivo primordial neste trabalho incide na autenticidade histórica do Carnaval de Torres Vedras, visto ter-se caracterizado e explicado a evolução cronológica do Carnaval, o que leva a uma melhor compreensão face ao mesmo. Nesse sentido passo a apresentar os objetivos que delineiam a dissertação:

- Definir os conceitos de Carnaval e Entrudo.
- Caracterizar os aspetos identitários do Carnaval de Torres Vedras.
- Expor a evolução histórica do Carnaval de Torres Vedras.
- Descrever as fases históricas do Carnaval de Torres Vedras.
- Explicar os primórdios do Carnaval de Torres Vedras.
- Abordar o Carnaval pelo Mundo e na região de Portugal.
- Caracterizar o Carnaval na atualidade.
- Realizar entrevistas à Comissão de Honra do Carnaval de Torres Vedras.
- Realizar inquéritos à população em geral.
- Analisar os dados obtidos pelas entrevistas/inquéritos com a finalidade de verificar a preservação das tradições/identidade.
- Dar a conhecer a organização do Carnaval de Torres Vedras.
- Expor a candidatura do Carnaval de Torres Vedras a Património Imaterial da Humanidade da UNESCO.
- Expor o Centro de Artes do Carnaval de Torres Vedras através do seu modelo estrutural.
- Clarificar a finalidade e o enquadramento temático referente ao Centro de Artes.

2.4 - Metodologia Mista

A investigação empírica que empreguei na análise metodológica que desenvolvi consistiu numa metodologia mista, quer na recolha e análise de dados qualitativos, recorrendo ao inquérito, assim como recorrendo à pesquisa quantitativa, através de inquirição por entrevistas. Os dados recolhidos resultam da investigação e análise bibliográfica dos diversos artigos científicos existentes sobre o Carnaval de Torres Vedras, bem como na análise das diversas fontes que tornam o objeto de estudo viável e credível. No decurso do trabalho efetuei a decomposição da página de facebook do Carnaval de Torres Vedras, bem como do Website do Carnaval, visto que estas fontes oficiais sustentam e guiam o saber carnavalesco.

As entrevistas que efetuei aconteceram nas semanas seguintes ao Carnaval de Torres Vedras de 2015, nos meses de fevereiro e março, já depois de ter feito a análise dos dados resultantes dos inquéritos, replicados durante os dias de Carnaval. Realizei entrevistas à Comissão de Honra do Carnaval, tais como à CMTV, na pessoa do seu Presidente, o Dr. Carlos Miguel; à Promotorres, na pessoa do Presidente do Conselho de Administração, o Dr. António Esteveira; ao Chanceler da Real Confraria, na pessoa do Eng.º António Miranda; ao Presidente da Associação Lúmbias Grupo Carnavalesco, o Sr. Ricardo Silva; à Presidente da Associação Carnavalesca «As Marias Cachuchas», a Sr.^a Carla Pires e ao Presidente da Associação de Ministros e Matrafonas, o Sr. José Luís Rodrigues. A entrevista (ver anexo 1) é composta por 9 questões acerca do Carnaval de Torres Vedras, de modo a uma melhor compreensão do mesmo, através da perspetiva de quem nele participa e observa a sua constante evolução. Estas instituições são fundamentais no trabalho de campo que desenvolvi no decorrer da dissertação, visto serem entidades que conservam e divulgam a tradição carnavalesca. Conjuntamente, realizei inquéritos (ver anexo 2) por questionário via on-line, através do programa «Google Docs». O inquérito é composto por 14 questões, sendo que a população alvo foi o público em geral de ambos os sexos. A dimensão final da amostra é constituída por 178 indivíduos, sendo que no final acabaram por responder 148, visto terem participado no Carnaval de Torres Vedras. O inquérito tem como finalidade aferir como se preserva a identidade e as tradições carnavalescas, através daqueles que participam e usufruem do Carnaval de Torres. Os elementos recolhidos são alvo de objeto de estudo, acabando por ser exposto os resultados obtidos através de gráficos estatísticos.

Atividade	Mês					
	nov. dezembro	jan. fevereiro	março. abril	maio. Junho	jul. agosto	setembro
Leituras Prévias	X					
Pesquisa Bibliográfica	X					
Investigação no Terreno		X				
Análise dos Dados		X				
Elaboração dos Inquéritos		X				
Elaboração das Entrevistas		X				
Redação da Tese			X	X	X	
Revisão Final						X
Entrega da Tese						X

Figura 2.2 – Cronograma

CAPÍTULO III - Resultados Obtidos

3.1 - A Evolução do Carnaval em Torres Vedras

Segundo o autor Paulo Raposo (2001), a origem do Carnaval de Torres Vedras não derivou exclusivamente da tradição folclórica local mas copiou alguns dos modelos contemporâneos, quer de Lisboa, do Porto e de Coimbra, os quais acabaram por copiar os modelos franceses e italianos, tais como os corsos de Nice, Paris ou Veneza. Mesmo assim, esta festividade é definida como uma «performance cultural singular». Esta afirmação do autor apresenta uma contradição, visto que apesar de ser um Carnaval que copia outros modelos, acaba por ter um desenvolvimento cultural particular, que permite manter a sua «autenticidade» e «legitimidade» tradicional.

O Carnaval urbano acabou por surgir devido aos modelos do Entrudo rural (bailes privados e sociedades recreativas) e devido aos grupos sociais que pretendiam ter uma maior visibilidade. No entanto, todos estes modelos importados do exterior das grandes cidades nacionais, originaram a emergência dos Carnavais mais periféricos, tais como o do Estoril, de Torres Vedras ou de Loures.

O ritual utilizado para realizar a tradição festiva consistia em desfiles e paradas nas ruas, praças e ruelas, organizados pelos espaços urbanos. Os participantes eram considerados atores centrais das encenações, nesta festividade emblemática e identitária.

Neste caso, o modelo adotado pelo Carnaval acaba por ter em conta a «conceção burguesa e elitista» do mesmo, deixando o modelo do Entrudo rural devido à violência e à transgressão que o mesmo apresentava. Sendo assim, restringiu-se as Pulhas, as Cegadas e os testamentos carnavalescos, o que foi alvo de críticas por parte dos *media*, levando à desvalorização destes acontecimentos carnavalescos. A imprensa publicitava a riqueza e o valor dos modelos estrangeiros do Carnaval, destacando a água de cheiro, as batalhas de flores, os confettis, os bailes de mascarados e os corsos artísticos, deixando-se assim o Entrudo rural que consistia no lançamento do grão, do feijão, da farinha, da água suja, dos dejetos, a agressão, a provocação, a efervescência sexual e o excesso alimentar e alcoólico.

A implementação do curso no Carnaval foi um acontecimento relevante, permitindo que os participantes desfilassem ou assistissem ao desfile. O curso refletia a estratificação social dos grupos que nele participavam, sendo que nos corsos carnavalescos referidos anteriormente, existia uma separação altamente marcada pela classe social, sendo que os mais ricos (burgueses e elite local) desfilavam e a classe média e os mais pobres só assistiam.

O Carnaval vai evoluindo, tornando-se num espetáculo público, em que os grupos se reviam, demarcavam, construíam e transformavam. Nesta altura, surgiram também as sociedades carnavalescas, que consistiam nas associações de recreio, nos grupos de comerciantes e industriais, nas elites artísticas e económicas, nos estudantes e profissionais liberais, que organizavam bailes, espetáculos, desfiles, e criavam carros alegóricos. Promoviam-se as competições artísticas carnavalescas, ou seja, os concursos de máscaras, de carros alegóricos, entre outras.

Ao longo dos anos, o Carnaval de Torres Vedras tornou-se conhecido a nível nacional e mundial, devido à enorme divulgação por parte dos *media*. Esta festividade, de há alguns anos para cá, é um produto televisionado, concorrendo com outros do mesmo género, quer no mercado nacional quer mundial. Logo, a realização do mesmo tem vindo de encontro às expectativas dessa nova realidade.

O autor Paulo Raposo (2001), salienta algumas problemáticas relacionadas com a mercadorização do Carnaval, sendo estas «o valor estratégico comercial e promocional do Carnaval», a sua recente profissionalização, a dependência a uma temática e o modo de encarar esta festividade que afeta os «bens culturais». O valor estratégico, comercial e promocional do Carnaval nunca foi abandonado ao longo das épocas mas esteve influenciado por outros fatores, tais como fatores artístico-ideológicos, espontâneo-amadores, sendo atualmente uma mercadoria cultural. A profissionalização desta festividade levou a um abrandamento da motivação e da paixão que movia os foliões. Também a dependência a uma temática irá limitar a espontaneidade, mas evitará a desagregação e a incoerência da narrativa carnavalesca. (Raposo, 2001: 201-206)

O Carnaval transformou-se num produto cultural, onde todos os anos deverá apresentar novidades e originalidades nos elementos que os constituem, tais como no curso noturno, no Carnaval de verão, nas noites nas discotecas e bares, no curso escolar, entre outros. Por fim, o autor deixa em aberto uma última questão:

«Como encarar esta nova realidade que tem vindo a afetar os chamados bens culturais em termos dos efeitos da globalização dos mercados, da produção e dos consumos deste tipo de bens? Ou seja, como é que se poderá vir a enquadrar o Carnaval de Torres na escala global destes eventos, nas redes de Carnavais europeus, na necessária promoção a escala global - via internet, via *media*». (Raposo, 2001: 206)

O Carnaval de Torres Vedras surgiu nos anos 20 (ver anexo 1, imagem 1), consistindo numa «performance urbana inventada» por jovens burgueses e foliões, a partir do carnaval lisboeta. Esta festividade foi enraizada a partir dos anos 80 como sendo o «Carnaval mais Português de Portugal», sendo encarada como símbolo identitário da região oeste, tendo um papel fundamental na construção da imagem de Torres Vedras. (Raposo, 2003: 183)

Segundo o autor Paulo Raposo (2001), o Carnaval de Torres Vedras é considerado uma imagem de marca da região, visto que as suas manifestações festivas transformaram-se no *ex libris* da cidade.

O Carnaval articula o seu passado com o presente, tendo uma elevada carga simbólica e tradicional para a região de Torres Vedras. Segundo o autor, o Carnaval não é apenas um emblema tradicional com simbolismo no passado da região de Torres Vedras, mas consiste numa «tradição inventada», articulando o presente com o passado, levando à construção de uma história local. Logo, o Carnaval consiste numa tradição contemporânea, que surgiu na década de 20, estando ligado à transformação dos centros urbanos, devido ao surgimento de alguns valores burgueses, à crescente industrialização, ao comércio e à crescente população que o afirmava. (Raposo, 2001: 201)

Anteriormente, esta festividade tinha um impacto diferente, visto que ocorria apenas em alguns locais onde a sociedade se juntava, sendo caracterizada por acontecimentos que captavam a atenção pela sua originalidade ou alguns criticados pela imprensa local. (Reis, 2001: 188)

O Carnaval de Torres Vedras sofreu várias transições ao longo dos tempos, sendo uma festividade que adquiriu várias formas, a partir da evolução das épocas. Esta festividade, durante a primeira República, consistia numa festa de substituição, com cariz republicano e democrático substituindo grande parte do cariz religioso. Sendo que, desde 1923, o Carnaval passou a ser uma festividade de rua organizada. (Silva, janeiro de 2012 in *Revista Torres Vedras* nº06)

Nos anos 20, o Carnaval de Torres Vedras experimentou um verdadeiro impulso, através da formação de uma comissão organizadora dos festejos de rua, contudo ainda se vivia no rescaldo da Primeira Guerra Mundial que terminou em 1918, sendo que os seus efeitos ainda eram sentidos por parte dos indivíduos. (Matos, 2007: 35)

Segundo Venerando Aspra de Matos (2001), o Carnaval de Torres Vedras surgiu em 1923, podendo o mesmo ser dividido em quatro fases referentes à evolução do Carnaval ao longo dos anos. Na primeira fase o espaço temporal é compreendido entre o ano de 1922 a 1926, sendo designada pela fase da «invenção» do Carnaval torriense.

Neste período surgiram alguns elementos imprescindíveis que ainda nos dias de hoje perduram, tais como o aparecimento de uma forte ligação entre o Carnaval das coletividades e o Carnaval de rua, no ano de 1922. Devido a esta ligação estabelecida, surgiu no ano de 1923 uma comissão do Carnaval em que o propósito era compor uma estrutura sólida para o desenvolvimento do mesmo. Esta comissão possibilitou «realizar-se a primeira receção ao Rei do Carnaval, na estação ferroviária, à qual se segue um cortejo carnavalesco que, saindo do pátio de Francisco Alves, percorre todas as coletividades da vila». (Matos, 2001: 180)

As Pulhas ainda eram a principal brincadeira do Carnaval na zona rural, provocando graves distúrbios. Um exemplo disto, foi em 1922 na Ribaldeira, onde «vários indivíduos, aproveitando-se da época carnavalesca que atravessamos, passam a noite a injuriar, em descantes, diversas pessoas daquela localidade e bem assim a proferir palavras ofensivas da moral pública»⁶. Quando as autoridades chegaram à localidade, já não encontraram os responsáveis por tal brincadeira mas quando regressavam para Torres Vedras, encontraram na Caixaria outros grupos a proferir obscenidades, sendo que se dirigiram a estes tomando medidas face ao que se estava a suceder. (Matos, 2007: 31)

Antes do ano de 1923, as festividades ocorriam no Casino, no Grémio Artístico e Comercial, e mais tarde na Tuna Comercial Torreense. O Casino era um espaço mais recatado e frequentado em ocasiões importantes, enquanto que o Grémio Artístico e Comercial constituía um local de encontro mais frequentemente. A Tuna Comercial Torreense foi uma associação que surgiu mais tarde, estando ligada aos empregados do comércio. Mais tarde começou a ser frequentada por todas as classes, mas as classes sociais mais elevadas preferiam frequentar os outros locais. Esta festividade ocorria em três locais distintos, competindo entre si através dos sócios que as representavam.

Neste mesmo ano, surgiu o Teatro-Cine Ferreira da Silva que criava programas específicos para esta festividade. Algumas vezes recorria-se a outros espaços, tais como o Hotel Natividade e as Termas dos Cucos, que em 1926 organizaram nestes espaços o Carnaval. Até 1923, o Carnaval era realizado em casas particulares, passando depois a haver um complemento das associações com o Carnaval de rua. A partir desta data, o Carnaval passou a ser anunciado na imprensa, deixando de parte as antigas festividades por vezes restritas. Neste ano realizou-se a receção ao Rei, que chegava de comboio com os ministros e embaixadores, participando no cortejo carnavalesco e visitando as várias coletividades. (Reis, 2001: 188-192)

⁶ Matos, 2007, citado por *O Torreense*, 12 de Fevereiro de 1922.

No ano de 1924 surge a Rainha, sendo sempre representada por um elemento masculino. Nesta fase apareceu também as «matrafonas» que perpetuam como imagem de marca do Carnaval de Torres Vedras. Este conceito de «matrafona» surge devido aos homens do campo com pouco poder económico, se mascararem de mulher durante o Entrudo, através de roupas velhas e de caras feitas com caixas de sapatos. (Matos, 2001: 180)

Neste ano, o Rei foi recebido na estação do caminho de ferro por «um esquadrão de cavalaria e burraria e por um batalhão de marinheiros de água doce, ministros e embaixadores. Foi ainda recebido por vários coches, de entre os quais se destacou um com altos dignatários, como o cardeal, o bispo, o cônego e o acólito». (Matos, 2007, citado por *O Torreense*, de 12-03-1924) Esta representação de sátira à igreja foi mais tarde abandonada devido a questões políticas. O cortejo visitou as sociedades de recreio terminando no Grémio Artístico e Comercial, com o batismo do Rei e a presença da Rainha, representada por Jaime Alves. (ver anexo 6, imagem 2)

Ainda em 1924, o Carnaval de rua foi filmado pela primeira vez por Otto Liebell, técnico alemão que instalou a luz elétrica em Torres Vedras, sendo o filme projetado na segunda-feira de Carnaval no Teatro-Cine. A imprensa local cobriu e relatou pormenorizadamente esta festividade de rua.

Em 1926 (ver anexo 6, imagem 3), encerra-se a primeira fase do Carnaval, surgindo segundo testemunho oral, os grupos de matrafonas. Em algumas aldeias de Torres Vedras, havia grupos de homens mascarados de mulher que percorriam as tabernas com roupas velhas e máscaras feitas à mão.

Entre o final da primeira fase e o início da segunda, houve um interregno das festividades durante quatro anos (1927 a 1929) devido a viver-se um período de Ditadura Militar. Durante este interregno, o Carnaval desaparece das ruas voltando para as coletividades. (Matos, 2007: 36-37)

A segunda fase iniciou-se no ano de 1930 a 1940, consistindo num período de propaganda, devido à organização do Carnaval. (Matos, 2001: 180) Em 1930, organizou-se a receção ao rei, juntamente com um cortejo e com a visita às coletividades, acompanhado pelo Bobo, sendo toda esta cerimónia filmada pela «Torres Film». (Matos, 2007: 38)

Nos anos seguintes, para além do cortejo introduziram-se outras novidades que cativaram o público, tais como uma batalha de flores em 1931:

Aonde os confettis e as serpentinas multicolores, junto aos ramos floridos das acácias, ficavam despojos inúteis atraindo cada vez mais forasteiros.⁷ Foram-se incorporando diversos carros, desde os destinados ao reclame da casa de comércio locais, aos que pretendiam representar diversas cenas. (Reis, 2001: 193)

No ano de 1931 fizeram parte da comissão organizadora «Alberto Vieira Jerónimo, Edmundo Carnide, Reinaldo Ferreira da Silva, Olavo Ferreira dos Santos, Manuel Firmino da Silva, Francisco Boaventura da Silva e José Neves», sendo que as ornamentações foram da responsabilidade de Amílcar Guerreiro. Neste ano, houve a primeira «batalha de flores» e um cortejo com carros alegóricos criados por particulares e pelas firmas, acompanhado pela banda filarmónica da Ponte Rol, onde o recinto era fechado e os lucros revertiam para a Colónia Balnear da Física. Neste desfile destacaram-se:

O carro de Raul Rocha, de reclame à sua casa fotográfica, o carro de Rocha Peixeiro e Miguel Mendes, o carro de João Rufino dos Santos, um grande sapato propagandeando a sua sapataria 1º de dezembro, o carro das ceifeiras, o carro de Souza e Manarte, um enorme bacalhau, o carro de João Henriques dos Santos com os cinco diabos, o carro do vinho, o carro da casa Leão. (Matos, 2007: 39)

Este festejo foi divulgado por Lisboa, tendo assistido cerca de 3000 pessoas ao mesmo. (Matos, 2007: 38-39) Mais tarde, foram introduzidos nas batalhas de flores, os cocotes de areia, serradura e sacos de feijão que eram vistos como uma brutalidade da época, retirando assim o contexto civilizacional. (Reis, 2001: 193)

Em 1932, a comissão organizadora aperfeiçoou-se, sendo constituída por «Jaime Alves, José Lúcio, Alfredo Borba, Manuel Firmino da Silva, António Leal d' Ascensão e Galileu Bernardes», sendo que as receitas do carnaval revertiam a favor do Asilo de São José. Nesta altura, surgiram mais três bandas para animar a festividade, sendo estas a banda da Ermegeira, a dos Bombeiros de Torres Vedras e a de Óbidos. Neste ano, ficaram conhecidos alguns carros (ver anexo 6, imagem 4) como «a concha, o golfinho, a lira, o carro real de Celestino Muñoz e uma Quadriga Romana».

O Carnaval deste ano, ficou marcado pelos bailes nas coletividades locais e pela atuação de cómicos, músicos e filmes humorísticos no Teatro-Cine, tendo o registo cinematográfico ficado a cargo da «Lisboa Film».

⁷ Reis, 2001, citado por *Gazeta de Torres*, 22 de fevereiro de 1931.

No ano de 1933, o Carnaval afirmou-se levando à sua projeção a nível nacional, sendo uma mais-valia, pois proporcionou uma maior aderência por parte do público e um maior conhecimento sobre o mesmo. Esta projeção dependeu da participação financeira da CMTV e da campanha de propaganda da imprensa nacional, permitindo assim alargar o desfile para dois dias (segunda e terça-feira), estando presentes mais de 20 mil pessoas, revertendo os fundos para os Bombeiros Voluntários. Neste ano, era notória a ligação entre o Carnaval e a política, visto que em Portugal vivia-se segundo um regime fascista e na Alemanha, o Hitler tinha ascendido ao poder.

Pela primeira vez, foi atribuído um prémio para o carro de Carnaval mais original, sendo este o carro da «Taça de Champagne». Mas apareceram no desfile outros carros particulares também originais, tais como «o ovo, (ver anexo 6, imagem 6) o penedo do guincho, o elefante, (ver anexo 6, imagem 5) o couraçado, o moinho holandês, o campo de aviação de Santa Cruz, o cesto, o cesto de flores, o barco de pesca, a festa na aldeia e o comboio mistério». Apareceram ainda os carros de cariz publicitário, tais como o carro da casa Hipólito (minhotas), o carro que fazia propaganda à Horta Nova (Garrafão), o carro que publicitava os produtos banacão e o grupo espontâneo de bicicletas mascaradas. Todos estes temas presentes no desfile dos carros alegóricos, marcaram o estilo de outros desfiles futuros. Durante este período houve uma presença constante dos *media* que faziam a cobertura dos acontecimentos relevantes do Carnaval, afirmando-se também o carácter profano do Enterro do Carnaval, realizado na Praça de São Pedro através da leitura de testamentos do rei (ver anexo 4) do Carnaval. (Matos, 2007: 39-43)

Também em 1933, o Carnaval continuou a evoluir favoravelmente sendo considerado um dos carnavais mais animados e espontâneos. Ao longo deste ano, o Carnaval sofreu uma grande evolução, devido à implementação de propaganda, aumentando assim esta festividade. A participação era integrada por dezenas de carros alegóricos, por mordomos, embaixadores, tropas, aguazis, alabardeiros, e mosqueteiros, mobilizando assim muita da população torriense. Ocorreu ainda uma batalha de flores onde foram alugados todos os automóveis da praça, atuando cinco filarmónicas em conjunto. Devido a tudo isto, a descrição de Carnaval diferenciava daquilo que era mencionado há duas décadas anteriores: «agora Torres Vedras é sem dúvida a terra portuguesa onde o Carnaval é mais animado.»⁸

O Carnaval começou a ser uma festividade organizada e com fins turísticos e de beneficência, apostando-se fortemente na divulgação e nos transportes públicos, sendo este

⁸ Reis, 2001, citado por *Gazeta de Torres*, 3 de março de 1933.

um meio facilitador para a participação popular. As ruas passaram a estar mais embelezadas através de arcos, cartazes, palcos e stands de artigos carnavalescos. A participação nesta festividade era predominantemente masculina, havendo alguns indivíduos do sexo feminino, embora não se expusessem tanto devido à ideia incutida de parecer mal, estar presente nesta festividade. Já nesta altura se falavam nos assaltos ao Carnaval, mas num contexto de iniciativa distinta. Estes assaltos ao Carnaval consistiam em assaltos às casas das pessoas amigas, tendo como finalidade a beneficência.

Para além dos festejos carnavalescos na cidade de Torres Vedras, as aldeias do concelho, continham a sua própria animação através de algumas manifestações desordeiras, manifestadas pelos Pulhas, pelas caqueiradas e pelos bailes. As Pulhas eram um elemento tradicional desta festividade, apesar de serem proibidos pelas autoridades, visto serem conhecidos como indivíduos desordeiros que proferiram injúrias à moral pública. (Reis, 2001: 193-195)

No último dia desta festividade, quarta-feira à noite, procede-se ao Enterro do Carnaval com a realização de várias cerimónias. Este consistia num:

Cortejo fúnebre terminando em Auto de Fé, provavelmente ligado à crença do fogo purificador. Em 1908, um numeroso grupo percorreu as ruas na Quarta-feira à noite, acompanhado por música, que tocava marcha fúnebre, e por um esquife com a figura do Rei do Carnaval. Esta foi depois queimada no largo na Graça. (Reis, 2001, citado por *Folha de Torres*, 8 de março de 1908)

Implantação da República levou a que esta cerimónia passa-se a corresponder a uma crítica à Igreja Católica (...) o cortejo fora ofensivo para os católicos, ao incorporarem-se pessoas vestindo hábitos talaes e parodiando as cerimónias religiosas. (Reis, 2001, citado por *O Torreense*, 5 de março de 1922)

Em 1934, manteve-se o estilo do Carnaval do ano anterior, havendo uma equipa de filmagens para registar a festividade, apostando-se na propaganda através da distribuição por avião e a utilização de alguns carros alegóricos (ver anexo 6, imagem 7/8) para a divulgação da mesma.

Em 1935, apesar da quantidade de bilhetes vendidos é de salientar a falta de carros alegóricos no curso, sendo que esta festividade deu prejuízo. Fizeram parte integrante neste Carnaval, seis bandas de música, o desfile de cinquenta cabeçudos e gigantones, uma equipa de filmagens da «Sonoro Film», e os bailes das coletividades com a utilização do mercado para a mesma finalidade. Neste mesmo ano é de salientar o carro dos reis designado de «quadriga romana», o carro dos príncipes designado de «concha» puxada por golfinhos e os

carros das damas de honor, dos jornalistas e da aviação. Salientam-se ainda outros carros, tais como «o ninho de cegonhas, a lira da tuna, o circo Malcheiroff, o antar da sereia, o carro dos pirolitos, o ferro de engomar, a banheira e bacio, o carro de reclame das baterias philco, o carro das borboletas, a torre de belém, entre outros». Por fim, realizou-se o enterro no Largo de São Pedro, antecedido de um cortejo com archotes e finalizado com o auto de fé e a leitura de um testamento. (Matos, 2007: 43-44)

Com o passar dos anos, o Carnaval de Torres Vedras fez surgir outras necessidades, tais como em 1936, em que esta festividade terminava aquando os corsos, às 19h, havendo assim a necessidade de prolongar o *timing* do Carnaval devido à crescente animação. (Célia Reis, 2001: 190) Contudo, apesar de ser uma época relevante foi marcada pela censura, pela proibição de certos comportamentos e pelos desfiles dos carros alegóricos, que criticavam as autoridades da época. Apesar disto, houve alguns artistas que se destacaram e que se tornaram uma imagem viva do Carnaval, tais como, «Amílcar Guerreiro, Celestino Muñoz e Edmundo Carnide. Este último, vestido de bôbo, percorria o país para fazer propaganda ao carnaval torriense». (Matos, 2001: 181)

Neste mesmo ano, propôs-se a participação das freguesias do concelho de Torres Vedras, sendo que cada uma poderia apresentar um carro de Carnaval no corso. Tendo em conta isto, a comissão organizadora comprometia-se a subsidiar em 30% as despesas nos carros particulares, podendo o subsídio atingir até os 50%. Não se encontram referências aos carros mais característicos deste ano mas sim aos de 1937 (ver anexo 6, imagem 9), sendo eles o carro dos cogumelos, dos malmequeres, das amendoeiras em flor, das ceifeiras e do bandolim.

Nesta segunda fase do Carnaval, esta festividade foi ganhando mais fama, mais publico, mais carros e mais bandas, sendo considerada a época de maior notoriedade do mesmo. A importância desta festividade para a região era salientada pela imprensa local, passando-se do Carnaval burguês para o Carnaval popular.

Entre o final da segunda fase e o início da terceira fase, houve um interregno das festividades durante vinte anos (1940 a 1960), devido à Segunda Guerra Mundial e às dificuldades económicas sentidas por parte da organização.

Em 1940, eram proibidos os festejos carnavalescos devido ao período de guerra que se fazia sentir. De modo a tentar contornar este obstáculo à realização do Carnaval, foi constituída uma comissão organizadora do mesmo, estando presente um representante de cada uma das coletividades, ou seja, da Tuna, do Grémio, Operário, do Casino e do Sporting Clube de Torres. Esta comissão pediu uma autorização ao presidente da CMTV para realizar esta

festividade, sendo que o presidente autorizou mas não se podia realizar propaganda, de modo a que as autoridades de Lisboa não tivessem conhecimento sobre o mesmo. Perante tudo isto, o Carnaval de Torres Vedras ainda se realizou neste ano, adotando-se a mesma estratégia em 1941, sendo que neste ano o jornal «Voz do Concelho» anunciou os festejos carnavalescos, acabando por nos próximos anos esta festividade estar extremamente proibida, devido à pressão exercida pelas autoridades.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ficam apenas as recordações distantes do Carnaval dos anos 30. Em 1946, num período de pós Segunda Guerra Mundial, retoma-se o Carnaval de rua com pouca propaganda e com animação nas várias coletividades. Neste mesmo ano, os representantes das coletividades e da CMTV reuniram-se de modo a planear e organizar o Carnaval do ano seguinte, sendo que algo correu mal, e em 1948, o jornal «Torreense» escreveu um apelo para que se formasse uma nova comissão que retomasse o Carnaval. Mas só em 1950, houve condições para ocorrer o renascimento do Carnaval (ver anexo 6, imagem 10), sendo que Jaime Alves representou pela última vez a rainha do carnaval.

Em 1951, tomaram posse os novos reis do Carnaval, (ver anexo 6, imagem 11) destacando-se no curso alguns carros alegóricos, tais como «astrólogos e fadas, marroquinos, a torre de belém, (ver anexo 6, imagem 12) a galé do pirata, a arca de noé, os cegonhas, o mafarrico, o coreto de saudosa memória, a lanterna da incandescência a alumiar o mundo, a bomba da trasfega, a cerâmica do outeiro, o carro elétrico e o trenó. Apesar de todo o entusiasmo, o mau tempo provocou prejuízos no mesmo, sendo realizado apenas no domingo de Páscoa uma festa da primavera com uma batalha de flores e uma marcha luminosa. (Matos, 2007: 52) Até 1955, o Carnaval foi sendo realizado mas a partir desta altura até 1960 não se realizou, mantendo-se apenas uma recordação deste através dos bailes realizados nas coletividades. (Matos, 2007: 45-53)

A terceira fase decorreu de 1960 a 1974, sendo um período onde o Carnaval se afirmou como tradição e organização independente. Devido aos vinte anos de interregno, esta fase foi marcada por grandes dificuldades, nomeadamente em recuperar os festejos carnavalescos, que só ganharam um novo ânimo a partir de 1960. (Matos, 2001: 180-182)

Para tal ser possível, realizou-se em 1959 uma reunião no Teatro-Cine de Torres Vedras, formando-se uma comissão em que o principal objetivo era impulsionar o Carnaval. Esta comissão permitiu que o desfile de Carnaval de 1960 (ver anexo 6, imagem 14) decorresse durante dois dias, ao domingo e à terça-feira, sendo que os fundos revertiam para a Colónia

Balnear Infantil de Santa Cruz. Esta nova comissão, presidida pelo Senhor Luís Brandão de Melo, era constituída por:

Adriano Estevinha Lopes, Amílcar Brilha, António Augusto Baptista, António Maria de Sousa, Augusto Miranda, Fernando Esteves, Francisco do Nascimento Duarte Paulo, Jaime Horta Severino, Joaquim Alfredo Gomes dos Reis, Joaquim Mendes, José Hipólito, José Paulo Duarte, Levy Miguel dos Santos, Luís António Maldonado Rodrigues, Manuel Maria Rosado, Mário Barata, Octávio Augusto Neves, Raul Rodrigues, Rui Afonso Pintão e Teodoro Rodrigues Costa. (Matos, 2007: 54-55)

O principal responsável pelo novo emergir do Carnaval nos anos 60 (ver anexo 6, imagem 13) foi Luís Brandão Pereira, sendo que neste período também se destacou a arte de um Luís Faria. (Matos, 2001: 182)

Nos anos 60, através do reviver do Carnaval, a imagem do saloio como estereótipo cultural é aquela que emerge mais durante a festividade. Esta figura popular e regional surge interligada a uma cultura do vinho, que nos anos 90 é convertida na cultura da noite através dos assaltos ao Carnaval nas discotecas e no Carnaval de verão em Santa Cruz. (Raposo, 2003: 187)

Durante esta fase, apareceram novas imagens de marca do Carnaval, sendo que a sua presença continua a ser obrigatória nos festejos da atualidade. Nesta altura surgem os Zés Pereiras acompanhados dos seus bombos e gaita de foles, para acompanhar o desfile dos gigantones e dos cabeçudos, sendo que os cabeçudos constituem uma presença obrigatória no Carnaval de Torres da atualidade.

Entre 1960 a 1974, o Carnaval apenas sofreu uma interrupção de 1963 a 1964, devido à Guerra Colonial mas os festejos carnavalescos durante esta fase ganharam um novo ânimo sendo impulsionados. (Matos, 2001: 182) Em 1963, o Carnaval manifestou-se apenas pela espontaneidade de um grupo de foliões não havendo uma comissão organizadora do mesmo, nem as entradas eram pagas. O seu programa consistiu apenas na chegada dos Zés Pereiras no sábado, a chegada dos reis com cortejo real no domingo de manhã, e o fornecimento de cocotes e confettis para a batalha das flores no domingo à tarde. Perante toda esta mudança, António Augusto Sales apelava através de um conjunto de três textos publicados no jornal «Badaladas» para que os torrienses não deixassem morrer o Carnaval. O jornal também publicou uma série de inquéritos realizados a sete personalidades torrienses, relevantes na vida política, social e cultural, sendo que todas demonstraram a importância de reanimar os festejos carnavalescos.

Uma das personalidades torrienses foi o presidente da CMTV mencionando que deveria ser a Associação de Educação Física e Desportiva a criar um local especial para a realização dos festejos porque a Colónia Balnear Infantil é uma das mais beneficiadas com esta festividade. Para Tancredo Costa, a continuidade do Carnaval dependia da colocação de Feriado Municipal na terça-feira de Entrudo, de modo a que todos os indivíduos pudessem usufruir e participar nesta festividade, e dependia ainda da criação de uma associação de festas do Carnaval, com edifício próprio, servindo de arrumação para todo o material, para realizar festas noturnas e distribuir os prémios atribuídos aos melhores carros alegóricos e às melhores máscaras.

Segundo José Ramos, o Carnaval necessitava que as entidades locais emprestassem uma verba calculada para a realização do mesmo e que se construísse um barracão que servisse de oficina e de arrumação dos materiais. Para António Hipólito Júnior, esta festividade deveria erradicar alguns erros anteriores, tais como, o Carnaval de rua ser mal vestido, desvalorizando assim Torres Vedras. Outro dos participantes foi José do Vale, que deu ênfase às vantagens da organização do Carnaval, sendo estas, uma excelente divulgação da região de Torres Vedras, beneficiar economicamente o comércio da região e os lucros reverterem para a Colónia Balnear Infantil. Mencionava ainda, a necessidade de haver um fundo proveniente das receitas da quotização de particulares e de casas comerciais, subsídios das entidades oficiais, entre outros, que suportasse os prejuízos ocasionais que esta festividade poderia acarretar. Para Venerando Ferreira de Matos, é necessário um ressurgimento do Carnaval em toda a sua plenitude, através da criação de uma comissão formada por indivíduos que se interessem realmente por esta festividade e pelos problemas da região, e não só pelos seus interesses pessoais. Por fim, José Afonso Torres aponta dois obstáculos à organização do Carnaval ao longo dos anos, sendo estes obstáculos a época fixa do ano para a realização do mesmo, onde as condições meteorológicas são imprevisíveis, e a repetição dos elementos nas comissões, sendo que em cada ano deveriam ser convocadas reuniões com as coletividades de modo a eleger novos membros para cada comissão.

Apesar de tudo isto, em 1964, o Carnaval não se realizou mas em 1965, a «Física» responsabilizou-se pela organização do mesmo, com uma comissão constituída por 20 elementos, sendo presidida por António Maria de Sousa. (ver anexo 6, imagem 15) Esta festividade tornou-se popular e de massas, diferenciando-se de outros carnavais urbanos da época, como por exemplo o Carnaval do Estoril constituído por burgueses e menos irreverentes.

No ano de 1966, realizou-se um concurso público de desenhos de carros alegóricos, tendo como finalidade aumentar a qualidade e a criatividade dos carros alegóricos participantes no corso.

Em 1968, o Carnaval foi preparado com muito empenho, de modo a que constitua um cartaz turístico da região e que não desvalorize o dos anos anteriores. Neste ano, as coletividades enfeitavam os salões, as orquestras ensaiavam as suas músicas, as costureiras confeccionam os trajes e os adereços, os operários e construtores confeccionavam os cabeçudos, os gigantones e outras figuras, bem como os confettis e os sacos para as batalhas de flores, e nas oficinas construíam-se duas dezenas de carros alegóricos e outros divertimentos.

Em 1970, já desfilaram 25 carros alegóricos, sendo que em 1971 realizou-se o primeiro passeio «auto-trapalhão», em que os participantes iam mascarados servindo como divulgação do Carnaval, nos concelhos vizinhos. Em 1972, foi editado um jornal humorístico e promovido a nível nacional, o primeiro concurso fotográfico do Carnaval de Torres Vedras. Também neste ano surge a Pandilha, que percorria as comunidades locais, fazendo algumas críticas e ridicularizações sociais e políticas. Esta imagem de marca surgiu pela primeira vez em 1948 e acarretou alguns problemas com as autoridades, mantendo-se em atividade até 1990, sendo exemplo das tradicionais Cegadas.

Até 1974, o Carnaval continuou a ter êxito sendo considerado um dos carnavais mais populares de Portugal, apesar dos espaços de liberdade anteriores ao 25 de abril terem sido raros. Neste mesmo ano, o país vivia sob a liberdade conquistada pelo 25 de abril, sendo uma oportunidade para o Carnaval se expandir e inovar, apesar de, até 1978, através de várias tentativas, não se conseguiu fazer renascer o Carnaval.

Em 1978, formou-se uma comissão de Carnaval patrocinada pela CMTV e pela comissão de turismo, que proporcionou o regresso do Carnaval revertendo os fundos a favor do asilo de São José, mas por pouco tempo, devido às crises orçamentais e às inundações de 1983 (ver anexo 6, imagem 16). A partir de 1978, a vereação da cultura e do turismo, presidida por António Carneiro, decidiram responsabilizar-se pela organização desta festividade, transformando-a num dos cartazes turísticos da região de Torres Vedras. (Matos, 2007: 55-63)

A quarta fase decorreu de 1985 até à atualidade, consistindo num «Carnaval em liberdade», organizado e estruturado (Matos, 2001: 180) Formou-se uma comissão central constituída por «José Quaresma Ramos, Renato Valente, Gilberto Pedro Lopes, Victor Sérgio Silva e Afonso Umbelino», que foram adquirindo equipamentos próprios de forma a modernizar esta festividade. A partir desta altura, o Carnaval vai crescendo ao longo dos anos,

quer em quantidade como em qualidade, rejeitando influências externas, assumindo-se como «o mais Português de Portugal» e como o mais mediático do país. (Matos, 2007: 65)

A partir do ano de 1988, a comissão organizadora do Carnaval seguia uma temática para a realização do mesmo, acabando por ser seguida por todas as entidades envolvidas na festividade, tais como os grupos de mascarados, os carros alegóricos, os desfiles das escolas e os bares. (Matos, 2001: 183)

Em 1989, esta festividade passou a ser transmitida televisivamente e em direto, sendo considerado um acontecimento inédito face a outros carnavais, algo que acontece até aos dias de hoje, apenas havendo uma interrupção na transmissão em 1996. Em 1992, o Carnaval foi transmitido no telejornal em Espanha, em 1993 ficou marcado pela recusa do primeiro-ministro, Cavaco Silva, em assinar o decreto que dava feriado na terça-feira de Carnaval. Em 1995 é dedicado a esta festividade um programa televisivo na Coreia do Sul. O Carnaval tornou-se uma notícia imprescindível e regular nos canais televisivos, durante a época carnavalesca, bem como nas rádios nacionais e nas páginas dos jornais e revistas. (Matos, 2007: 66)

Nos anos 90, a sexta-feira de Carnaval passou a ser um ponto alto desta festividade, devido ao desfile escolar e aos grupos de mascarados que animavam as discotecas, os bares e o desfile diurno de domingo e terça, sendo que só em 1995 surgiu o curso noturno no sábado. Este período atual destacou-se pela qualidade dos carros alegóricos, devido ao artista José Pedro Sobreiro que teve vários artistas locais a seguir a sua arte, colaborando na imagem iconográfica desta festividade, destacando-se António Trindade e António Travanca. (Matos, 2001: 183)

O Carnaval torriense foi influenciado por todas as mudanças e inovações que ocorreram ao longo dos tempos, adquirindo assim a sua essência atual. Sendo que:

De tudo isto bebeu o carnaval torriense, hoje como ontem desenvolvido na rua, com os seus cortejos, com as batalhas das flores em vez das laranjadas, por vezes violentas. Um tempo de excessos também na comida, através de alimentos gordos e flatulentos que libertariam gases pestilentos e sonoros, substituídos modernamente pelas bombas de mau cheiro. (Silva, janeiro de 2012 in Revista *Torres Vedras* nº06)

Todas as manifestações associadas ao Carnaval de rua nem sempre foram encaradas de modo agradável, pois eram vistas como escárnio por parte dos *media* local. Era difícil apreender as manifestações carnavalescas de rua porque os redatores da empresa local não as

divulgavam, descrevendo apenas a quadra «sensaborã» e sem graça. (Reis, 2001: 191) Ao descreverem esta quadra, o Português em 1908, afirmava «não ter sido vista nenhuma máscara decente, com espírito, mas apenas alguns esfarrapados porcalhões nas ruas, metendo mais dó e nojo que outra coisa. Não eram, porém, originais, pois noutras localidades verificavam-se situações semelhantes, propondo-se folias mais civilizadas». (Reis, 2001, citado por Veja-se Carlos Enes, op. cit.)

O Carnaval de Torres Vedras cresceu devido a campanhas de marketing, sendo o ex libris da cidade, tendo-se tornado numa festa oficializada com as suas raízes inseridas nos anos 20. Para a autora Célia Reis (2001), este consiste numa celebração tradicional em constante desenvolvimento e inovação, preservando as suas tradições apesar de todas as alterações que esta festividade sofreu ao longo das épocas. A autora menciona que esta festividade caracteriza-se pelo divertimento, pela sátira, pela abundância e pela abertura da festa a todos os indivíduos, independentemente da classe social. É de salientar que nesta festividade se aborda questões políticas e sociais, que resultam de práticas antigas mas também de uma forma de sátira metafórica.

Para a autora, o Carnaval tem um lugar marcante dentro das quatro festividades presentes ao longo do ano na sociedade, sendo que esta festividade prolonga-se mais do que o Ano Novo, a Páscoa e o Natal, apesar dos elementos que as caracterizam serem semelhantes, tais como os bailes e o teatro. (Reis, 2001: 187-188)

O Carnaval de Torres Vedras evoluiu bastante ao longo dos tempos, não só no seu aspeto exterior, mas mantendo-se as tradições dando um novo vigor ao Carnaval, deixando de ser apenas uma data estanque. (Reis, 2001: 197) Este consiste num produto cultural que pertence ao mercado da bolsa dos «bens culturais» e da bolsa do turismo em Lisboa. Como produto turístico está integrado numa rede de carnavais internacionais, tendo um site na internet (<http://www.carnavaldetorres.com/>) e autopromovendo-se em panfletos, programas (ver anexo 7), ações e outros eventos promocionais. (Raposo, 2003: 188)

3.2 - Organização do Carnaval de Torres Vedras

Segundo o autor Jorge Ralha (2006), o Carnaval de Torres Vedras é um marco fundamental para a cidade e o seu concelho, desde há décadas. Esta afirmação é fundamentada no facto de ao longo dos anos se manter fiel à tradição carnavalesca sem a alterarem, apesar das inúmeras influências do exterior. O festejo carnavalesco desperta vários sentimentos, emoções e preconceitos nos indivíduos. Isto verifica-se através de alguns comportamentos carnavalescos dotados de exagero e de «padrões estéticos rebaixados».

Para o autor, na memória dos portugueses contemporâneos, o Carnaval é encarado como uma festividade centrada nas máscaras de fada, do soldado ou da sopeira, que participavam nos bailes do seu tempo, e ainda o lançamento dos confettis e das serpentinas. Recentemente, os *media* recomendaram o Carnaval do Brasil, tendo em conta a grandiosidade dos grupos de samba, e ainda o brilho e o ritmo do desfile carnavalesco.

Existem em Portugal outros modos de vivenciar o Carnaval, baseados também na sátira e na crítica social, na adoção de outra identidade e no convívio resultante desta festividade. Na atualidade, as regiões onde o Carnaval é tradição e integra a sua identidade, abordam esta festividade como uma promoção da imagem da região, como atração turística e como um fator que influencia a economia local. Toda esta folia mobiliza milhares de indivíduos provenientes de todas as zonas do país.

Existem poucos estudos e documentos sobre o Carnaval de Torres Vedras, visto que «o seu carácter efémero não deixa geralmente mais do que uma réstia de memória, sendo por isso o domínio apropriado para o estudo centrado na recolha de testemunhos orais.» O autor apresenta como proposta para estudo/investigação, um relatório sobre a construção do Carnaval. Segundo o mesmo, o Carnaval de Torres Vedras é a principal imagem da cidade e do concelho, sendo sempre fiel à tradição do Entrudo português. Apesar de ser um Carnaval com uma forte ligação à tradição, houve influências por parte dos *media* para impor outros modelos, como aconteceu noutras regiões do país.

O Carnaval de Torres Vedras é então considerado o «Carnaval mais Português de Portugal», embora o Carnaval de Ovar tenha vindo a reclamar o mesmo título. Este podia vir a ser considerado o «único português de Portugal», porém tem de se ter em conta os caretos de Miranda do Douro, a dança das cruzes de Cabanas de Viriato e o Carnaval da Nazaré, muito parecido na década de sessenta com o Carnaval torriense.

O Carnaval não impôs outros modelos mas sofreu influências exteriores que acabou por integrar, tais como o cocote proveniente do Carnaval de Nice (início do séc. XX), o trio elétrico característico do Carnaval da Bahia que se transformou no «Tocandar» e as falas valencianas presentes no monumento do carnaval e nalguns carros alegóricos. Até na música transmitida há influência brasileira, intercalada com música latino-americana, portuguesa e africana. (Ralha, 2006: 305-306)

O Entrudo português encontra-se presente no Carnaval de Torres Vedras, tornando-o espontâneo e criativo. Esta tradição encontra-se presente devido:

À ideia de arruada (o nosso corso é isso mesmo e as manifestações noturnas do Carnaval, também têm aí a sua força) onde cada um pode participar dando (ou não) largueza à sua criatividade, crítica ou sátira. Este carácter espontâneo do Carnaval de Torres constitui a sua essência, sem a qual ele forçosamente deixará de ser o que é. (Ralha, 2006: 306)

Para além da tradição do Entrudo existem alguns elementos tradicionais, tais como, os reis, os zés pereiras, os cabeçudos (ver anexo 6, imagem 26), os carros alegóricos (ver anexo 6, imagem 22/23/24), os cocottes, a sátira, a crítica social e as matrafonas (ver anexo 6, imagem 27), que sempre se mantiveram presentes até aos dias de hoje. (Ralha, 2006: 306)

O Carnaval de Torres Vedras é influenciado pelos modelos de outros cortejos, tais como os de Nice e os de Lisboa, sendo então designado como um evento híbrido. Esta festividade apresenta um desfile realizado em perímetro fechado, no centro da cidade, em que as entradas são pagas, os carros alegóricos juntam-se aos grupos e aos carros de grupos espontâneos de mascarados. O Carnaval:

Fundiu a região rural do Concelho de Torres Vedras e a trouxe para a cidade, através da figura do saloio como imagem de destaque central; mas foi também o local de consolidação e afirmação da burguesia crescente, do comércio e da indústria, que se cotejava em efeitos, fantasias e carros alegóricos de confeção escrupulosa. (Raposo, 2003: 184)

O Carnaval de Torres Vedras apresenta algumas particularidades, tais como a possibilidade de toda a comunidade participar na festividade, encarando uma outra personagem, embora nem todos os torrienses tenham interesse em participar. Esta festividade retrata as instituições económicas, políticas, industriais, comerciais, associativas, culturais e artísticas, dando privilégio às metáforas, às anedotas e aos comentários locais. (Raposo, 2003: 186-187)

O Carnaval de Torres Vedras é organizado, permitindo a livre participação de todos os indivíduos no mesmo, acabando por ser uma organização aberta. Segundo o autor Jorge Ralha (2006), a sua organização baseia-se em três pilares, sendo estes a comissão do Carnaval (Real Confraria), a CMTV e a Empresa Municipal Promotorres. (Ralha, 2006: 306-307)

A Real Confraria do Carnaval de Torres Vedras foi a primeira confraria existente em Portugal, tendo como finalidade a promoção da imagem desta festividade, através da sua preparação, assegurando a participação dos cidadãos e preservando a sátira e a espontaneidade característica da mesma (Site oficial do Carnaval de Torres Vedras, www.carnavaldetorres.com)

A Real Confraria do Carnaval de Torres propõe-se nos seus estatutos:

Organizar festas, receções, banquetes, provas, concursos, conferências, cursos, passeios culturais e outras manifestações; apoiar o estudo e divulgação de trabalhos sobre o Carnaval de Torres Vedras; glorificar as virtudes, tradições e história do Entrudo torriense; defender a genuinidade, tipicidade e prestígio do Carnaval local; colaborar e/ou associar-se a organizações nacionais e estrangeiras similares; e procurar apoios para o surgimento, promoção e manutenção do museu do Carnaval de Torres. (Site oficial do Carnaval de Torres Vedras, www.carnavaldetorres.com)

A comissão central que organiza o Carnaval, a Feira de S. Pedro e o Festival das Vindimas escolhe até ao verão a temática do Carnaval do ano seguinte.

O facto de cada Carnaval estar ligado a uma temática centrada num acontecimento nacional ou internacional, proporciona uma coerência face à promoção e às transmissões televisivas, bem como valoriza os grupos de animação e a animação noturna.

Após a escolha da temática, no início de setembro, inicia-se um diálogo com os criativos, sendo que a comissão tendo por base a temática escolhida enumera sugestões sobre a sátira política a introduzir nesta festividade. Após a realização de várias reuniões, aprova-se as propostas e inicia-se a construção dos carros alegóricos.

Uma semana antes do início do Carnaval, desloca-se a Lisboa para agitar a Baixa Pombalina, uma embaixada composta por Ministros e Matrafonas.

Nos anos 90, iniciou-se na sexta-feira de manhã a tradição referente ao curso escolar, com a finalidade de mostrar aquilo que era realizado nas escolas da cidade. No ano de 1997, desfilaram mais de 3000 crianças e jovens, entre a idade infantil até ao ensino secundário, na presença do Secretário de Estado da Juventude. O sector da Educação da CMTV faculta algum apoio financeiro de modo a estimular esta nova tradição.

Em 1995, a cerimónia da chegada dos reis passou a realizar-se à noite após a cerimónia de boas vindas e coroação dos mesmos, seguindo-se pelo corso noturno, constituído por carros alegóricos, zés pereiras, cabeçudos, fanfarra, bandas e milhares de foliões. A existência do corso noturno no sábado veio reforçar a importância da noite torriense, sendo que no centro histórico da cidade, os milhares de foliões presentes nesta festividade percorrem até de madrugada os bares e as discotecas. (Matos, 2007: 67-69)

3.3 - Estrutura atual do programa carnavalesco em Torres Vedras

O Carnaval de Torres Vedras proporciona um programa carnavalesco diversificado em todos os anos, sendo a sua estrutura semelhante variando a temática desta festividade. Esta festividade tem uma duração de seis dias, iniciando-se a uma sexta-feira e terminando a uma quarta-feira. Antes do início dos seis dias de folia, ocorre a inauguração do monumento e os assaltos ao Carnaval, realizados ao longo dos quatro fins de semana que antecedem o mesmo.

Neste ano de 2015 o Carnaval realizou-se de 13 a 18 de fevereiro, sendo o tema o Amor, caracterizado pela célebre frase «o Amor anda no ar». No próximo ano o Carnaval será festejado de 5 a 10 de fevereiro, sendo a sua temática as «Figuras e os Figurões». O Carnaval de Torres Vedras disponibiliza a venda de um kit, constituído por pulseira livre-trânsito, um crachá e outros objetos relacionados com a temática. Para além do kit, encontra-se à venda no local as pulseiras de livre-trânsito e a pulseira para o dia.

Por fim, apresento de forma detalhada o programa geral do Carnaval de Torres Vedras de 2015, englobando os eventos que ocorreram durante esses seis dias de folia.

3.3.1 - Programa Geral do Carnaval de 2015

24 JANEIRO | SÁBADO

17h00 | Inauguração do Monumento | Praça da República (ver anexo 6, imagem 25)

07 FEVEREIRO | SÁBADO

11h00 | Lançamento da Revista o Barrete | Praça da República

21h30 | Corrida de Matrafonas (e outros mascarados) | Praça Machado Santos

13 FEVEREIRO | SEXTA-FEIRA

9h30 Corso Escolar | Centro da Cidade

22h00 Chegada Reis Carnaval (ver anexo 6, imagem 21) | Mercado Municipal de Torres Vedras

22h30 Dj's Carnaval Party I

Palco 1 | Praça Machado Santos

Palco 2 | Jardim de Santiago

Palco 3 | Mercado Municipal

04h00 Encerramento dos Palcos

14 FEVEREIRO | SÁBADO

21h00 Corso Noturno | Concurso Grupos Mascarados, Tó'Candar | centro da cidade

22h30 Dj's Carnaval Party II

Palco 1 | Praça Machado Santos

Palco 2 | Jardim de Santiago

Palco 3 | Mercado Municipal

03h00 Abertura de portas do recinto

04h00 Encerramento dos Palcos

15 FEVEREIRO | DOMINGO

14h00 às 20h | Programa em direto: Portugal em Festa – SIC | Av. 5 de outubro

14h30 Corso Diurno – Tó'Candar | Centro da Cidade

19h00 Abertura de portas do recinto

22h30 Dj's Carnaval Party III

Palco 1 | Praça Machado Santos

Palco 2 | Jardim de Santiago

04h00 Encerramento dos Palcos

16 FEVEREIRO | SEGUNDA-FEIRA

14h30 Baile Máscaras Tradição | Pavilhão Multiusos da Expotorres

21h00 Corso Trapalhão, Tó'Candar | centro da cidade

22h30 Dj's Carnaval Party IV

Palco 1 | Praça Machado Santos

Palco 2 | Jardim de Santiago

Palco 3 | Mercado Municipal

23h00 Concurso Matrafonas | Av. 5 outubro

03h00 Abertura de portas do recinto

04h00 Encerramento dos Palcos

17 FEVEREIRO | TERÇA-FEIRA

14h30 Corso Diurno – Tô'Candar | Centro da Cidade

19h00 Abertura de portas do recinto

18 FEVEREIRO | QUARTA-FEIRA

21h00 Enterro do Entrudo com Fogo de artifício | da Praça da República ao Tribunal

Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras (<http://www.carnavaldetorres.com/>)

Através deste programa carnavalesco referente ao Carnaval de 2015, pode-se constatar que há um enorme esforço e dedicação para a realização do mesmo, de modo a que todas estas atividades se possam realizar com eficácia e sucesso. O Carnaval de Torres Vedras atrai milhares de pessoas de todas as zonas do país, sendo que para tal é necessário a preparação e divulgação atempada, tendo um programa carnavalesco atrativo para cada ano, sendo que a sua estrutura base acaba por ser quase sempre a mesma.

3.4 - Candidatura do Carnaval a Património Imaterial da UNESCO

Segundo a notícia da Agência Lusa, datada de 12 de fevereiro de 2013, a CMTV avançou com a candidatura desta festividade a Património Imaterial da UNESCO, com a finalidade de preservar os 90 anos caracterizados pelas tradições únicas do Entrudo português, declarou o presidente da CMTV.

O presidente da CMTV, Dr. Carlos Miguel, afirmou que «uma candidatura é algo que estamos a ponderar muito bem pelas características únicas do nosso Carnaval, que tem quase um século». Este deu ênfase à participação «espontânea e contagiante» dos milhares de mascarados que participam nesta festividade todos os anos e que se juntam à «sátira política e social aguçada», fazendo dele o «mais Português de Portugal» e que o diferencia dos outros carnavais existentes no país.

Dando seguimento à candidatura, o autarca adiantou que se esta for ganha, será uma mais-valia para esta festividade, visto que irá preservar e promover as tradições e o património da cidade, divulgando e trazendo mais pessoas para a cidade de Torres Vedras, levando-as a participar neste evento único e a conhecer de perto esta secular tradição.

Fontes: Agência Lusa/ <http://visao.sapo.pt/carnaval-camara-de-torres-vedras-quer-candidatar-evento-a-patrimonio-da-humanidade=f712482>

3.5 - Centro de Artes do Carnaval de Torres Vedras

Segundo Rui Brás (Chefe da Divisão da Cultura, Património Cultural e Turismo da CMTV) o CAC tem como finalidade: «transformar o Carnaval de Torres Vedras numa âncora de desenvolvimento de práticas artísticas da população do concelho e de qualificação da oferta cultural e lúdica, designadamente, numa perspetiva de valorização do património sociocultural local». Este centro tem como objetivos contribuir para a projecção nacional e internacional do Carnaval de Torres Vedras; envolver a comunidade torriense em práticas artísticas ligadas a esta festividade; favorecer a coesão social através de práticas culturais; criar um centro produtor de eventos assente em expressões artísticas e manifestações

carnavalescas; e por fim contribuir para a requalificação urbana da cidade de Torres Vedras, essencialmente a zona norte.

O enquadramento temático do CAC incidirá em três temáticas centrais, o Carnaval que englobará os subtemas referentes a Torres Vedras e ao atlas desta festividade; a Máscara que englobará os ritos e as representações; e por fim o Humor que englobará cartoons, caricaturas e comédia. Para além disto, este irá englobar algumas funções que incidirão na formação artística, na animação da cidade e na museologia. A formação artística irá contemplar áreas de expressão artística, oficinas de apoio aos festejos carnavalescos e oficinas de animação, de forma a desenvolver práticas artísticas na população do concelho. Outra das funções consiste na animação da cidade, onde o CAC será o centro produtor de eventos de animação, criando e consolidando um ciclo anual de atividades de rua ou no seu próprio espaço, em ligação com a cultura da cidade. Por fim, a museologia que englobará uma área expositiva e uma área documental, enquadrando as componentes temáticas do CAC já mencionadas anteriormente.

O modelo organizativo do CAC incidirá nos objetivos estratégicos e operacionais, no enquadramento institucional, nos recursos disponíveis, na dimensão do projeto, nas coleções, nos serviços e produtos que vai oferecer, no mercado/públicos destinatários e na rede de parcerias. A figura 3.1 demonstra as funções do modelo organizativo do CAC com as respetivas áreas de atividade, assim como na figura 3.2 e 3.3 se poderá observar o espaço arquitetónico exterior e interior do mesmo. Ainda na figura 3.4, 3.5 e 3.6 pode-se observar a planta dos três pisos do CAC com as respetivas áreas de atividade.

Fonte: Brás, Rui (2015), *O Carnaval: História e Identidade*, comunicação apresentada no Colóquio *Turres Veteras XVIII*, Auditório do Edifício Paços do Concelho, 15 e 16 de maio de 2015, Torres Vedras.

Funções do Modelo Organizativo

Gestão das Coleções	Incorporação
	Conservação/Restauro
	Catálogo/ Inventariação
	Investigação/Documentação
Ação Pedagógica e de Animação	Área de Expressão Artística
	Oficinas de apoio/animação
	Animação da cidade
	Organização do festival de humor no solstício de verão
Interpretação e Comunicação	Atendimento
	Interpretação/exposição
	Atividades de divulgação
	Relações com parceiros
	Cooperação inter-institucional
	Edição
Gestão/Administração	Direção
	Gestão Financeira
	Atividades Administrativas
	Manutenção/Segurança
	Atividades de natureza comercial

Figura 3.1 - Funções do Modelo Organizativo do CAC com as respetivas áreas de atividade

Espaço Arquitetónico do CAC



Figura 3.2 – Maquete do espaço arquitetónico do CAC⁹



Figura 3.3 – Imagem tridimensional do interior do CAC¹⁰

«A programação de um equipamento cultural é um exercício complexo que combina os objetivos da sua criação, as suas valências e áreas de atuação, as implicações organizativas e financeiras, e ainda o espaço em que se vai instalar. O programa do equipamento deve, pois, definir as orientações para a distribuição espacial das necessidades da estrutura funcional do Centro». (Relatório Final CAC, Quatenaire, 2006)

⁹ Fonte: Rui Brás, 2015, *O Carnaval: História e Identidade*, comunicação apresentada no Colóquio *Turres Veteras XVIII*, Auditório do Edifício Paços do Concelho, 15-16 de maio de 2015, Torres Vedras.

¹⁰ Rui Brás, 2015, *O Carnaval: História e Identidade*, comunicação apresentada no Colóquio *Turres Veteras XVIII*, Auditório do Edifício Paços do Concelho, 15-16 de maio de 2015, Torres Vedras.

Planta do CAC¹¹

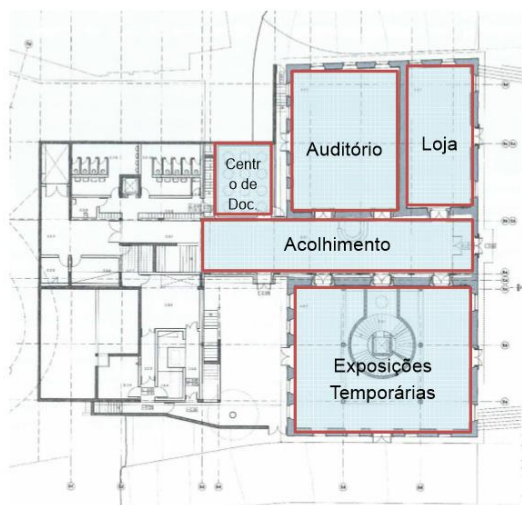


Figura 3.4 – Planta do piso 0 do CAC

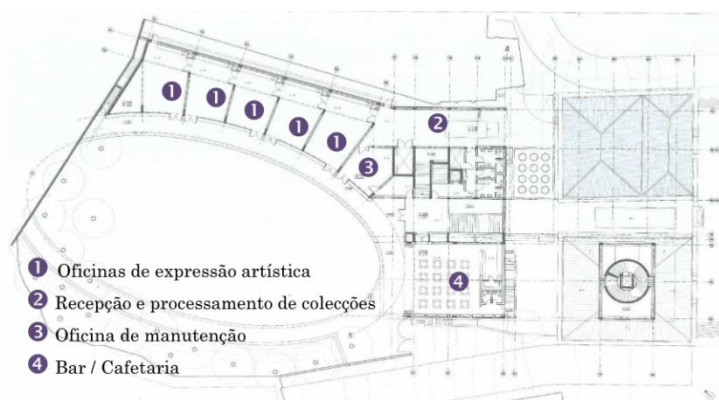


Figura 3.5 – Planta do piso 1 do CAC

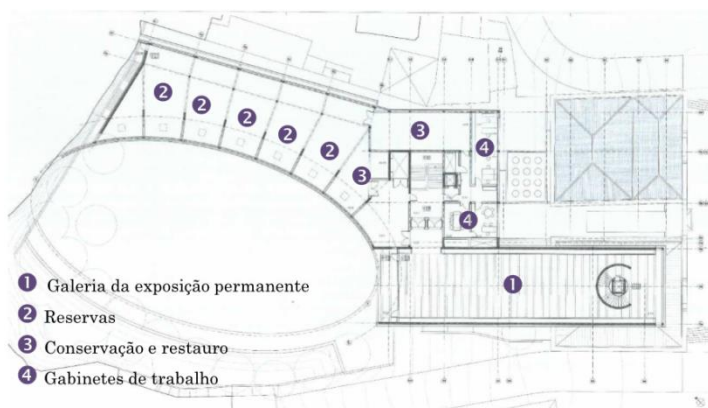


Figura 3.6 – Planta do piso 2 do CAC

¹¹ Fonte: Rui Brás, 2015, *O Carnaval: História e Identidade*, comunicação apresentada no Colóquio *Turres Veteras XVIII*, Auditório do Edifício Paços do Concelho, 15-16 de maio de 2015, Torres Vedras.

3.6 - Análise das entrevistas à Comissão de Honra do Carnaval de Torres Vedras

Dr. Carlos Miguel
(Presidente da CMTV)



Figura 3.7 – Logótipo da CMTV¹²

O Carnaval tem evoluindo de uma forma muito consistente, ou seja, nunca perdendo a sua identidade, mas sofrendo sempre grandes alterações, ou melhor, sofrendo sempre pequenas alterações, no sentido de se adaptar aos tempos. Isto para nós é muito importante, porque temos uma identidade muito própria como Carnaval, não diria único no nosso país, mas cada vez mais único e mais genuíno em comparação com todos os outros carnavais. Um exemplo disto, são os filmes da cinemateca dos anos trinta, que ao comparar com os filmes de hoje observa-se grandes diferenças havendo um traço condutor entre todos eles, sendo este a enorme participação das pessoas.

O Carnaval de Torres Vedras foi comum ao de outras cidades do país, sendo que a partir dos anos 80 houve um abasileiramento dos outros carnavais, mas o de Torres Vedras nunca se abasileirou e ainda foi penalizado por isso. Antigamente a projeção do Carnaval por parte dos *media* era praticamente inexistente e hoje em dia apresenta uma grande projeção.

Ao longo do tempo, o Carnaval saiu das coletividades, indo para a rua. Já o Carnaval noturno começou há menos de 20 anos, tendo evoluído bastante até aos dias de hoje. O curso também foi evoluindo relativamente à tecnologia empregue e à economia envolvente. Antigamente, havia um grande amadorismo na realização dos carros, sendo que na atualidade são realizados por uma estrutura profissional. O Carnaval «tem sabido adaptar-se aos tempos, não descaracterizando, digamos o próprio Carnaval. E este é um trabalho que se deve continuar, ou seja, anualmente ir sempre corrigindo, alterando, mas não descaracterizando. Por isso acompanhar a evolução dos tempos, mantendo a matriz do Carnaval».

A diferença entre o Carnaval de Torres Vedras e os outros carnavais é a sua condição *suis generis*, ou seja, convidar informalmente as pessoas a participar no cortejo. Sendo assim, o cortejo não está reservado às figuras da organização ou aos grupos organizados, mas sim

¹² Fonte: Site oficial da Câmara Municipal de Torres Vedras (<http://www.cm-tvedras.pt/>)

qualquer um pode participar no desfile. E por isso não temos bancadas nem baías, para que haja uma participação popular.

A crítica social sempre existiu no Carnaval de Torres Vedras, apesar de antigamente não estar tão nítida sendo necessário mais artifício para criticar. Hoje em dia, a crítica social é uma das matrizes presentes nos carros oficiais, estando também já presente nos carros espontâneos. Todos os anos, há um carro de crítica à vereação, de crítica à política nacional, de crítica à política internacional e de crítica ao desporto. Estes são um fator de atração, sendo a sua realização uma das partes mais caras do Carnaval e criticando-se sempre com respeito. Esta é uma matriz importante que permite «ver o mundo ao contrário, que é de criticar, que é de sorrir e sorrindo ir dizendo algumas verdades».

Outra das matrizes muito antigas que caracteriza o Carnaval são as matrafonas, ou seja, «que é o homem que não tem a pretensão de se transformar em mulher, não tem a pretensão de assumir um papel de mulher, mas no fundo de brincar como sendo uma mulher». A matrafona é uma mulher pouco cuidada, desarrumada, mal vestida e que não transparece o lado esbelto da mulher. Há quinze anos atrás, o Carnaval era um Carnaval das matrafonas e dos espontâneos e nunca o Carnaval do curso organizado, com grupos grandes. E esta é uma novidade do princípio deste século.

Relativamente aos preparativos para o Carnaval, no verão escolhemos os carros e o tema para anunciar na feira de S. Pedro, em junho. Com o tema delineado, começamos a pedir propostas de carros aos criativos e em dezembro começam a ser confeccionados. Geralmente, para os grupos quando acaba o Natal começa o Carnaval, mas para quem está na organização os preparativos iniciam-se no verão, tais como contractos de publicidade, contactos com as televisões e a escolha dos carros.

Para ficar a conhecer a influência do Carnaval na região e na economia local, é realizado há três anos um estudo pelo Instituto Politécnico de Leiria (IPL). Os dados relativos a 2015 ainda não são conhecidos, mas os resultados relativos a 2013/2014 apontam para uma presença de pessoas na ordem de 350 mil e um impacto económico que varia entre os oito milhões e os nove milhões e meio de euros. Tendo em conta isto, se o orçamento do Carnaval ronda os 500 mil euros, este investimento é mais do que justificado, visto que produz nove milhões de euros na economia local. Ou seja, o Carnaval começa-se a pagar a si próprio, o que para nós é ótimo, só tendo em conta a projeção dos *media*.

A escolha de um tema para o Carnaval só começou a existir há 20/25 anos atrás, tendo influencia nos carros alegóricos, nos grupos de mascarados para a construção das

máscaras e essencialmente no curso escolar. Foi a partir das escolas que houve a necessidade de criar um tema para o Carnaval, de modo a que as crianças o trabalhassem ao longo do ano.

As tradições do Carnaval são preservadas pelos costumes, ou seja, não há normas, não há leis, mas há uma tradição que passa de geração em geração e já somos a quarta geração que vive, que faz e que pensa o Carnaval. Todos os grupos de Carnaval, desde os mais formais aos mais informais, asseguram a preservação das tradições e das memórias desta festividade.

O Carnaval «vai-se fazendo assim, sempre foi feito assim e o facto de há cem anos se fazer assim também é de alguma forma garantia de que no futuro esta forma de estar, de fazer e de ser há de ser igual ou idêntica e como eu disse ao princípio, ajustando um bocadinho no sentido de acompanhar as necessidades, ir observando o que é que correu mal, o que é que podemos fazer melhor, de forma que o Carnaval mantenha a imagem e mantenha o espírito que teve até hoje». Para além da preservação da tradição pretende-se que este seja classificado como Património Imaterial Nacional e depois tentarmos que seja Património Imaterial da UNESCO, sempre com o objetivo de preservar as tradições.

Para promover e divulgar o Carnaval, não é necessário fazer muita propaganda, visto que este já é considerado a imagem de marca de Torres Vedras. O monumento do Carnaval surgiu há cerca de quinze anos, com a necessidade de atrair a comunicação social a Torres Vedras, quinze dias antes de se iniciar o Carnaval. Uma semana antes do Carnaval, desloca-se a Lisboa uma comitiva carnavalesca, fazendo manifestações de repúdio, protesto, agradecimento ou convite, com o objetivo de terem a atenção das televisões, de podermos abrir os telejornais com notícias sobre o Carnaval de Torres Vedras, e isto é publicidade a custo zero. Tudo isto são estratégias para fazer publicidade ao Carnaval, de modo a que as pessoas comecem a falar do mesmo, antes do seu início.

As perspetivas de futuro face ao Carnaval são positivas. O Carnaval diurno é aquele que está consolidado, que nos caracteriza e que acarreta menos problemas, apesar de ser mais difícil de inovar sem o descaracterizar. O Carnaval que nos causa maior preocupação é o Carnaval noturno, devido ao excesso de pessoas que obriga a diminuir os riscos, tais como alargar a animação na cidade criando mais polos, de forma a haver uma dispersão das pessoas. Isto é algo que estamos a equacionar para o próximo ano, nomeadamente a praça da batata que é onde temos problemas de segurança. Relativamente ao futuro, é encarado com bons olhos e pretendemos ir introduzindo alterações no sentido de minimizar os riscos, no sentido de criar alguns motivos de novidade, sem nunca descaracterizar aquilo que é a tradição.

Dr. António Esteveira

(Presidente do Conselho de Administração da Promotorres)



Figura 3.8 – Logótipo da Promotorres¹³

O Carnaval de Torres Vedras apresenta uma crescente evolução, sendo que a partir dos anos 80, este passou a ter uma grande afluência de pessoas e uma organização mais complexa. Deixou assim de existir a comissão do Carnaval, ou seja, existia na mesma a comissão do Carnaval, mas a CMTV passou a denominar de organização. A partir de 2002 foi criada a Promotorres, uma empresa municipal, que realiza o Carnaval, gere os equipamentos e o estacionamento. A criação da Promotorres teve como objetivo a criação de um número de contribuinte que não fosse da CMTV, para poder passar recibos para as receitas do Carnaval. Esta empresa foi ganhando estrutura e foi-se profissionalizando relativamente à gestão do Carnaval, contando hoje com mais de 30 trabalhadores.

O Carnaval é um evento de curta duração, mas de grande complexidade, ou seja, dura seis dias mas demora mais de seis meses a ser preparado. Esta complexidade, quer do ponto de vista da logística, quer do ponto de vista da gestão financeira, quer do ponto de vista da receita e da organização das despesas, exige uma estrutura mais profissionalizada. A partir de 2007/2008 iniciou-se um trabalho conjunto com o gabinete de comunicação da CMTV, de modo a melhorar a comunicação do mesmo, para que este se transformasse num instrumento de marketing territorial e de marca da cidade.

Enquanto entidade promotora do Carnaval temos caminhado de forma sustentada, de modo a que esta festividade seja conhecida como um evento de grande espetacularidade, de seriedade no sentido de ser um evento organizado e também como contributo para a turistificação da região, recebendo cerca de 350 mil visitantes. Para conhecer o impacto económico do Carnaval de Torres Vedras na região, desenvolvem-se estudos, sendo que os resultados rondam os nove milhões de euros. Para conhecer o impacto da comunicação também se realizam estudos, calculando-se assim 78 milhões de impactos. Enquanto entidade, vamos evoluindo no sentido da turistificação do evento, de encará-lo como um produto turístico, encará-lo como um produto de marketing territorial, de notoriedade da cidade e encará-lo também como um evento que faz dinamizar a economia da cidade e a economia do concelho.

¹³ Fonte: Site oficial da Promotorres (<http://www.promotorres.pt/>)

A candidatura do Carnaval de Torres Vedras a Património Imaterial da Humanidade tem como fundamentação o facto de ser um Carnaval não abasileirado, fundamentado nas raízes do Entrudo português, que vive da participação espontânea dos torrienses e assenta nas pessoas e na participação das pessoas.

O que diferencia o Carnaval de Torres Vedras dos outros carnavais, é o simples facto de ser «o mais português de Portugal». É diferenciado dos outros porque é fiel às tradições do entrudo português, não há estrelas, é espontâneo, apresenta sátira política e social, e representa uma tradição cultural muito enraizada no concelho.

A razão de existência da sátira provém do início do século XX, quando o Carnaval começa a ser regular por força da intervenção da pequena burguesia comercial torriense que era republicana. O Carnaval evoluiu de sátira contra a monarquia para uma sátira política e social, onde qualquer figura pública pode ser satirizada de forma engraçada, não agredindo ninguém.

Os preparativos do Carnaval de Torres Vedras iniciam-se em agosto, inclusive o planeamento e a realização do monumento do Carnaval para que depois possa ser inaugurado em janeiro. O monumento é uma peça fundamental do Carnaval de Torres Vedras, visto que «está exposto um mês antes do Carnaval, no centro de Torres Vedras e ele próprio é aglutinador de visitas e tem cobertura televisiva e mediática e é importante». Os meses de agosto, setembro e outubro são críticos porque tem de se colocar todo o sistema em funcionamento, para que o Carnaval se realize.

A duração dos preparativos do Carnaval ronda os seis meses, sendo que o Carnaval de 2016 já está a ser preparado. Neste momento estamos a proceder à avaliação do Carnaval de 2015, através da realização de reuniões com as associações carnavalescas e com os grupos. A escolha do tema rege-se por dois princípios básicos, ou seja, não pode ser um tema repetido e tem de ser um tema relativamente fácil de transpor para as máscaras dos grupos de mascarados e para os carros. O Carnaval é uma manifestação de arte onde as pessoas o assumem como seu, empenham-se na sua realização e transpõem muita imaginação e arte.

O número limite de pessoas nos grupos de mascarados é de 25, visto que um grupo com poucas pessoas não tem visibilidade e um grupo com muitas pessoas aumenta a espetacularidade das máscaras, mas acaba por criar alguns abusos pelo facto de alguns só se inscreverem para terem o livre-trânsito. Existem dois prémios para atribuir aos grupos, o prémio dos grupos em que estes votam entre si, elegendo o melhor e o prémio do público onde quem está a assistir vota para eleger o grupo melhor. Há ainda o prémio da Real Confraria, em que estes decidem entre si a quem atribuir.

Para ficar a conhecer a influência do Carnaval na região de Torres Vedras propusemos um estudo de impacto económico ao Gitur do IPL, que está sedado em Peniche na Escola de Tecnologia do Mar. Já estamos no terceiro ano de estudo, os valores têm surpreendido e como tal vamos passar a realizar o estudo de forma bienal. Do estudo realizado concluiu-se que as pessoas gastam em média oitenta a cem euros, durante os seis dias de Carnaval. Os comerciantes declaram que a faturação aumenta em cerca de 30 por cento durante o Carnaval e feitas as projeções económicas, o impacto económico ronda os nove a dez milhões de euros, logo há um grande impacto na economia da região. Esta entidade assume-se como «a maior organização desorganizada do país», visto que concilia a espontaneidade das pessoas com o profissionalismo da organização.

A preservação das tradições é assegurada pela Confraria e pelas restantes associações carnavalescas. Os elementos que integram os grupos de mascarados e os espontâneos também preservam as tradições do Carnaval e transmitem-nas aos seus descendentes. Um dos espelhos da tradição do Carnaval são as matrafonas, sendo que outro dos fatores importante é o curso escolar. Todos os anos, no curso escolar participam cerca de oito mil miúdos, dando assim ênfase à passagem das tradições para as gerações vindouras.

Para promover e divulgar o Carnaval fazemos uma política de comunicação com os *media*, ou seja, mais relações públicas e menos publicidade. Os *media* «também já perceberam que o Carnaval de Torres é efetivamente diferenciador, é um Carnaval líder no país, é um Carnaval diferente». Para além dos *media*, há um trabalho prévio de divulgação, com notas de imprensa, mencionando o que é que irá ocorrer, quando será inaugurado o monumento, qual o tema, a lógica e o programa. Este trabalho prévio é essencial para atrair a comunicação social ao Carnaval de Torres Vedras.

Relativamente ao futuro, pretende-se dar continuidade ao que tem sido feito, ou seja, os três grandes objetivos neste momento são preservar a tradição e a identidade do Carnaval mais português de Portugal, mantendo uma forte ligação aos grupos e às pessoas, explorando a espontaneidade e a criatividade. Outro dos objetivos é ser um instrumento de marketing territorial, através do «citybranding», «que é fazer com que a cidade seja reconhecida por ter um evento de grande expressão, que é feito de forma profissional e de forma minimamente organizada, e séria». Por fim, pretende-se manter o Carnaval como um elemento de dinamização da economia local.

Eng.º António Miranda

(Chanceler da Real Confraria do Carnaval de Torres Vedras)



Figura 3.9 – Logótipo da Real Confraria¹⁴

A Real Confraria (ver anexo 6, imagem 17) do Carnaval de Torres Vedras foi fundada em 2005, sendo «uma entidade que foi criada para pensar o Carnaval, para manter as tradições, organizar alguns dos eventos do Carnaval, nomeadamente a chegada dos reis e o Enterro do Carnaval». Para além disto, esta entidade é responsável pela atribuição do prémio Confraria aos grupos de mascarados e ainda de colaborar naquilo que é necessário, incluindo a responsabilidade dos reis.

Também participamos na escolha do tema e pensamos nos carros de Carnaval, tentando melhorá-los o máximo possível. Uma das preocupações remete para a segurança, devido ao aglomerado de pessoas que participam nesta festividade, principalmente na noite de sábado e segunda-feira. De resto «acho que o Carnaval continua muito bem vivo, a grande maioria diz maravilhas».

É fundamental defender o escalão etário dos idosos e dos jovens, visto que ambos têm um contributo distinto no Carnaval. Esta festividade apresenta uma elevada envolvente económica, acarretando muitas vantagens para a região. «O livre-trânsito não pode ser negado aos moradores nem aos trabalhadores que residem e trabalham na envolvente do corso».

A escolha do tema chega até nós já filtrada pela Promotorres estando relacionado com questões políticas, onde a CMTV conseguirá calcular o impacto que determinado tema irá gerar. Também participamos na escolha dos carros, onde tem que ser discutido os preços, visto que existe um plafom que não pode ser excedido.

Enquanto entidade tentamos preservar as tradições do Carnaval, tais como o cocote, alterando o material da sua confeção, os balões de água e o facto de a rainha ser um homem, o que é um caso único. Dentro do concelho torriense, esta personagem é aceite e respeitada por todos, mas fora do concelho torriense é associada a outras conotações.

Somos uma entidade ativa na promoção e divulgação do Carnaval, apesar de apresentarmos algumas limitações a nível financeiro. Realizamos a entronização dos novos sócios no claustro e na sede gerimos os registos fotográficos e as filmagens de modo a que estas possam estar expostas ao público.

¹⁴ Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras (<http://www.carnavaldetorres.com/>)

As perspetivas de futuro face ao Carnaval são positivas e o CAC será uma peça fundamental para a projeção do Carnaval, sendo um dos primeiros museus a nível nacional referente ao Carnaval.

Sr. José Luís Rodrigues

(Presidente da Associação de Ministros e Matrafonas)



Figura 3.10 – Logótipo de Ministros e Matrafonas¹⁵

O Carnaval apresenta uma evolução significativa. Este grupo começou nos anos 20, de uma forma espontânea, sendo constituído somente por homens. Como naquela época, apenas os homens brincavam ao Carnaval enquanto que as mulheres não saíam à rua, passou então a existir o Rei, a Rainha e os Ministros e Matrafonas. A corte real era constituída pelos Ministros e Matrafonas de forma espontânea, sendo que na atualidade é constituída pelos fidalgos. Na altura, os dias de Carnaval eram domingo e terça-feira, e o grupo alugava os fatos uns dias antes no parque Mayer e depois as pessoas mascaravam-se com esses fatos, e assim nasceu o grupo Ministros e Matrafonas. Depois do 25 de abril, deu-se início às reuniões com os elementos integrantes do grupo, tentando-se institucionalizar o grupo Ministros e Matrafonas. Em 1986, o grupo nasceu fiscalmente, estando registado como associação.

Na atualidade, o grupo (ver anexo 6, imagem 18) apresenta 50 participantes numa faixa etária compreendida entre os 20/30 anos, sendo que tradicionalmente era constituído por indivíduos na faixa etária acima dos 35/40 anos. Há uma evolução crescente do grupo relativamente a antigamente, visto que os fatos apresentam um corte mais elegante, há mais jovens a querer integrar o grupo e os elementos do grupo já não são encarados como a «malta que gostava de uns copos». Tudo isto, simboliza a continuidade do grupo ao longo de gerações.

O Carnaval de Torres Vedras é diferente dos outros carnavais devido à sua espontaneidade, visto que todos os cidadãos que entrem no curso podem brincar e participar livremente. Uma das características do Carnaval é a matrafona, que acaba por lhe dar algum brilho. A sátira social está muito presente no Carnaval proporcionando-lhe alguma piada através da crítica, despertando assim a curiosidade das pessoas. Esta festividade contemplou

¹⁵ Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras (<http://www.carnavaldetorres.com/>)

sempre a sátira aos políticos, algo que nunca vai deixar de existir enquanto houver políticos e corrupção.

Os preparativos para o Carnaval dão o pontapé de saída a seguir ao verão, iniciando-se em setembro/outubro, onde se desenham os primeiros carros, depois em setembro, novembro e dezembro começam a aparecer os materiais já feitos. A renovação do guarda-roupa inicia-se no final do ano, procurando um estilista que realize o esboço. Sendo assim, é notória uma evolução crescente, salientando-se que «o Carnaval acabou agora e já há no Facebook, já só falta não sei quantos dias». O Carnaval de Torres Vedras tem sido um exemplo para os outros carnavais, tendo os outros seguido as suas pegadas. Há quinze anos atrás, festejava-se o Carnaval à sexta, ao sábado, ao domingo e à terça. Há segunda-feira não se festejava o Carnaval, sendo que mais tarde, começou a existir o curso trapalhão que ganhou influência e passou a ser pago. As iniciativas noturnas, tais como os assaltos ao Carnaval sempre existiram, sendo o seu festejo vivido de forma diferente ao longo dos anos.

O Carnaval apresenta uma elevada influência na economia da região, ao nível das lojas, dos restaurantes, das pensões, dos hotéis, das costureiras, entre outros. A grande afluência económica inicia-se a partir da passagem de ano, visto que é a partir desta altura que chegam os tecidos novos, que se começa a preparar tudo e a marcar restaurantes e hotéis. Sendo assim, independentemente da data de início do Carnaval, a passagem de ano é sempre um marco de viragem para o Carnaval.

A escolha do tema do Carnaval é realizada por consulta pública, aos grupos de Carnaval, sendo a decisão final da Promotorres. Antigamente, era escolhido por meia dúzia de pessoas que se juntavam à Promotorres e à Confraria. Enquanto grupo, tem-se preservado o Carnaval e as suas tradições, mantendo o Rei e a Rainha como homens, mantendo as matrafonas, os grupos de mascarados e o cocote. As tradições do Carnaval têm-se mantido, havendo uma evolução positiva, relativamente à sua rigidez.

Na promoção do Carnaval, quer a Promotorres, quer a CMTV, têm realizado um trabalho muito positivo. Relativamente à divulgação do Carnaval, os próprios órgãos de informação querem vir a Torres Vedras fazer as coberturas da festividade, o que antes não acontecia. «Quando se faz um resumo do Carnaval, o de Torres está sempre presente e atrás disto vem a afluência do público». As perspetivas de futuro do Carnaval, passam por manter o grupo, as suas características, cativar mais jovens e manter as gerações. É fundamental o grupo englobar pessoas de todas as faixas etárias, visto que os mais velhos dão valor ao Carnaval diurno, e os mais novos ao Carnaval noturno. O nosso grupo tem a iniciativa de levar o Carnaval aos lares de terceira idade do concelho, de forma a levar a brincadeira

aqueles que têm pouca mobilidade e autonomia. Estas são as tradições que estão enraizadas em Torres Vedras e que fazem com que o Carnaval seja diferente de todos os outros.

Sr. Ricardo Silva

(Presidente da Associação Lúmbias Grupo Carnavalesco)



Figura 3.11 – Logótipo das Lúmbias¹⁶

A evolução do Carnaval de Torres Vedras tem-se demonstrado ao nível dos grupos, pela sua grande afluência e ao nível da Promotorres e da CMTV, que criaram um sistema de concurso de máscaras, que não existia nos anos anteriores. Tudo isto tem sido ótimo para esta festividade, visto que há empenho por parte das pessoas e da população torriense, para vir brincar ao Carnaval, trazendo as suas ideias.

As Lúmbias (ver anexo 6, imagem 19) são uma associação desde 1998, em que a principal ideologia é «brincar ao Carnaval e fazer brincar as pessoas». Enquanto associação temos o único veículo que desfila no sábado à noite e participamos na abertura do desfile do Entrudo com o nosso carro.

A nossa primeira máscara era de estudantes universitários, e a partir daqui a comissão do Carnaval e a Promotorres pediram-nos para fazer sempre a abertura do desfile do entrudo. «O elemento que traz o Rei na carroça também é um elemento nosso, que vem sempre com a capa preta a fazer de guarda de honra ao Rei do Carnaval».

A diferença do Carnaval de Torres para os outros carnavais, consiste na ligação entre o público e quem está a desfilar. As pessoas que vêm a esta festividade são convidadas a brincar, a interagir com os grupos e a subir para os carros.

Relativamente ao tema, escolhemos sempre o nosso e depois tentamos enquadrá-lo no esquema pré-definido que a Promotorres escolheu. «As Lúmbias têm a particularidade da máscara ser sempre de mulher», sendo um grupo constituído apenas por homens, sendo a sua maioria bombeiros.

A seguir ao verão, prepara-se as reuniões e marca-se os jantares, sendo que a preparação propriamente dita do Carnaval inicia-se em outubro. Esta associação apresenta

¹⁶ Fonte: Site oficial do grupo carnavalesco Lúmbias (www.lumbias.com)

cotas anuais no valor de 36 euros, sendo que os tecidos e os adereços são pagos pela associação, sendo pago à parte a confeção das máscaras.

Para promover o Carnaval, costumamos fazer no primeiro fim de semana de janeiro um todo o terreno, onde se promove o grupo e o Carnaval através da publicidade dos flyers, costumamos correr mascarados na maratona de Lisboa, preservando sempre a tradição das matrafonas. É importante a escolha do tema, onde nos é pedido sugestões de vários temas, em que a Promotorres irá tomar a decisão final.

Em termos de perspetivas para o futuro, o Carnaval terá tendência a crescer principalmente ao nível do público noturno, e relativamente à segurança o Carnaval de Torres terá que rever essa situação porque vem muitas pessoas de fora.

Sr.^a Carla Pires

(Fundadora da Associação Carnavalesca «As Marias Cachuchas»)



Figura 3.12 – Logótipo de «As Marias Cachuchas»¹⁷

A evolução do Carnaval de Torres Vedras apresenta aspetos positivos e negativos, sendo que os aspetos positivos consistem no aumento exponencial do curso, visto que nos anos 80 só existiam cursos diurnos, passando a haver cursos noturnos e o curso infantil. Os aspetos negativos consistem no aglomerado de pessoas que se juntam nesta festividade, tornando-a mais insegura. Embora tudo isto, a evolução do Carnaval ao longo dos tempos é positiva, tendo como especial atenção a segurança.

O que diferencia o Carnaval de Torres Vedras dos outros carnavais é o facto de ser um Carnaval participativo, «feito pelos foliões e para os foliões», não se estando apenas a assistir. Outro aspeto importante é o facto de apenas a música ser brasileira, sendo que tudo o resto difere dos outros carnavais.

A sátira social esteve sempre presente em todos os carnavais, brincando-se com os assuntos sérios de modo a não ofender ninguém.

Nesta associação, a duração dos preparativos do Carnaval, remete para os encontros, jantares e assaltos ao Carnaval visto que apresentamos sempre o mesmo traje. Apresentamos

¹⁷ Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras (<http://www.carnavaldetorres.com/>)

ainda outras iniciativas, tais como a recolha de fundos, cursos de desenho e trabalhos de expressão plástica.

Os membros da associação são sócios, pagam uma cota de 1 euro mensal e incluem homens e mulheres. Somos considerados uma associação porque temos estatutos, regulamentos, estamos registados no cartório e apresentamos atividade aberta nas finanças. Estes são diferenciados por cores, sendo o vermelho a cor das Marias Cachuchas, o amarelo, as Mariazinhas, o verde, das Cachuchinhas e o azul dos Membros Honoráveis.

O surgimento desta associação carnavalesca (ver anexo 6, imagem 20) deve-se ao facto de: «A Maria Cachucha foi uma personagem pitoresca de Torres e que nós achamos uma vez que no Carnaval de Torres os homens se vestem de mulheres e a Maria Cachucha era uma mulher que parecia um homem, tinha bigode, trabalhava no matadouro, matava vacas, bebia aguardente, fumava cigarrilhas, portanto era uma mulher muito à frente para a época dela, porque ela morreu em 1960. Como parecia um homem e os homens querem ser mulheres no Carnaval, nós achamos fazer essa analogia».

A escolha do tema do Carnaval é importante, mas para nós enquanto associação, é irrelevante visto que não nos regemos pelo tema e o traje é sempre o mesmo.

Enquanto associação, existimos a partir do dia 14 de junho de 2011 e preservamos as tradições do Carnaval, visto que o nosso símbolo é o cocote, defendemos a sua reintrodução no Carnaval, sendo este mais tarde reintroduzido. Entregamos um protótipo do cocote à Promotorres, elaborado com outro material que não magoasse, de modo a preservar esta tradição. Para além do cocote, um dos símbolos da Maria Cachucha é o bigode.

A nível da promoção e divulgação do Carnaval, estamos presentes em tudo o que nos é solicitado pela Promotorres, indo à televisão, a Lisboa, ser júri de concursos, entre outras coisas. Por fim, as perspetivas para o futuro relativamente ao Carnaval assentam num maior controlo a nível da segurança de modo a evitar problemas de maior.

Breve conclusão das entrevistas à Comissão de Honra do Carnaval

Concluindo, através da realização das entrevistas à Comissão de Honra do Carnaval constatou-se que, enquanto entidades promotoras do Carnaval encaram a sua evolução de forma positiva, sendo que esta festividade foi acompanhando a evolução dos tempos mantendo sempre a sua própria identidade, mas um aspeto de especial atenção consiste na segurança. A diferença do Carnaval de Torres Vedras para os outros carnavais é o facto deste

ser uma festividade espontânea e participativa, ou seja, existe uma ligação entre quem desfila e o público, visto que todos estão convidados a participar no cortejo carnavalesco. Outra das características assenta no facto de esta festividade ser fiel às tradições culturais enraizadas.

Relativamente à sátira social, esta esteve sempre presente no Carnaval embora antigamente não estivesse tão nítida como hoje em dia, sendo que visa a crítica sem ofender ninguém. A nível dos preparativos do Carnaval, apresentam uma duração de seis meses, dando-se o pontapé de saída para a realização do mesmo a seguir ao verão. A escolha do tema para o Carnaval é realizada por consulta pública aos grupos, sendo a decisão final da Promotorres. Esta surgiu da necessidade das escolas terem algo com que as crianças trabalhassem durante o ano letivo e rege-se por dois critérios, sendo estes o facto de não poder ser um tema repetido e ser um tema fácil de utilizar para as máscaras e para os carros.

O Carnaval apresenta uma elevada influência na região e na economia local, sendo isto comprovado por um estudo de impacto económico realizado desde há três anos pelo Gitur do IPL, sediado na Escola de Tecnologia do Mar em Peniche. Este estudo permitiu concluir que o impacto económico ronda os nove a dez milhões de euros. As tradições são preservadas pelos costumes, nos quais os grupos e as associações carnavalescas têm um papel fundamental em transmiti-las às gerações vindouras.

A promoção e divulgação do Carnaval assenta na publicidade realizada pelos *media* e nas estratégias que os grupos e as associações adotam para publicitar esta festividade, tais como o monumento, a divulgação do programa do Carnaval, as corridas de mascarados na maratona de Lisboa, entre outras. Relativamente ao futuro, as perspetivas são positivas, pretendendo-se dar continuidade aquilo que foi feito controlando a questão da segurança, sendo que o CAC e a candidatura a Património Imaterial da UNESCO serão uma peça fundamental para a perpetuação desta festividade.

3.7 - Análise dos inquéritos

O inquérito esteve online entre 10 a 25 de fevereiro de 2015, com o objetivo de se cruzar com a época carnavalesca, que decorreu de 13 a 18 de fevereiro. Este propósito deve-se ao facto das pessoas estarem mais despertas para esta temática, bem como o facto de a estarem a vivenciar.

Durante o período de tempo em que o inquérito esteve online, obteve-se 178 respostas. Este valor deve-se ao facto do inquérito ter sido feito online, onde nem todas as pessoas estão dispostas a responder e a colaborar.

3.7.1 - Caracterização da Amostra

A primeira questão consistia em indicar o sexo dos indivíduos (Figura 3.13), concluindo-se que na sua maioria responderam mais indivíduos do sexo feminino. Do total de 178 indivíduos, 115 são do sexo feminino correspondendo a 65%, 62 do sexo masculino correspondendo a 35%, sendo que 1 indivíduo não respondeu à questão.

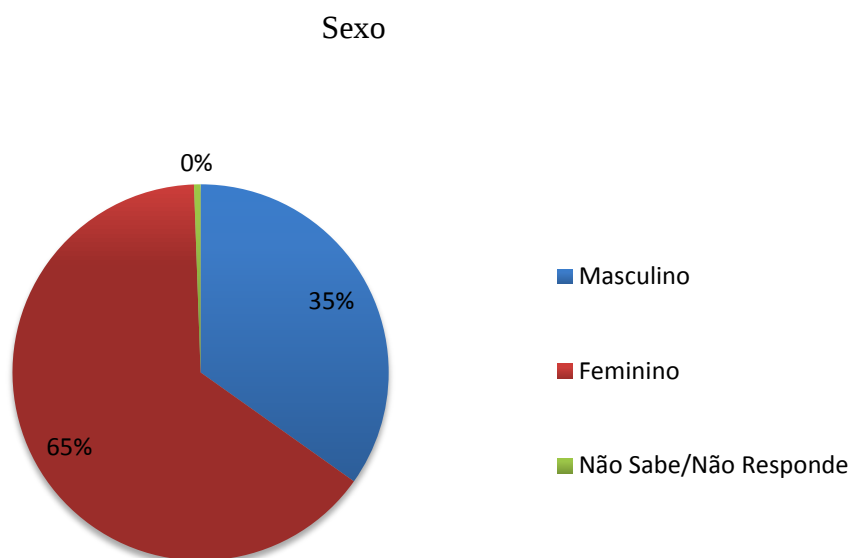


Figura 3.13 – Resultados referentes ao sexo dos indivíduos que preencheram o inquérito.

A Figura 3.14 aborda a idade dos indivíduos que preencheram o inquérito, demonstrando que estas se compreendem entre os 15 e os 62 anos, sendo que para uma análise mais eficaz das respostas, as idades foram agrupadas de 4 em 4 anos, sendo o número de pessoas referente a cada intervalo de idades. Na faixa etária dos 15 aos 18 anos obteve-se um total de 23 respostas e entre os 19 e os 22 anos, responderam 79 indivíduos. Na faixa etária dos 23 aos 26 anos responderam 53 indivíduos, já entre os 27 e os 62 anos, o número de repostas diminuiu drasticamente, havendo poucos indivíduos representativos de cada faixa etária.

A faixa etária mais representativa situa-se dos 19 aos 22 anos, sendo que a média de idades é de 23 anos. O facto da faixa etária representativa ser jovem, deve-se ao inquérito ter sido realizado online, em que os jovens têm uma maior facilidade para trabalhar com as novas tecnologias, bem como passam mais tempo junto do computador.

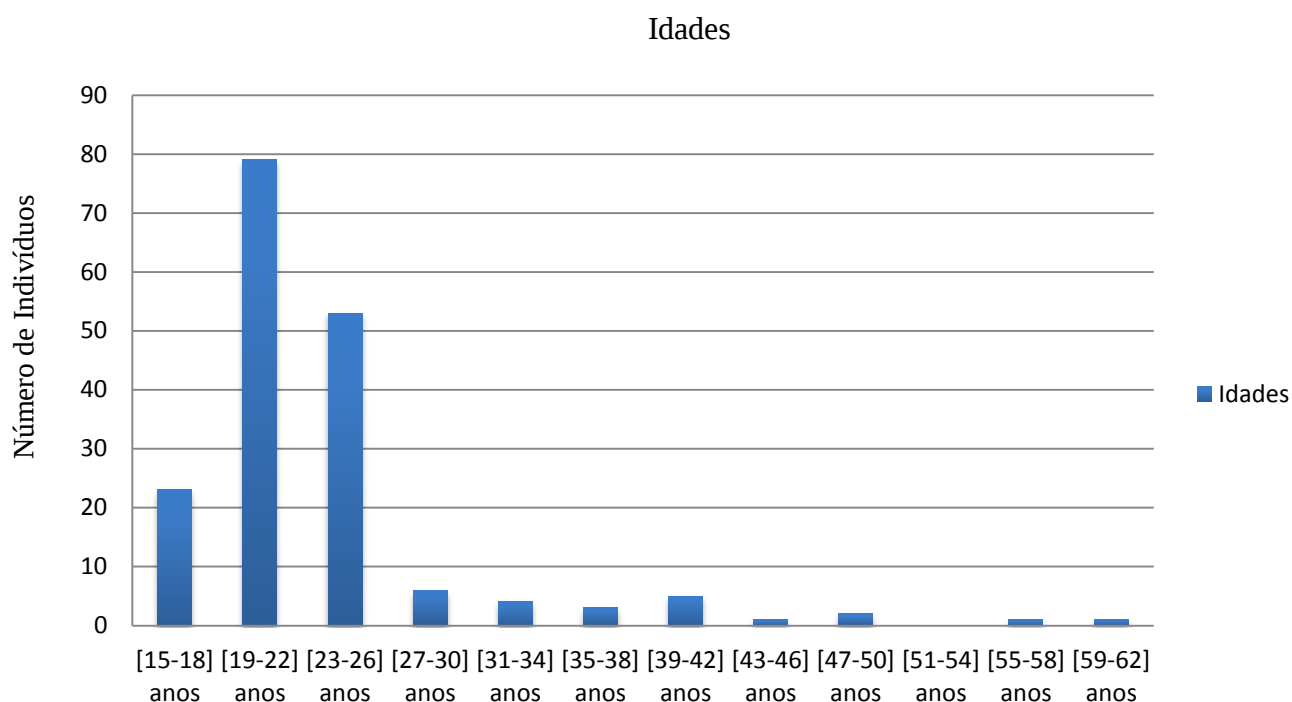


Figura 3.14 - Resultados referentes às idades dos indivíduos que preencheram o inquérito.

A Figura 3.15 é referente à profissão dos indivíduos, concluindo-se que na sua maioria responderam mais estudantes. Do total de 178 indivíduos que responderam ao inquérito, 119 são estudantes (67%), 51 têm outras profissões (29%), 6 são desempregados (3%) e 2 não sabem ou não respondem (1%).

O facto de terem respondido mais estudantes poderá estar relacionado com a maior facilidade de lidarem e trabalharem com as novas tecnologias, visto que para o preenchimento do inquérito era necessário aceder á internet e ao e-mail. Outro fator que poderá ter influenciado deve-se ao facto dos jovens serem a faixa etária que mais adere ao Carnaval e que vive de forma grandiosa e divertida esta festividade.

Cerca de 51 indivíduos enumeraram outras profissões (Quadro 3.1) que englobam as mais diversas áreas de formação. Estas áreas de formação estão numeradas por ordem alfabética, mencionando o número de indivíduos que engloba cada uma das áreas.

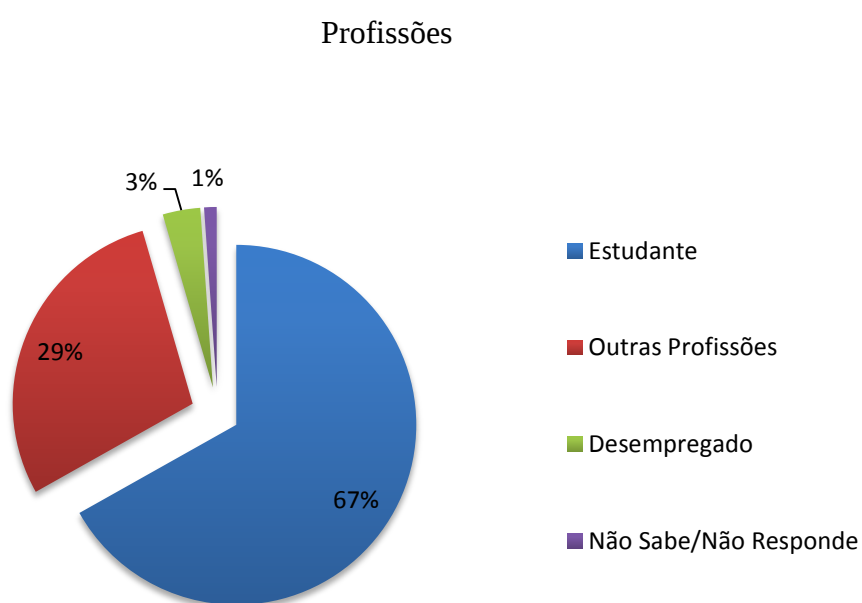


Figura 3.15 - Resultados referentes às profissões dos indivíduos que preencheram o inquérito.

Áreas de Formação	Número de Indivíduos
Administração/Gestão	5
Artes	5
Direito	1
Economia	1
Educação	3
Engenharia	6

Informática	5
Marketing	1
Outras áreas menos especializadas	15
Saúde	6
Técnicos	3

Quadro 3.1 - Resultados referentes às áreas de formação dos indivíduos que preencheram o inquérito.

Os 119 estudantes enumeraram o curso que frequentam (Quadro 3.2), concluindo-se que a área de formação da Saúde é a mais frequentada pelos estudantes que responderam ao inquérito, havendo 22 indivíduos a tirar esta formação. Os restantes cursos englobam as mais diversas áreas de formação, estando o número de indivíduos distribuído de forma praticamente equitativa, havendo 8 indivíduos que não responderam. Nesta tabela, as áreas de formação estão numerados por ordem alfabética, mencionando o número de indivíduos que frequenta cada área.

Se respondeu Estudante, indique a área	Número de Indivíduos
Administração	1
Arquitetura	4
Artes	10
Ciências e Tecnologias	5
Ciências Farmacêuticas	1
Contabilidade e Finanças	1
Desporto	1
Direito	2
Economia	3
Educação	4
Engenharia	12
Gestão	10
História Portuguesa e Contemporânea	2
Hospedeira	1
Informática	4
Línguas e Humanidades	1
Marketing, Publicidade e Relações Públicas	6

Matemática	1
Medicina Veterinária	1
Não Sabe/Não Responde	8
Psicologia	5
Saúde	22
Sociologia	1
Técnicos	12
Terceiro Ciclo	1

Quadro 3.2 - Resultados referentes às áreas de formação dos indivíduos que são estudantes e preencheram o inquérito.

Na Figura 3.16, relativo às habilitações literárias dos indivíduos, concluiu-se que, a maioria dos indivíduos é licenciado. Do total de 178 indivíduos, 11 têm o ensino básico (6%), 64 têm o ensino secundário (36%), 83 são licenciados (47%), 15 têm o mestrado (8%), 5 não responderam (3%), não havendo nenhum indivíduo com o ensino primário ou com o doutoramento.

O facto de haver mais indivíduos com o ensino secundário e com a licenciatura pode estar relacionado com o ensino ser obrigatório e com a necessidade dos indivíduos em ter um curso, devido à falta de emprego existente no país.

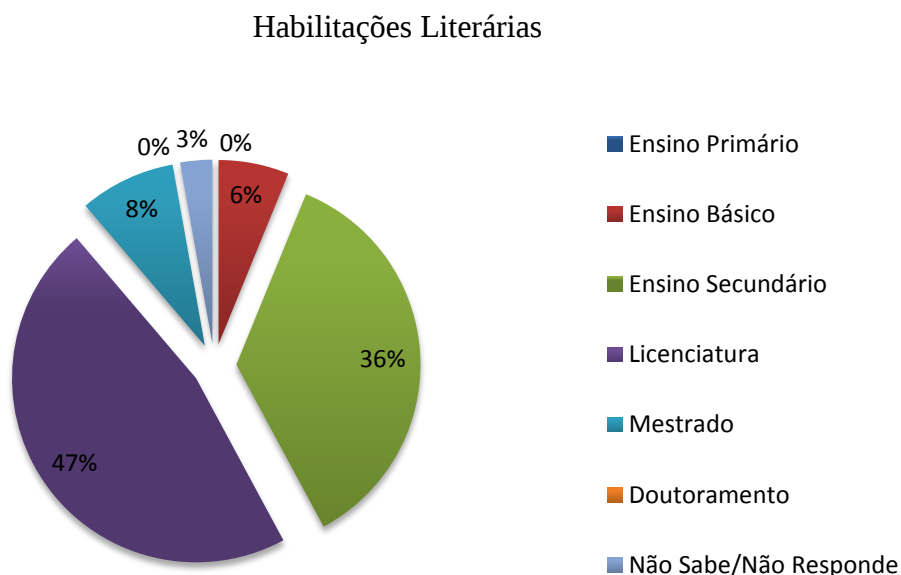


Figura 3.16 - Resultados referentes às habilitações literárias dos indivíduos que preencheram o inquérito.

A Figura 3.17 refere-se à naturalidade dos indivíduos, concluindo-se que a maioria dos indivíduos é natural do concelho de Torres Vedras. Do total de 178 indivíduos, 107 pertencem ao concelho de Torres Vedras (60%), 68 pertencem a outros concelhos (38%) e 3 não responderam à questão (2%).

Os indivíduos que não pertencem ao concelho de Torres Vedras, enumeraram o concelho do qual fazem parte (Quadro 3.3), concluindo-se que houve o preenchimento do inquérito por indivíduos de diversas regiões do país, e não somente de Torres Vedras.

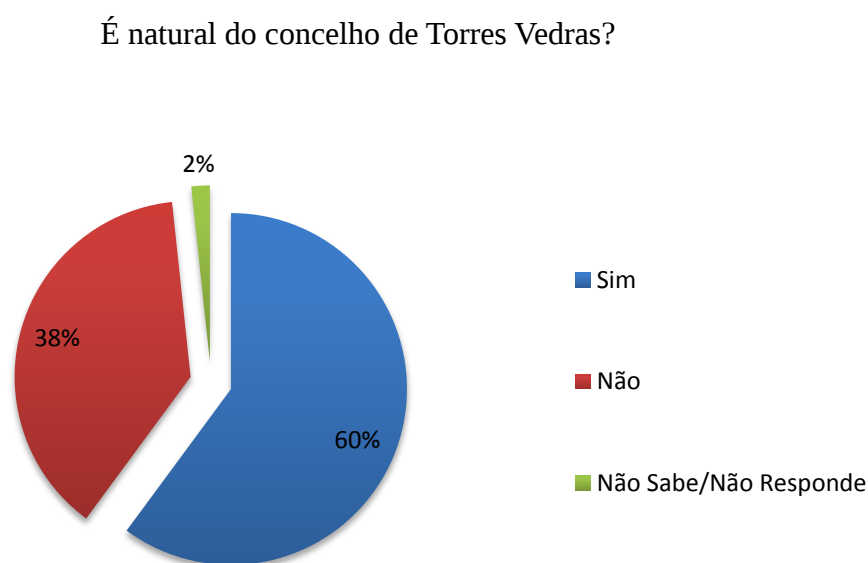


Figura 3.17 - Resultados referentes à naturalidade dos indivíduos que preencheram o inquérito.

Se respondeu não, indique o Concelho	Número de Indivíduos
Alenquer	2
Alijó	1
Almeirim	4
Amadora	3
Arruda dos Vinhos	3
Azambuja	1
Bombarral	1
Borba	1
Caldas da Rainha	3

Cartaxo	1
Cascais	1
Évora	1
Guarda	1
Lapa	1
Lisboa	10
Loures	1
Lourinhã	2
Mafra	5
Moita	1
Montijo	1
Não Sabe/Não responde	6
Nazaré	1
Oeiras	4
Peniche	1
Pombal	1
Portalegre	1
Portimão	1
Santarém	1
Sintra	6
Sobral de Monte Agraço	2
Viana do Castelo	1
Vila Nova de Gaia	1
Vila Real de Santo António	1

Quadro 3.3 - Resultados referentes à naturalidade dos indivíduos que preencheram o inquérito.

3.7.2 - Análise dos Resultados

A Figura 3.18 consiste em saber se o Carnaval de Torres Vedras é uma festividade de interesse pessoal por parte dos indivíduos, concluindo-se que a maioria dos indivíduos apresenta interesse pessoal na mesma. Do total de 178 indivíduos, 148 responderam que têm interesse na festividade (83%), 26 responderam que não têm interesse (15%) e 4 não responderam à questão (2%).

O Carnaval de Torres Vedras é uma festividade do seu interesse pessoal?

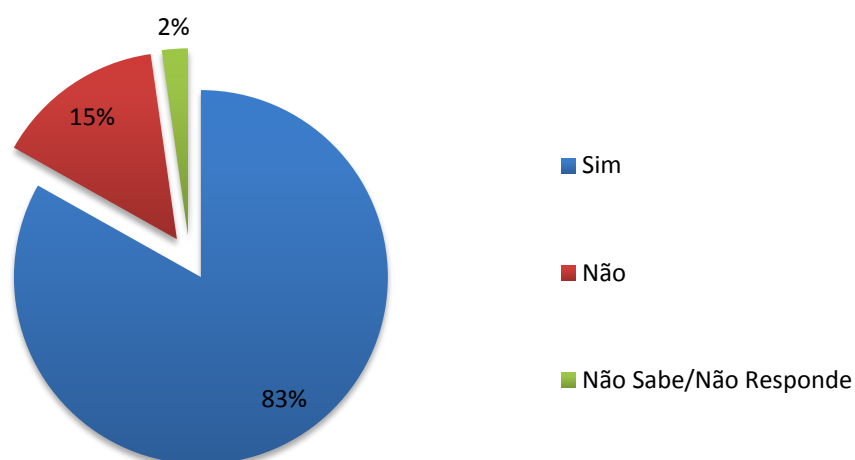


Figura 3.18 - Resultados referentes ao interesse dos indivíduos que preencheram o inquérito, sobre o Carnaval de Torres Vedras.

A Figura 3.19 refere-se à frequência com que os indivíduos, em cada ano, participam no Carnaval, concluindo-se que a maioria dos indivíduos participa frequentemente nesta festividade, cerca de cinco a quatro dias.

Do total de 178 indivíduos, 22 participam sempre nos seis dias de folia (12%), 60 participam quase sempre na festividade, ou seja, cinco a quatro dias (34%), 41 participam algumas vezes, ou seja, três a dois dias (23%), 29 raramente participam, ou seja, um dia (16%), 24 nunca participaram (14%) e 2 não responderam (1%).

Os 24 indivíduos que nunca participaram no Carnaval terminaram o inquérito nesta questão, visto que não conseguiriam responder às questões seguintes porque nunca vivenciaram o Carnaval de Torres Vedras. Sendo assim, continuam a responder ao inquérito os restantes indivíduos, sendo estes 154.

Com que frequência participa em cada ano no Carnaval de Torres Vedras?

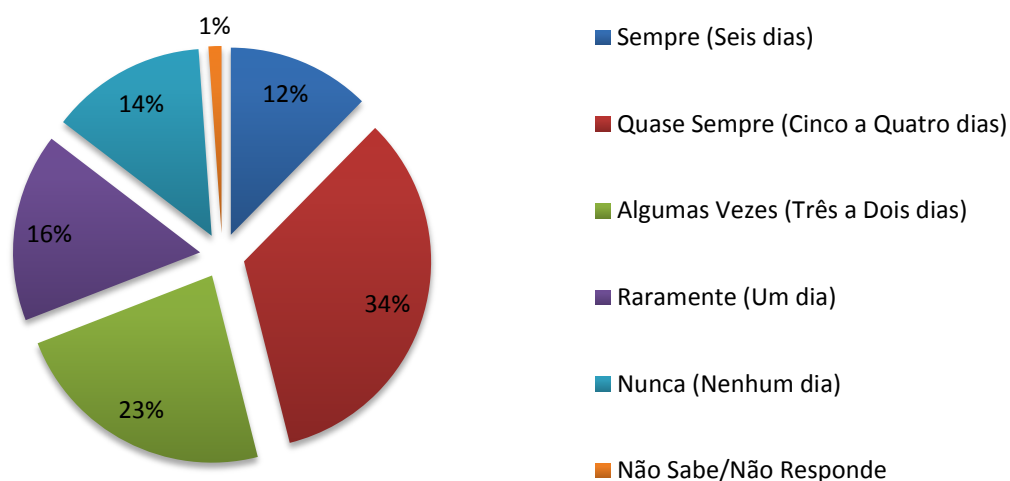


Figura 3.19 - Resultados referentes à participação no Carnaval dos indivíduos que preencheram o inquérito.

A Figura 3.20 aborda se os indivíduos acham pertinente que a escolha da temática carnavalesca esteja relacionada com as temáticas da atualidade, concluindo-se que a maioria dos indivíduos acha pertinente que o tema esteja relacionado com as questões atuais porque acaba por retratar os problemas do país.

Do total de 154 indivíduos, 103 acham pertinente esta relação porque o Carnaval retrata os problemas do país (67%), 12 não acham pertinente esta relação porque existem outras temáticas interessantes (8%), 20 acham pertinente esta relação porque é um alerta à população (13%), 17 não acham pertinente a relação porque nas alturas de festividade não devem ser relembrados os problemas (11%) e 2 não responderam (1%).

Acha pertinente que a escolha da temática esteja relacionada com as questões da atualidade?

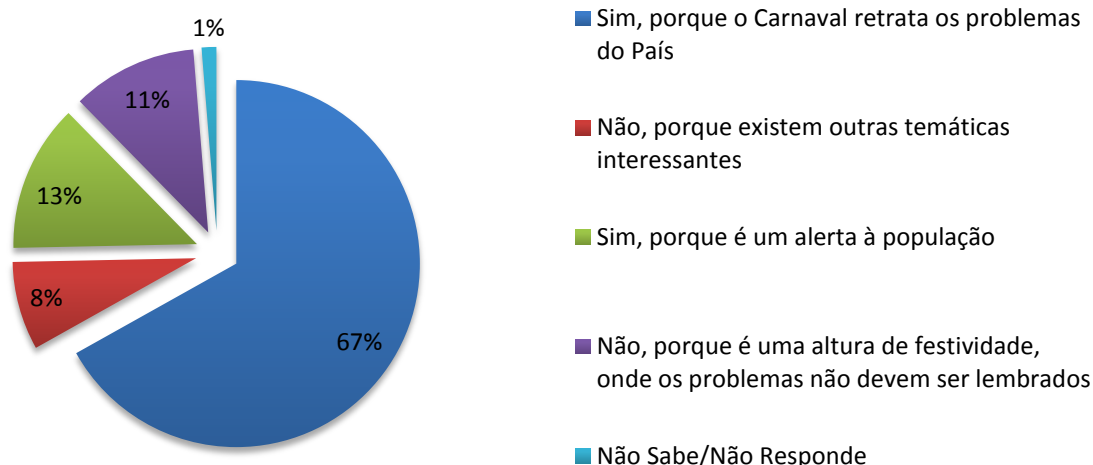


Figura 3.20 - Resultados referentes à escolha da temática do Carnaval, obtidos através dos indivíduos que preencheram o inquérito.

A Figura 3.21 aborda se a identidade do Carnaval faz deste «o mais Português de Portugal», concluindo-se que a maioria dos indivíduos respondeu que concorda, visto que este é o mais espontâneo e divertido. Considerar o Carnaval de Torres Vedras como «o mais Português de Portugal» está relacionado com o facto de ser o Carnaval mais antigo, que é fiel à sua origem mantendo as tradições. Do total de 154 indivíduos, 17 concordam com a questão, embora não achem que é “o mais Português de Portugal” (11%), 135 concordam com a questão, mencionando que é o mais espontâneo e divertido (88%), 2 não responderam à questão (1%) e não houve nenhum indivíduo a discordar da questão.

Acredita que a Identidade faz do Carnaval de Torres Vedras «o mais Português de Portugal»?

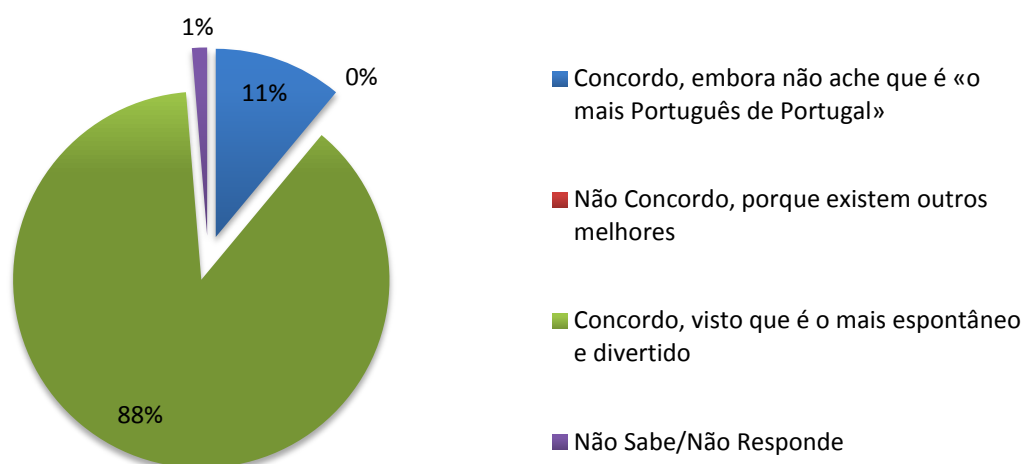


Figura 3.21 - Resultados referentes à identidade do Carnaval, obtidos através dos indivíduos que preencheram o inquérito.

A Figura 3.22 consiste em qual/quais as características em que os indivíduos se revêm no Carnaval de Torres Vedras, podendo indicar no máximo 3 opções de resposta. Através da figura, conclui-se que a maioria dos indivíduos respondeu diversão e convívio.

Do total de 154 indivíduos que responderam à questão, escolhendo até 3 opções de resposta, 136 mencionaram o convívio, 37 a partilha de tradições, 137 a diversão, 14 o regresso às origens, 37 o lazer, 62 os trajes e 4 a comida tradicional.

Durante estas festividades qual/quais as características em que se revê?

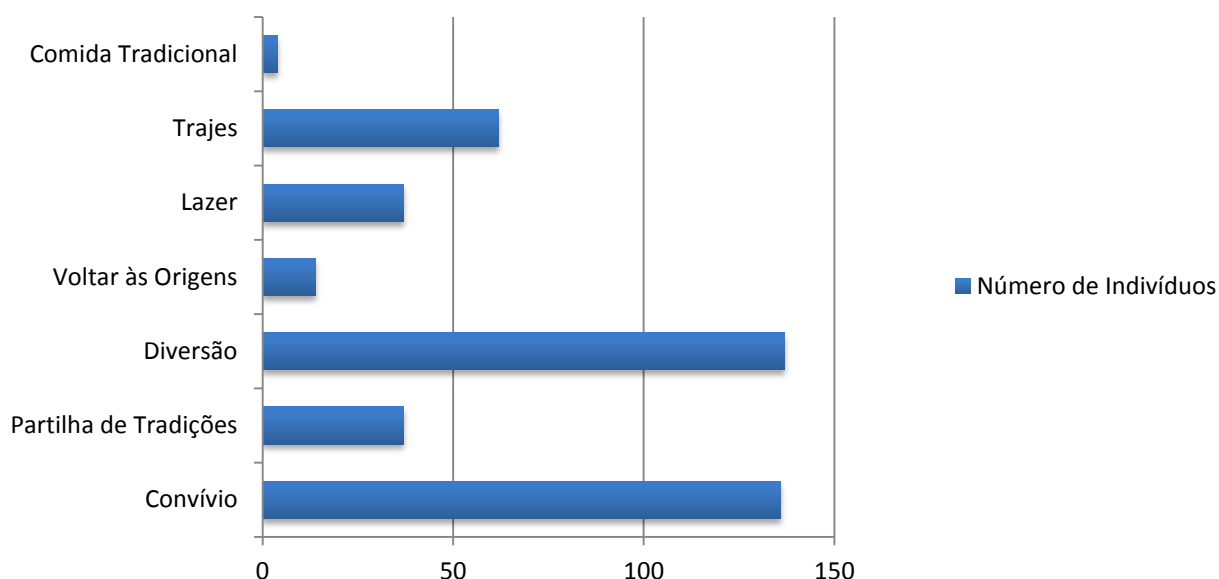


Figura 3.22 - Resultados referentes às características em que os indivíduos que preencheram o inquérito, se revêm no Carnaval de Torres Vedras.

A Figura 3.23 refere-se ao modo com os indivíduos têm encarado toda a sátira social presente no Carnaval de Torres Vedras, podendo indicar no máximo 2 opções de resposta. Através do gráfico, conclui-se que a maioria dos indivíduos tem encarado a sátira social de modo agradável e como retrato dos problemas da atualidade.

Do total de 154 indivíduos que responderam à questão, escolhendo até 2 opções de resposta, 4 têm vivido a sátira social como propaganda política, 47 têm vivido apenas como diversão, 76 como retrato dos problemas atuais, 31 como um alerta para a sociedade, 4 de forma preocupante e 80 de modo agradável.

Ao longo destes últimos anos, como tem encarado/vivido toda esta sátira social?

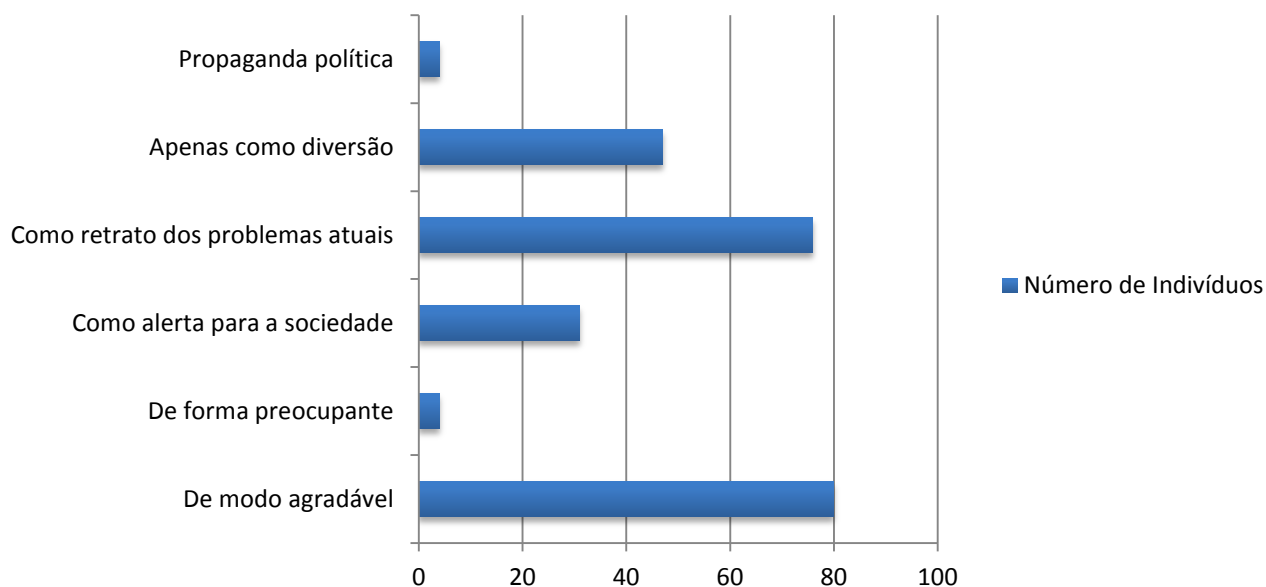


Figura 3.23 - Resultados referentes ao modo como os indivíduos que preencheram o inquérito, têm encarado a sátira social presente no Carnaval de Torres Vedras.

A Figura 3.24 aborda quais os elementos mais relevantes, dentro do curso do Carnaval de Torres Vedras, podendo indicar no máximo 2 opções de resposta. Através do gráfico, conclui-se que a maioria dos indivíduos tem como elementos mais relevantes os carros alegóricos e os grupos de mascarados.

Do total de 154 indivíduos que responderam à questão, escolhendo até 2 opções de resposta, 44 escolheram os cabeçudos como elemento mais relevante, 76 escolheram os grupos de mascarados, 56 escolheram as matrafonas, 105 os carros alegóricos e 20 os reis do Carnaval.

Dentro do corso, qual/quais os elementos mais relevantes do Carnaval de Torres Vedras?

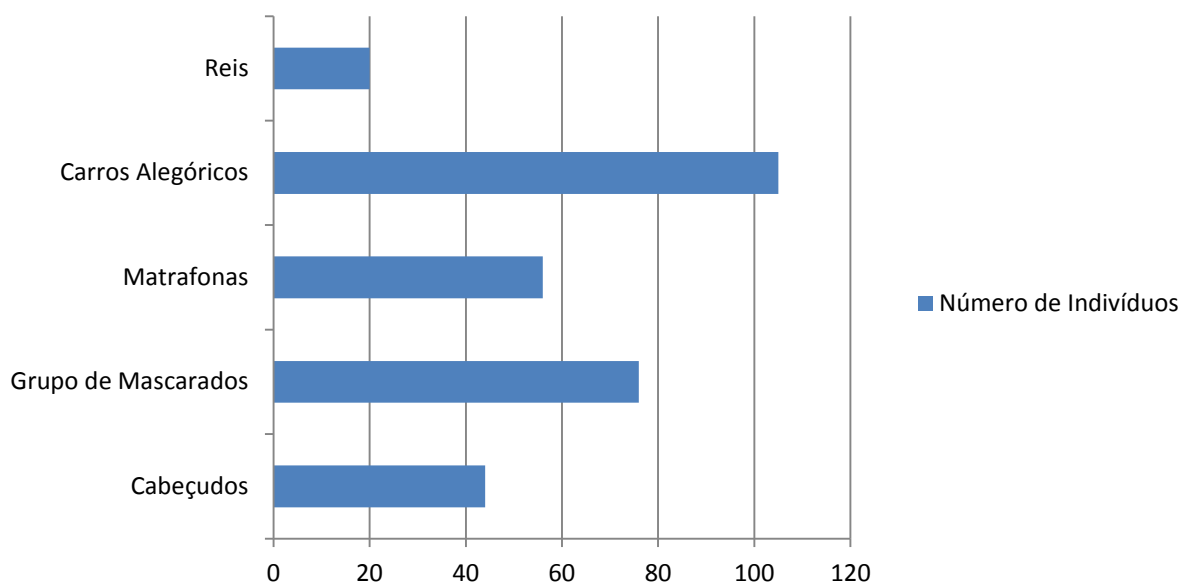


Figura 3.24 - Resultados referentes aos elementos mais relevantes, dentro do corso do Carnaval de Torres Vedras, para os indivíduos que preencheram o inquérito.

No Quadro 3.25, os indivíduos descreveram numa palavra em que consiste o Carnaval de Torres Vedras, concluindo-se que a maioria dos indivíduos descreveu o Carnaval como sendo único (26 indivíduos) e divertido (16 indivíduos). Do total de 154 indivíduos que responderam à questão, houve diversas palavras para descrever o Carnaval de Torres Vedras porque cada indivíduo vive esta festividade de modo único e pessoal.

Descreva o Carnaval de Torres Vedras numa palavra	Número de Indivíduos
Alegre	5
Amor	1
Animação	2
Carnaval	2
Carros Alegóricos	4
Confusão	1
Contagante	1
Criativo	1
Dança	1
Diferente	1
Diversão	16
Emotivo	1
Empolgante	1
Espetacular	10
Espontâneo	2
Euforia	2
Excelente	4
Familiar	1
Fantástico	10
Folia	8
Fortíssimo	1
Genuíno	3
Grande	1
Imparável	1
Imprevisível	1
Incomparável	2
Incrível	6
Indescritível	1
Lindo	1
Loucura	4
Mágico	2
Magnífico	3
Maravilhoso	3
Matrafonas	2
Melhor	2
Mocidade	1
Não Sabe/Não Responde	8
Nostalgia	1
Origens	1
Original	2

Palhaçada	1
Português	2
Qualidade	1
Sátira	3
Selvagem	1
Único	26

Quadro 3.4 - Resultados referentes à descrição do Carnaval de Torres Vedras, pelos indivíduos que preencheram o inquérito.

Por fim, na figura 3.25 pretendia-se classificar o Carnaval de Torres Vedras de 1: Muito Mau a 5: Muito Bom, concluindo-se que a maioria dos indivíduos classifica o Carnaval como sendo 5: Muito Bom. Do total de 154 indivíduos, 1 classificou o Carnaval como sendo Muito Mau (1%), ninguém classificou como sendo Mau (0%), 3 classificaram como Razoável (2%), 32 classificaram como Bom (21%), 116 classificaram como Muito Bom (75%) e 2 não responderam (1%).

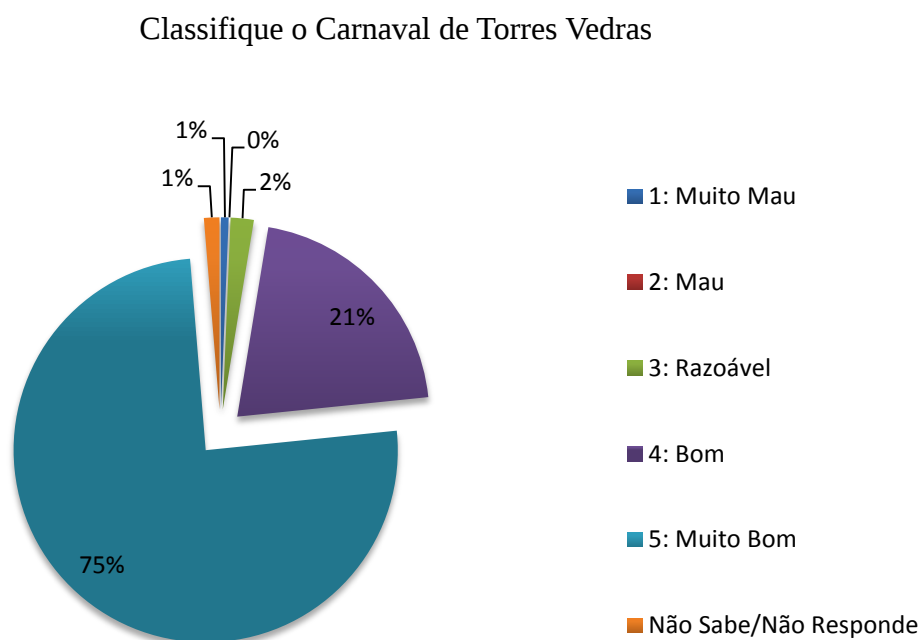


Figura 3.25 - Resultados referentes à classificação do Carnaval de Torres Vedras, obtidos através dos indivíduos que preencheram o inquérito.

Concluindo, através da realização deste inquérito constatou-se que, a maioria dos indivíduos que responderam ao questionário são do sexo feminino e com idades compreendidas entre os 19 e os 26 anos. Relativamente à profissão, a maioria são estudantes do ensino superior na área da saúde. A maioria dos inquiridos é natural do concelho de Torres Vedras, apresentam como interesse pessoal esta festividade e participam quase sempre (cinco a quatro dias) nestes dias de folia. A globalidade dos indivíduos acha pertinente que a escolha da temática esteja relacionada com a atualidade, visto que o Carnaval retrata os problemas do país. Destacando ainda que a identidade desta festividade o torna o «mais Português de Portugal» porque é o Carnaval mais espontâneo e divertido, sendo caracterizado pela maioria dos indivíduos como um momento de convívio e diversão. A sátira social presente nesta festividade tem sido encarada de forma agradável e como retrato dos problemas sociais, tendo destacado como elementos mais importantes do curso, os carros alegóricos e os grupos de mascarados. Por fim, os inquiridos descreveram o Carnaval como sendo único e divertido, classificando-o na sua grande maioria como sendo uma festividade muito boa.

CONCLUSÃO

No decorrer da realização da dissertação de mestrado foram abordadas temáticas centrais que definem e representam o Carnaval na sua génese identitária. Foi deveras importante a colaboração dos agentes culturais que são a matriz de uma cultura popular secular. Falar do Carnaval é falar da paixão de um povo pelos seus valores e tradições, que perpetuam até aos dias de hoje.

É de salientar o facto de esta festividade secular ser definida por contornos sociais, por vezes adversos, assumido pela inversão das regras. De origem pagã, com o culto mitológico, tomou mais tarde um papel cristão, estando associada ao início do período que antecedia a Quaresma.

Desde o início dos anos 20, o Carnaval de Torres Vedras tem vindo a crescer de forma gradual, consistente e eficaz, apesar das vicissitudes dos tempos, tornando-se atualmente numa performance cultural na sua perfeita harmonia. Tem-se revelado um meio eficaz de marketing territorial, que projeta a cidade de Torres Vedras pelo mundo e que a dinamiza economicamente. A tradição e a identidade carnavalesca tem-se preservado sem nunca ser desprezada, através dos grupos e das associações carnavalescas, bem como da população torriense que mantém esta festividade viva através do seu empenho, participação e passagem do testemunho às gerações futuras.

As entrevistas realizadas à Comissão de Honra do Carnaval e os inquéritos elaborados à população em geral vieram consolidar a importância que esta festividade representa, envolvendo cada vez mais meios e esforços para dar resposta às novas exigências impostas pela favorável evolução da mesma. É de salientar a importância que toda esta logística envolvente tem no decorrer desta festividade, nomeadamente na preservação das tradições e da identidade, tais como: o cocote; a figura dos reis; os cabeçudos; as matrafonas; os carros alegóricos; a sátira social e o Enterro do Entrudo.

Este trabalho é fundamental na medida em que pretende incentivar a partilha e o debate em torno do Carnaval, para que as suas origens e o seu desenrolar histórico sejam do domínio público. Para tal, a candidatura do Carnaval a Património Imaterial da UNESCO e a criação do CAC serão um aspeto fundamental na divulgação, preservação e projeção da cultura carnavalesca. Esta dissertação consiste numa compilação de pesquisa científica, pretendendo ser um complemento aos estudos científicos já existentes e estimular a realização de novos estudos, para assim enriquecer o que temos de maior preciosidade, que é a cultura adquirida e que pretendemos ser instrumentos da mesma.

Ao longo da realização da dissertação, deparei-me que a bibliografia existente sobre a temática era insuficiente para dar resposta à questão de partida, que orienta todo o trabalho. Tendo em conta isto, realizei uma investigação empírica como complemento da informação já existente, através de entrevistas realizadas à Comissão de Honra do Carnaval de Torres Vedras e de inquéritos à população em geral.

A Comissão de Honra do Carnaval mostrou-se disponível para colaborar facultando toda a informação necessária, através da disponibilização de bibliografia sobre a temática, bem como do tempo dispensado para responder às questões da entrevista. Os inquéritos foram realizados online através da plataforma «Google Docs», havendo uma adesão positiva por parte da população em responder aos mesmos, apesar de nem todos os indivíduos conseguirem responder ao inquérito, por ser necessário o registo numa conta gmail.

Relativamente ao futuro, eu penso que o Carnaval de Torres Vedras continuará a crescer e a desenvolver-se de forma sustentada e que irá atrair cada vez mais o segmento do público jovem, o que levará a crer que esta festividade irá eternizar-se, visto que os jovens serão os perpetuadores das tradições e da identidade local. Os *media* serão sempre uma ferramenta fundamental, na medida em que projetam e divulgam a tradição carnavalesca, atraindo assim a curiosidade dos forasteiros que recorrem a esta festividade. Concluindo, enquanto o ser humano não vive sem oxigénio, os torrienses não vivem sem o Carnaval.

FONTES

Dr. Carlos Miguel (Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras), entrevistado em: 3 de março de 2015

Dr. António Esteveira (Presidente do Conselho de Administração da Promotorres), entrevistado em: 25 de fevereiro de 2015

Eng. António Miranda (Chanceler da Real Confraria), entrevistado em: 23 de fevereiro de 2015

Sr. José Luís Rodrigues (Presidente da Associação Ministros e Matrafonas), entrevistado em: 5 de março de 2015

Sr. Ricardo Silva (Presidente da Associação Lúmbias Grupo Carnavalesco), entrevistado em: 23 de fevereiro de 2015

Sr.^a Carla Pires (Fundadora da Associação Carnavalesca «As Marias Cachuchas»), entrevistada em: 23 de março de 2015

Página oficial de Facebook do Carnaval de Torres Vedras

<https://www.facebook.com/carnavaldetorresvedras?fref=ts> [consultado: 18 de novembro de 2014]

Página oficial da Associação Ministros e Matrafonas

<https://www.facebook.com/ministros.matrafonas?fref=ts> [consultado: 20 de novembro de 2014]

Página oficial do Grupo Carnavalesco Lúmbias <https://www.facebook.com/Lumbias?fref=ts> [consultado: 20 de novembro de 2014]

Página oficial do Grupo Carnavalesco “As Marias Cachuchas”

<https://www.facebook.com/marias.cachuchas?fref=ts> [consultado: 20 de novembro de 2014]

<http://vedrografias2.blogspot.pt> [consultado: 24 de novembro de 2014]

<http://patrimoniodeTorresVedras.blogspot.pt> [consultado: 27 de novembro de 2014]

http://aventurasdosalpico.blogspot.pt/2010_02_01_archive.html [consultado: 12 de março de 2015]

Rui Brás, 2015, *O Carnaval: História e Identidade*, comunicação apresentada no Colóquio *Turres Veteras XVIII*, Auditório do Edifício Paços do Concelho, 15-16 de maio de 2015, Torres Vedras.

Câmara Municipal de Torres Vedras, arquivo municipal. [consultado: 7-30 de janeiro de 2015]

Jornal *A Capital*, (08-02-2002), *Carnaval torriense consagra a «folia»*. [consultado: 8 de janeiro de 2015]

Jornal *Badaladas*, (24-02-1995), *Recordando o Carnaval de 1939*. [consultado: 8 de janeiro de 2015]

Jornal *Gazeta de Torres*, (07.02.1932), *As Festas do Carnaval em Torres Vedras*. [consultado: 9 de janeiro de 2015]

Revista *A Hora*, (1936), *O Carnaval em Torres Vedras*. [consultado: 9 de janeiro de 2015]

Guardado, Silva (2012), Revista *Torres Vedras*, nº6, janeiro: 4-5. [consultado: 9 de janeiro de 2015]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, António (2012/2013), *O papel dos eventos turísticos nos empreendimentos turísticos e nas unidades de restauração e bebidas na cidade de Torres Vedras: O caso do Carnaval*, Dissertação de Mestrado em Turismo, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Foddy, William (1996[1993]), *Como Perguntar: Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Oeiras, Celta.

Ghiglione, Rudolphe e Benjamim Matalon (1992[1978]), *O Inquérito: Teoria e Prática*, Oeiras, Celta.

Matos, Venerando (1998), *Carnaval de Torres - Uma História com Tradição: 1923-1998*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, Sector da Cultura.

Matos, Venerando (2001), *Carnaval de Torres: uma tentativa de periodização*. In: *Turres Veteras III: Atas de História Contemporânea*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras; Lisboa: Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo Alexandre Herculano.p. 177-183.

Ralha, Jorge (2006), *O Carnaval de Torres: um relatório de processo*. In: Silva, Carlos Guardado da, coord. – *História das Festas*. Lisboa: Colibri: Torres Vedras: Câmara Municipal. p. 305-314.

Raposo, Paulo (2003), *O Papel das Performances Culturais na Contemporaneidade: Identidade e Cultura Popular*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, ISCTE.

Raposo, Paulo J. P. (2001), *Imagens do Carnaval de Torres Vedras: processos de objetificação da cultura*. In: *Turres Veteras III: Atas de História Contemporânea*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras; Lisboa: Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo Alexandre Herculano. p. 199 - 209.

Reis, Célia (1993), *O Carnaval de Torres Vedras nos Primeiros Quarenta Anos do Século XX*. In: O quotidiano na História Portuguesa. 22-24 abril 1993.

Reis, Célia (2001), *O Carnaval de Torres Vedras nos Primeiros Quarenta Anos do Século XX*. In: *Turres Veteras III: Atas de História Contemporânea*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras; Lisboa: Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo Alexandre Herculano. p. 187 - 197.

Salvado, João António (2006), *A imagem do negro no Carnaval de Torres Vedras*. In: Silva, Carlos Guardado da, coord. – *História das Festas*. Lisboa: Colibri; Torres Vedras: Câmara Municipal. p. 285-303.

Santos, Ana Margarida (2000), *Museu do Carnaval de Torres: testemunhos orais e materiais*. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (Orientador). Estágio Profissionalizante ISCTE / Câmara Municipal de Torres Vedras.

Silva, Augusto Santos e José Madureira Pinto (coords.) (1990[1986]), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento.

Umbelino, Jaime (2005), *A literatura nos Carnavais de Torres*. Torres Vedras: Câmara Municipal.

Sites

Site oficial do Carnaval de Torres Vedras <http://www.carnavaldetorres.com/> [consultado: 13 de novembro a 25 de março de 2015]

Site oficial da Câmara Municipal de Torres Vedras <http://www.cm-tvedras.pt/> [consultado: 26 de novembro de 2014]

Site oficial da Promotorres <http://www.promotorres.pt/> [consultado: 26 de novembro de 2014]

Site oficial do Grupo Carnavalesco Lúmbias <http://www.lumbias.com/> [consultado: 26 de novembro de 2014]

<http://modular-studio.com/carnaval/> [consultado: 5 de março de 2015]

<http://gitor.ipleiria.pt/projetos/impacto-economico-do-carnaval-de-torres-vedras/> [consultado: 6 de março de 2015]

<https://torresvedrasweb.pt/> [consultado: 9 de março de 2015]

<http://www.shopping-torresvedras.com/cursos.php> [consultado: 12 de março de 2015]

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/> [consultado: 18 de março de 2015]

<http://visao.sapo.pt/carnaval-camara-de-torres-vedras-quer-candidatar-evento-a-patrimonio-da-humanidade=f712482> [consultado: 20 de março de 2015]

<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=13363&type=Video> [consultado: 24 de março de 2015]

<http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/carnaval-de-torres-agradeceu-tolerancia-em-lisboa> [consultado: 24 de março de 2015]

<http://www.educacaotorresvedras.com/> [consultado: 26 de março de 2015]

<http://revistafesta.com/index.php/noticias/regiao/item/1216-carnaval-de-torres-vedras-encheu-neste-domingo-com-perto-de-50000-foli%C3%B5es-tem-fotogaleria> [consultado: 26 de março de 2015]

http://www.junior.te.pt/carnaval03/carnaval_port_torres.html [consultado: 7 de abril de 2015]

<http://www.portoeditora.pt/acordo-ortografico/conversor-texto/> [consultado: 9 de abril de 2015]

<http://www.insa.pt/sites/INSA/Portugues/ComInf/Noticias/Paginas/InstitutoRicardoJorgecolaboranavigilanciaepidemiologicadoCarnavaldeTorresVedras.aspx> [consultado: 10 de abril de 2015]

http://www.dn.pt/inicio/opinioao/interior.aspx?content_id=2309881&page=-1 [consultado: 13 de abril de 2015]

http://www.aproximaviagem.pt/n5/15_carnaval.html [consultado: 14 de abril de 2015]

<http://www.calendarr.com/portugal/carnaval/> [consultado: 14 de abril de 2015]

http://www.folclore-online.com/textos/lino_mendes/carnaval-entrudo-tempo-de-folia-tradicao.html#.VgLOs5drvdQ [consultado: 16 de abril de 2015]

<http://aventar.eu/2010/02/14/breve-historia-do-carnaval/> [consultado: 20 de abril de 2015]

<http://maisturismo.org/carnaval-em-portugal/> [consultado: 20 de abril de 2015]

<http://www.significados.com.br/identidade/> [consultado: 22 de abril de 2015]

ANEXOS

Anexo 1 – Guião da Entrevista

1. Enquanto entidade promotora do Carnaval de Torres Vedras, como encara a evolução desta festividade ao longo dos tempos?
2. O que diferencia o Carnaval de Torres Vedras de outros Carnavais?
3. Qual a razão da sátira social estar tão presente no Carnaval?
4. Qual a duração em média dos preparativos para o Carnaval?
5. Qual é a influência do Carnaval na região e na economia local?
6. Qual o critério e a importância da escolha do tema do Carnaval?
7. Como preservam as tradições do Carnaval?
8. O que fazem para promover e divulgar o Carnaval?
9. Quais as perspetivas de futuro face ao Carnaval?

Agradeço a colaboração que prestou e o tempo dedicado a esta entrevista.

A sua opinião foi fundamental

Fonte: Micael Paulo (2015)

Anexo 2 – Guião do Inquérito

Inquéritos sobre o Carnaval de Torres Vedras

Para estudar o modo como as pessoas encaram e vivenciam a Identidade do Carnaval de Torres Vedras foi realizado um inquérito online, através do Google Docs, para dar resposta ao mesmo. De seguida, encontra-se esquematizado o inquérito realizado, que engloba uma pequena introdução a esclarecer em que consiste e qual a sua finalidade. É constituído por 14 questões, sendo que da 1ª à 5ª questão tem perguntas do foro geral dos indivíduos e da 6ª à 14ª questão são perguntas direcionadas para o Carnaval e a sua Identidade.

Inquérito

Sou estudante do 2º ano de Mestrado no Curso de Gestão e Estudos da Cultura, no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Estou a realizar este inquérito no âmbito da minha dissertação de Mestrado sobre a história e identidade presentes no Carnaval de Torres Vedras. Com este inquérito pretendo estudar o modo como as pessoas encaram e vivenciam as tradições/identidade do Carnaval de Torres Vedras. Neste inquérito é garantido o anonimato e por isso não serão expostos quaisquer dados pessoais.

1. Sexo

M ☐

F ☐

2. Idade _____

3. Profissão _____

3.1 Se respondeu Estudante, indique o Curso _____

4. Indique a sua Habilitação Literária?

Ensino Primário ☐

Ensino Básico ☐

Ensino Secundário ☐

Licenciatura ☐

Mestrado ☐

Doutoramento ☐

5. É natural do concelho de Torres Vedras?

Sim ☐

Não ☐

5.1 Se respondeu Não, mencione qual o concelho _____

6. O Carnaval de Torres Vedras é uma festividade do seu interesse pessoal?

Sim ☐

Não ☐

7. Com que frequência participa em cada ano no Carnaval de Torres Vedras?

Sempre (Seis dias) ☐

Quase Sempre (Cinco a Quatro dias) ☐

Algumas Vezes (Três a Dois dias) ☐

Raramente (Um dia) ☐

Nunca (Nenhum dia) ☐

7.1 Se respondeu Nunca, o Inquérito termina aqui.

8. Acha pertinente que a escolha da temática esteja relacionada com as questões da atualidade?

Sim, porque o Carnaval retracts os problemas do país ☐

Não, porque existem outras temáticas interessantes ☐

Sim, porque é um alerta à população ☐

Não, porque é uma altura de festividade, onde os problemas
não devem ser lembrados ☐

9. Acredita que a identidade faz do Carnaval de Torres Vedras «o mais Português de Portugal»?

Concordo, embora não ache que é «o mais Português de Portugal» ☐

Não Concordo, porque existem outros melhores ☐

Concordo, visto que é o mais espontâneo e divertido ☐

10. Durante estas festividades qual/quais as características em que se revê? (Escolha no máximo três opções)

- Convívio ☐
- Partilha de tradições ☐
- Diversão ☐
- Voltar às origens ☐
- Desordem ☐
- Lazer ☐
- Trajes ☐
- Comida tradicional ☐

11. Ao longo destes últimos anos, como tem encarado/vivido toda esta sátira social? (Escolha no máximo duas opções)

- De modo agradável ☐
- De forma preocupante ☐
- Como alerta para a sociedade ☐
- Como retracto dos problemas atuais ☐
- Apenas como diversão ☐
- Propaganda política ☐

12. Dentro do curso, qual/quais os elementos mais relevantes do Carnaval de Torres Vedras? (Escolha no máximo duas opções)

- Cabeçudos ☐
- Grupos de Mascarados ☐
- Matrafonas ☐
- Carros Alegóricos ☐
- Reis ☐

13. Descreva o Carnaval de Torres Vedras numa palavra_____

14. Classifique o Carnaval de Torres Vedras.

1: Muito Mau; 2: Mau; 3: Razoável; 4: Bom; 5: Muito Bom

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

Agradeço a colaboração que prestou e o tempo dedicado a este inquérito.

A sua opinião foi fundamental

Fonte: Micael Paulo (2015)

Anexo 3 - Uma cronologia do Carnaval de Torres Vedras

A época preliminar

1885 – Bailes de máscaras na esplanada da Porta da Várzea (*in Jornal de Torres Vedras*, nº7,12.2.1885)

1886 – Percorreu as ruas da villa uma estudantina de emigrados espanhóis; uma máscara de um tipo local, um velho mulherengo; e ainda um carro com uma mascarada política representando vários vultos notáveis locais (*in Jornal de Torres Vedras*, nº63, 11.3.1886)

1888 – Baile em casa do Sr. Augusto dos Santos Ferreira; cegada na Lourinhã e «Sol e Dó» da Associação 24 de julho que percorreu as ruas da vila (*in A Semana*, nº 51 e 52 de 9.2. e de 16.2. 1888)

1889 – Referência a alguns bailes em casas particulares em Dois portos (casa do Sr. Palyart de Clamouse; Paródia/Cegada à alegada construção de uma praça de touros na vila; “alguns trens, conduzindo mascarados, percorriam as ruas, e alguns peões com trajes grotescos (...) *uua cuadrilla de toreros*, bem dispostos para a lide, com o cavaleiro à frente, os bandarilheiros, os moços de curro, os campinos, e até a pretalhada para os intervalos burlescos. Assim percorrem as ruas da villa; e pouco depois soava novamente a caixa

destemperada, rufando em funeral, e desligava o cortejo gravemente o cortejo gravemente, conduzindo n'uma espécie de coxim negro uma miniatura da praça de touros (...)” (in *A Semana*, nº107 de 8.3.1889)

1890 – “(...) apenas uma música parecida com a banda do rei Kalanka percorria as ruas seguida da rapaziada” (in *A Semana*, nº156, 20.02.1890)

1891-95 – Carnaval molhado, sensaborão nas ruas, animado nas sociedades (Grémio); em 1895 uma mascarada com um grupo de boémios acompanhados com urso, macaco, e mais comitiva, e alguns trens com conhecidos habitués irrequietos semeando a confusão, as cocotes, as serpentinas e o tradicional tremoço (in *A Semana*, nº 417, 3.3.1895)

1900 – Animação nas Sociedades Recreativas locais: Casino; Grémio Artístico-Comercial com bailes, cançonetas, récitas e comédias; Paródia ao carro do Sr. Joaquim Pedro Marques e a exibição de uma dança vinda da Runa com travestis masculinos; lançamento da revista carnavalesca *O Photococoras*.

1906 – A Tuna Comercial Torreense surge também a organizar bailes e festas de Carnaval.

1908 – Enterro do Entrudo, com filarmónica tocando marcha fúnebre e sendo queimado em fogueira no Largo da Graça (in *Folha de Torres Vedras*, 8.8.1908); máscaras parodiando os políticos locais (*Folha de Torres Vedras*, 8.3.1908)

1909 – Os tanoeiros saíram com dança de rua, trajes de fantasia e a bandeira nacional.

1912 – Bando precatório organizado pelas 3 sociedades com sócios e filarmónicas, surge o Salão-Avenida «animatógrafo» (???); saiu uma aparatosa mascarada organizada pelos tanoeiros; (talvez a dos tanoeiros) saiu uma paródia às hostes de Paiva Couceiro denominada «A Invasão dos paivantes» percorreu as ruas da vila (in *Folha de Torres Vedras*, nº621 e 622, 18 e 25.02.1912)

1913 – Dança de rapazes e raparigas de Monte Redondo... I Guerra Mundial [e surtos de Gripe pneumónica].

1920 – Animação nas casas de recreio.

1921 – A Tuna organizou enterro do entrudo; Peça “*De ponta a ponta*” de F. de Tal no Casino; Dança de Runa.

1922 – Insultos e injúrias (talvez cegada ou pulha) no lugar da Ribaldeira tendo sido preso um dos desordeiros que viria a falecer na prisão.

As Dinastias do Carnaval de Torres

1923 – D. Carnaval I (Álvaro André de Brito); Inauguração do Teatro-Cine (1 de abril)

1924 – D. Carnaval II (idem) e 1ª Rainha (Jaime Alves)

1925 – D. Carnaval III e rainha... (e casamento do filho Príncipe D. Lamurias com D^a Micaela, Duqueza da Porcalhota e aia da rainha); bando precatório para bodo aos pobres (in *A Nossa Terra*, nº51, 15.2); n' *O Torreense*, nº270 de 26.2 surge esta descrição: “(...) *a jeunesse dorée de Torres Vedras querendo obrigar a rir ainda os mais sisudos doutores, organizou um cortejo carnavalesco que vincou fundo na pasmaceira indígena, apresentando-nos, em caricatura, alguns dos nossos tipos político-religiosos-sociais que teem sabido fazer do paíz da Pantana uma grande mesa, onde come toda a gente. (...) à frente [do cortejo] um esquadrão de pés de burro e peixe espada (...) fazia-se preceder por alguns refilões (...) em elegante marcha de guerra seguia-se a marinha (...) a seguir um avião que teve perigosa pane na Praça da República e uma queda desastrosa mais abaixo (...) depois o grande estadista «cumprimentos» (...) fazendo-se acompanhar por um Ca Brito que ia constantemente a berrar Ca Macho e pelo «Pera de corropio» que de Paris viera para empurrar um do poleiro e outro lá colocar, e finalmente por uma mala de correio toda debruada a Sivva de S^oAnt^o Maria que das «carvoeiras» viera (...) mais um carro com jarrões de corte, cheios de medalhões ganhas no jogo do burro... e logo atraz a Rainha de Bomboche com a sua casta e pudibunda filha que vai... noivar-se (...) e o Bispo de Ponta Retrocida e os seus fâmulos, e o seu mestre de cerimónias (...) um batalhão de liliputianos ia no couce do cortejo e atraz a Banda Rasga e Fura (...) muitos automóveis com forças vivas, moribundas e mortas que atiravam favas ao povo (...) e assim durante 2 horas (...)”.*

1926 – D. Carnaval IV e rainha... algumas cegadas “principalmente a da chegada do rei Carnaval que um grupo de rapazes de Torres vem fazendo cada vez com mais pompa, de há uns três ou quatro anos a esta parte” (in *A Nossa Terra*, nº79, 21.2.)... 1928 surgem as «matrafonas» (??? Ver Programa de Festas de 1992).

1930 – D. Carnaval V, e... (filmado por Torres-Film).

1931 – D. Carnaval VI e... organização da Tuna Comercial Torreense; 1ª batalha das Flores em recinto fechado, receita para casa de beneficência local: Colónia balnear Infantil de Stª Cruz.

1932 – D. Carnaval VII e... (propaganda no exterior: Lisboa, Alenquer, Loures, etc...) filmado e exibido no S. Luís em Lisboa; artista: Luis Faria (1933-40).

1934 – Choveu muito (D. Carnaval IX ????)...

1935 – D. Carnaval X e Dª. Matra Fona VIII... 50 anos cabeçudos e gigantones pela 1ª vez (Celestino Muñoz) e foi filmado pela Sonoro-Film; surge o slogan «*O Carnaval melhor do paiz!*»; noticiado no Diário de Notícias de 3 de março: “(...) *imponentes festas carnavalescas (...) com grande número de carros alegóricos (...) grande número de forasteiros (...) e comboios especiais*”; presidente da Comissão: Edmundo Carnide (que viria a falecer com 26 anos em 10 de setembro); artistas: Luis Faria e Celestino Muñoz.

1936 – D. Carnaval XI e Dª Pulkeria Matrafona IX... Comissão Organizada com 1 vogal delegado da Câmara Municipal, outro da Comissão da Iniciativa e outro da Associação Comercial; e o alto patrocínio financeiro do Conselho Nacional de Turismo; Inácio do Nascimento Clemente (CMTV), Raúl Cabral (Ass. Comercial) Dr. Bastos (Com. Iniciativa) Leonel de Freitas Trindade (loja de panos) Luís Brandão de Melo (jornalista, desportista e emp. Bancário) António Hipólito Jr. (industrial) Francisco Faustino Antolin (café?) Alfredo Rafael Gomes de Almeida (retalhista de lãs e tecidos) (in O Torreense, nº11, 1.1.1936).

1938 – D. Carnaval XIII

1939 – D. Carnaval XIV

1940-41 – Discute-se a possibilidade da Câmara e da Comissão de Turismo pagarem os prejuízos que as chuvas eventualmente possam causar; em 1941 as Festas deveriam ser presididas pelo Vereador da Cultura e Presidente da Comissão de Turismo, sr. Manuel da Silva Antunes em colaboração com delegados das diversas associações de Torres Vedras. ... II Guerra Mundial.

1943 – Houve um improvisado rei do Carnaval; bailes nas sociedades;

1946 – Constitui-se Comissão e fez-se recepção ao Rei D. Carnaval XXI e visita às sociedades recreativas da comitiva real (Casino; Tuna; Club Artístico e Comercial, Sociedade Recreativa

Operária e Banda Recreativa Torreense); enterro do entrudo (que foi criticado por injurioso no jornal da Concelhia da União Nacional local *Notícias de Torres*, nº45, 15.3.1946)

1948 – Pede-se o reinício das festas (texto publicado no jornal *O Torreense*, nº 64,22.2.).

1951 – Os novos reis do carnaval eram Levy Miguel dos Santos (rei) e automobilista desportivo e António Agostinho (rainha) foram em trenó conduzido por Frederico Ribeiro (bobo)

1955 – D. Carnaval XXVIII e D^a Pampa Lobrigas.

1960 – D^a Celeste da Purificação e D. Fernão...dela.

1961 – D. Carnaval XXIV e Dona Lua; presidente: Luís Brandão de Melo (faleceu no mesmo ano). ... Guerra Colonial.

1965 – D. Fluribundo A. Raska dos Kallus Y Juannetes e D^a Pulqueria Gustava dos Prazeres.

1966 – D. James Kangalhei e D^a Rita Kangony (rei: João Brandão de Melo)

1967 – D. Kixote Kintétarrincóku e D^a Kixota.

1968 – D. Fosques Hinhas Okhú e D^a Li Lilipu Ther de Celir.

1969 – D. Artólas Ó Nakos.

1970 – D. Mini-Lau II.

1971 – D. Carnaval LXXI o Arcaico e D^a Paula das Delícias.

1972 – D. Pinguinhas Maxo IV e D^a Pinguinhas Maxa.

1973 – D. KunkaNéKoito e D^a KunkanéKanove.

1974 – D. António gasolarraska I.

1975 - ... 25 de abril 1975 – não houve rei.

1976 – Não houve rei.

1977 – D. SandoKacho.

1978 – D. Kurnélio VIII.

1979 – D. Pharaó Du Ker Óo e D^a Pharaona Du Ker Festinhas.

1980 – D. Dragon Kudo Phundo.

1981 – D. Pardall D’Alhoseko VIII e D^a Pardalla de Xeppafresca.

1982 – D. Peixote de La Merd’oito.

1983 – D. Apollo Entrudo Zydo e D^a Gush Tavah De Serth; prejuízo de 1500 contos.

1984 – Anulado devido às cheias do ano anterior; mas com afluência de imensa gente de vários locais que improvisaram os festejos;

1985 – Nasce Comissão Organizadora com presidência de Dr. António Carneiro (Vereador do Turismo, Educação e Cultura da CMTV, PS); D. Neptuno de Pyzzaphrya e D^a Yemanjá De KoizzaKente; artista José Pedro Sobreiro.

1986 – D. Legystaurka Rayo Ku Partta.

1987 – D. Pirolito Pirado.

1988 – D. Piratal 88 de Perna de Mau Olho de I.V.A e Cara de Pau e D^a Piratinha Sirigaita de Perna Boa Olho na Cama e Cara na Fronha (rei: Brandão de Melo; rainha: Alfredo Bernardes); surge uma temática comum aos carros alegóricos: Os Descobrimentos.

1989 – D. Torres D’Obliscus Petado I e D^a Vedras de Veras Petadinha; tema: A História de Torres Vedras.

1990 – D. Ecus XII (rei: Bruno Brandão de Melo) e D^a Zé É É (neste carnaval apareceu a “rainha mãe” José Manuel Barreira Abrantes); tema: Os países da CEE.

1991 – D. Pinokiku I e D^a Pinokada; tema: As histórias da Carochinha.

1992 – D. Olympoku I e D^a Olympokuatodos; 1º ministro: Dom Anival Kravatoudos; tema: Os Jogos Olímpicos.

1993 – D. Torres de Bombarril e Canavarro na Mão e D^a Vedras de Boa Casta e Gargalo na Boca.

1994 – D. Khará e D^a Kharilha.

1995 – 1º Carnaval de verão de Stª Cruz (Dr. António Carneiro é eleito presidente da Comissão de Turismo da Região Oeste) Tema: 100 anos do Cinema.

1996 – D. Dó Ré Mi tokobicho e Dª Okarina de Lisa e Pimba Tema: A história da Música.

1997 – D. Kasko de tinto y Leve de Torres e Dª Kartola de Brancu y Leva no Barril (rei: António Manuel Miranda Santos; rainha: Luís Alfredo Bernardes dos Reis) tema: Estórias de Portugal; artistas: António Trindade e Bruno Brandão de Melo (Vertice e Gulliver).

1998 – Tema: Viagem de Gama à Índia/Os Lusíadas; Presidente da Comissão: Jorge Ralha (Vereador do Turismo, Cultura, Educação da CMTV, PS).

1999 – Tema: O Século XX/Presidente da Comissão: Jorge Ralha (idem).

2000 – Tema: O Circo (idem).

2001 – Tema: Planeta Terra (idem).

2002 – Tema: A Folia.

2003 – Tema: Os Heróis.

2004 – Tema: Carnaval da Bicharada.

2005 – Tema: Futebol Nacional.

2006 – Tema: Artistas.

2007 – Tema: Povos de todo o Mundo.

2008 – Tema: Banda Desenhada.

2009 – Tema: Profissões.

2010 – Tema: Invasões.

2011 – Tema: Selva.

2012 – Tema: Desporto.

2013 – Tema: Reciclagem.

2014 – Tema: O Mundo da Televisão.

2015 – Tema: O Amor.

2016 – Tema: Figuras e Figurões.

Fontes: Raposo, Paulo (2003), *O Papel das Performances Culturais na Contemporaneidade: Identidade e Cultura Popular*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, ISCTE.

Site oficial do Carnaval de Torres Vedras: <http://www.carnavaldetorres.com/>

Anexo 4 – Testamento do Rei do Carnaval Dom Bonito Branquinho

I

Ao povo de Torres Vedras
Onde passei grande tormento
Peço, por última vontade,
Que se cumpra o meu testamento

II

A um rapaz sempre jovem
Rapaz, sincero e leal,
Deixo-lhe uma caixa de fósforos.
Uma faca e um dedal.

III

P'ró José da Parvalheira,
Que a banhos nunca foi,
Deixo-lhe uma grande terrina
Com sopa de rabo de boi.

IV

A um rijo como uma rocha,
Que é alto e estilizado,
Deixo-lhe uma garganta de prata
P'ra poder cantar o fado.

V

A um que vai ao café do Borba,
Bom rapaz mas muito traça,
Deixo-lhe uma grafonola
Com vários discos de caça.

VI

Certo homem, boa pessoa,
Que a vender até faz lume,
Deixo-lhe as ruas da vila
P'ra ele regar com perfume.

VII

A um certo lojista, pequeno,
Que tem grande fel na veia,
Deixo-lhe uma tesoura grande,
P'ra cortar na vida alheia.

VIII

Deixo a um certo senhor,
Para beber se quiser,
Uma pipa de champanhe
Num sapato de mulher.

IX

Deixo ao rival do Gardel,
Que tem dado boas provas,
Um cabaz com ilusões
E várias músicas novas.

X

Ao empregado na Junta,
Que ri por tudo e por nada.
Peço-lhe que seja mais prudente
Quando deitar gargalhada.

XI

A um grande discursador,
Também dado a brincadeiras,
Deixo um tonel de cerveja
Para apanhar três bebedeiras.

XII

Aos árbitros cá da terra,
Onde não há um verdadeiro,
Deixo-lhes para arbitrar
O apito do correeiro.

XIII

A um triste e malfadado homem,
Que anda sempre a pensar nela,
Deixo p'ra cura imediata
O milagroso chá Marcela.

XIV

A um rapaz que está velho,
A fome é negra, mete pena,
Arranjo-lhe um bom lugar
Lá fora para o cinema.

XV

E ao criado no Central,
Pessoa com quem não sigo,
Deixo-lhe quilo e meio
De alpista p'ró pintassilgo.

XVI

Ao grupo das excursões,
Deixo um conselho p'ra ouvir:
Não se alambaze co'a massa
Dos que não puderem ir.

XVII

E o tipógrafo na pesca
Que tenha muita atenção
Para q'rendo vir p'ra Torres
Não pare na Encarnação.

XVIII

A certo agente que pica
E nos dá certos castigos,
Eu deixo um bolo de cebo
Para oferecer aos amigos.

XIX

E a outro que não é bravo,
Bom rapaz e nada tolo,
Deixo a prenda encantadora
Que estava dentro do bolo.

XX

Ao dito agente que pica
E é um barra a conquistar,
Deixo as pequenas da terra,
Para com todas casar.

XXI

E que as prendas variadas
Que o pequenome lhe of'rece,
Sejam todas leiloadas
Numa bonita quermesse.

XXII

A um gajão dos trigais,
Que algumas vezes se entorna,
Deixo o circo e coisas mais
Para ele ir bater "sorna".

XXIII

Imponho aos filhos da terra
Que tenham menos “garganta”
E apresentem para o ano
Um Carnaval com mais “planta”.

XXIV

Com a alma dolorida
E os olhos postos no céu,
Conto-lhes uma partida
Que há bem pouco aconteceu.

XXV

Em certa adega afamada
Teve lugar um contrato
Entre alguém que não tem nada
E certa gente de tato.

XXVI

Um anjinho aqui de perto
Negociante de palha,
Pretendeu ser muito esperto,
E por fim caiu na malha.

XXVII

Meteu-se-lhe lá no caco
Vinte contos arranjar,
Sem ter de seu um pataco
E sem ter de trabalhar.

XXVIII

Esqueceu-se o panãozão
Que nos tempos atuais
Para se ter um tostão
Há que ter mil vezes mais.

XXIX

Vem o “severo” da Justiça
Para que a “massa” não fuja
E em fala toda castiça,
Numa voz que não intruja.

XXX

O capitalista chama
As testemunhas legais:
A das carnes, as dos trigos,
E muitas e muitas mais.

XXXI

A ínclita geração
Dos Henriques imortais
Acha-se representada
Da conquista e navegação
Até à autoestrada.

XXXII

Fez-se então a escritura
E uma letra se preencheu.
Mas nisto a tal criatura
Com carinha de sandeu.

XXXIII

Fitando os olhos em alvo,
Com ares de grande bimbo.
Diz com modos de papalvo,
- Então que é dele o carimbo?

XXXIV

Aparece o instrumento
Objeto de diabrura
E o homem num lamento
Sem perder a compostura.

XXXV

Vê por terra os seus projetos
Que além da borracha dura
O selo tinha defeitos:
Era duma grande altura.

XXXVI

O carimbo era ilegal.
Ficou tudo sem efeito.
Pois coisa tamanha e igual
(Dizia o tal sujeito)
Não existe em Portugal!!!

XXXVII

A um menino barbeiro,
Que por ser grande caçador,
Deixo-lhe muitas galinholas
P'ra as tratar com amor.

XXXVIII

Quem julga peças de caça
No lugar do Ramalhal,
Obrigo-o a comer patos mansos
P'ra ver se lhe faz mal.

XXXIX

P'ra os bons caçadores
Há muitos meios diversos
E eu lego a todos eles
Estes meus poucos versos.

XL

Eu conheci uma lebre
Que era mesmo um amor
Porém receou visitar-me
Por meu pai ser caçador.

XLI

Peguei na espingarda
Mas a vista receosa
De errar, parece que adivinhava,
Que a lebre era manhosa.

XLII

Acabou-se o testamento
Com mania de caçar,
Receei não acabar
Até ao último alento.

XLIII

Ressuscitarei para o ano
Melhor, honrado e mais novo,
Espero mesmo que terei
P'ra ouvir-me aqui mais povo.

Fonte: Umbelino, Jaime (2005), *A literatura nos Carnavais de Torres. Torres Vedras:*
Câmara Municipal, pp. 79-81.

Anexo 5 – Discurso de boas vindas aos reis do Carnaval de 1940 (Excerto)

Excelso Rei! Excelsa Magestade!
Se o vosso reino, excélsico Senhor,
Emparelha co' a Graça a suavidade,
Da vossa régia mão, cheia de amor,
Se a todos pões no campo da verdade,
Co' a vossa dignidade e pundonor,
Dai-me alegria! Que a tristeza foi-se!...
E se não for a bem, que seja a coice!...

E vós, bela Rainha! Se da Grécia
Tens o perfil, o garbo e a singeleza,
Não te confunda o vulgo com a sécia,
Enodoando assim tua pureza.
Cale-se tudo quanto canta a Mécia,
E cesse tudo nesta redondeza!
Suba bem alto esta minha hossana!
Bem vinda sejas, cara de... sultana!...

As armas e os varões assinalados,
Que da ocidental praia lusitana,
Partiram... e seguiram enganados
Pela mãe, pelo primo e pela mana,
Ignoravam – os pobres desgraçados!
Que no mundo existia tal sultana,
E tudo porque a grande deslavada
Nunca se apresentava barbeada...

Estava a linda Inês posta em sossego
(Aonde não se sabe nem interessa)
Na margem do Sizandro ou do Mondego
- Era aí o teatro da tal peça –
Quando o Adamastor, irado e cego,
Se alevantou, sentado na tripeça,
E, calmo, disse assim por entre as pedras:
Carnaval só há um: - em Torres Vedras!

Fonte: Umbelino, Jaime (2005), *A literatura nos Carnavais de Torres. Torres Vedras*: Câmara Municipal, p. 85.

Anexo 6 – Fotografias do Carnaval de Torres Vedras



Imagem 1 - Carnaval de Torres Vedras na década de 20 do século XX, no largo da estação do Caminho de Ferro.

Fonte: Umbelino, 2005: 27



Imagem 2 - A primeira Rainha (Jaime Alves) do Carnaval de Torres Vedras, coroada em 1924.

Fonte: Umbelino, 2005: 144



Imagem 3 - Grupo de foliões no Carnaval de 1926.

Fonte: Umbelino, 2005: 29

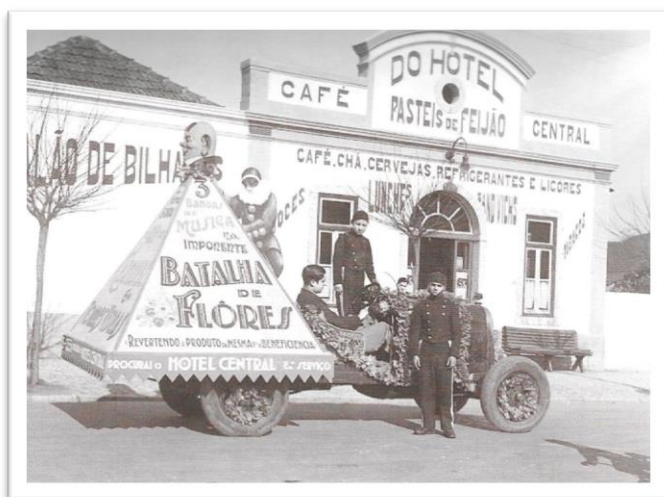


Imagem 4 - Carnaval de 1932.

Fonte: Umbelino, 2005: 35



Imagem 5 - Carro real designado de O Elefante de São Gião, no Carnaval de 1933.

Fonte: Umbelino, 2005: 37



Imagem 6 - Carro alegórico denominado O Ovo, no Carnaval de 1933. O seu autor é António Antolin, que guia o automóvel.

Fonte: Umbelino, 2005: 41



Imagem 7 - Carro real no Carnaval de 1934.
Fonte: Umbelino, 2005: 47



Imagem 8 - Carnaval de 1934.
Fonte: Umbelino, 2005: 55



Imagem 9 - Gigantones no Carnaval de 1937.
Fonte: Umbelino, 2005: 83



Imagem 10 - Os cabeçudos da autoria de Amílcar Guerreiro, no Carnaval de 1950.
Fonte: Umbelino, 2005: 131



Imagem 11 - Palanque real no Carnaval de 1951.
Fonte: Umbelino, 2005: 157

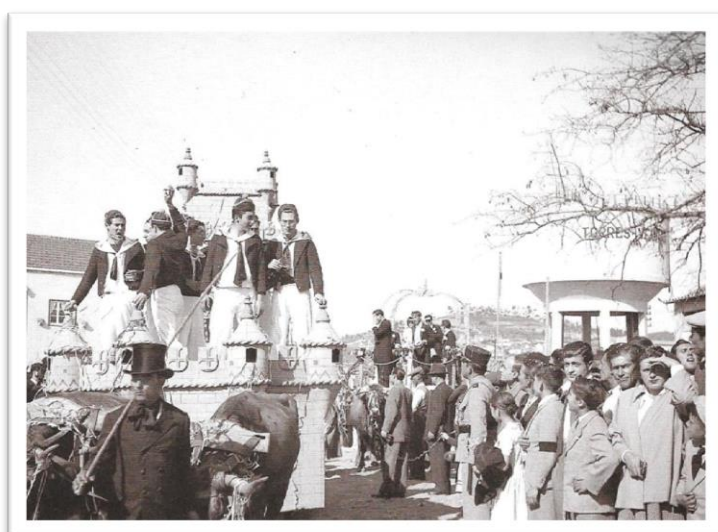


Imagem 12 - Carro alegórico designado de A Torre de Belém, no Carnaval de 1951.
Fonte: Umbelino, 2005: 211



Imagem 13 - Década de 60.
Fonte: Umbelino, 2005: 91



Imagem 14 - Carro Real na década de 60.
Fonte: Umbelino, 2005: 179



Imagem 15 - Espontâneos no Carnaval de 1965.
Fonte: Umbelino, 2005: 221



Imagem 16 - Chegada do Rei Dom Apollo Entrudo Zido (João M. Brandão de Melo) e da Rainha Gush Tavah de Selhir (Luis Fernando B. Reis), ao «Metro» de Torres Vedras, no Carnaval de 1983.
Fonte: Umbelino, 2005: 105



Imagem 17 - Real Confraria do Carnaval de Torres Vedras, 2015.
Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras <http://www.carnavaldetorres.com/>



Imagem 18 - Grupo Carnavalesco Ministros e Matrafonas no Carnaval de Torres Vedras, 2015.
Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras
<http://www.carnavaldetorres.com/>



Imagem 19 - Grupo Carnavalesco As Lúmbias no Carnaval de Torres Vedras, 2015.

Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras
<http://www.carnavaldetorres.com/>



Imagem 20 - Grupo Carnavalesco «As Marias Cachuchas» no Carnaval de Torres Vedras, 2015.

Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras <http://www.carnavaldetorres.com/>



Imagem 21 - Corte Real do Carnaval de Torres Vedras, 2015.

Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras <http://www.carnavaldetorres.com/>



Imagem 22 - Carro Alegórico G7+1 do Carnaval de Torres Vedras, 2015.

Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras <http://www.carnavaldetorres.com/>



Imagem 23 - Carro Alegórico Túnel (do amor) do Carnaval de Torres Vedras, 2015.

Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras <http://www.carnavaldetorres.com/>



Imagem 24 - Carro Alegórico Amor (virtual) do Carnaval de Torres Vedras, 2015.

Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras <http://www.carnavaldetorres.com/>



Imagem 25 - Monumento do Carnaval de Torres Vedras, 2015.

Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras <http://www.carnavaldetorres.com/>



Imagem 26 - Cabeçudos do Carnaval de Torres Vedras, 2015.

Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras

<http://www.carnavaldetorres.com/>



Imagem 27 - Matrafonas do Carnaval de Torres Vedras, 2015.

Fonte: Site oficial do Carnaval de Torres Vedras

<http://www.carnavaldetorres.com/>

Anexo 7 – Cartazes de propaganda ao Carnaval de Torres Vedras



Imagem 1 - Cartaz de propaganda do Teatro-Cine ao Carnaval de Torres Vedras, 1956.
Fonte: Santos. 2000



Imagem 2 - Cartaz oficial do Carnaval de Torres Vedras de 1985.
Fonte: Matos, 2007: 65

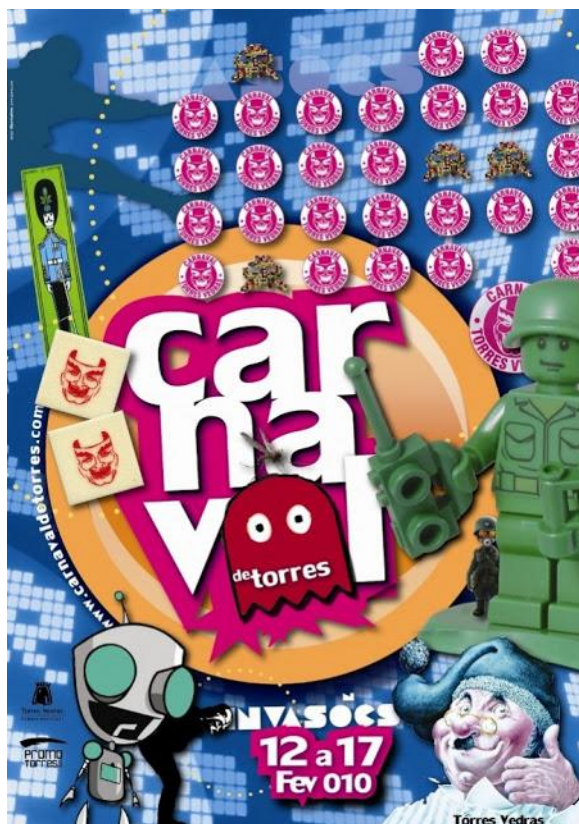


Imagem 3 - Cartaz oficial do Carnaval de Torres Vedras de 2010.

Fonte:

http://aventurasdosalpico.blogspot.pt/2010_02_01_archive.html



Imagem 4 - Cartaz oficial do Carnaval de Torres Vedras de 2014.

Fonte: <http://www.carnavaldetorres.com/>

Anexo 8 – Curriculum Vitae

Curriculum Vitae



Informação pessoal

Apelido(s) / Nome(s) próprio(s)	Paulo, Micael	
Morada(s)	Rua António Paulo Sarreira, n.º8, 2560-048 A-dos-Cunhados	
Telefone(s)	261981758	Telemóvel: 917986557
Fax(es)		
Correio(s) electrónico(s)	micaelpaulo@hotmail.com	
Nacionalidade	Portuguesa	
Data de nascimento	30-12-1991	
Sexo	Masculino	

Educação e formação

Datas	2010 até à atualidade	
Designação da qualificação atribuída	Licenciatura em Artes Plásticas e Multimédia	
Principais disciplinas/competências profissionais	Design, Artes Plásticas, Gestão Cultural	
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Escola Superior de Educação de Santarém	
Média atual	15,2 valores	
Datas	2006 a 2009	
Designação da qualificação atribuída	Secundário	
Principais disciplinas/competências profissionais	Curso Científico – Humanístico de Artes Visuais	
Média final	13,4 valores	
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Externato de Penafirme	

Língua(s) materna(s)	Portuguesa																																																	
Outra(s) língua(s)	Francês e Inglês																																																	
Auto-avaliação																																																		
Nível europeu (*)																																																		
Língua Francesa																																																		
Língua Inglesa																																																		
	<table><tr><th colspan="3">Compreensão</th><th colspan="4">Conversação</th><th colspan="2">Escrita</th></tr><tr><th colspan="3">Compreensão oral</th><th colspan="2">Leitura</th><th colspan="2">Interacção oral</th><th colspan="2">Produção oral</th><th colspan="2"></th></tr><tr><td></td><td>Muito bom</td><td></td><td>Bom</td><td></td><td>Bom</td><td></td><td>Bom</td><td></td><td>Bom</td></tr><tr><td></td><td>Bom</td><td></td><td>Bom</td><td></td><td>Suficiente</td><td></td><td>Suficiente</td><td></td><td>Bom</td></tr></table>					Compreensão			Conversação				Escrita		Compreensão oral			Leitura		Interacção oral		Produção oral					Muito bom		Bom		Bom		Bom		Bom		Bom		Bom		Suficiente		Suficiente		Bom					
Compreensão			Conversação				Escrita																																											
Compreensão oral			Leitura		Interacção oral		Produção oral																																											
	Muito bom		Bom		Bom		Bom		Bom																																									
	Bom		Bom		Suficiente		Suficiente		Bom																																									
	(*) Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)																																																	
Aptidões e competências sociais	Pré - Seminarista no Pré Seminário de Lisboa de 2006 a 2007 Seminarista no Seminário menor de Penafirme de 2007 a 2009 Seminarista no Seminário maior de S. José – Caparide de 2009 a 2010 Jogador de Andebol no Clube do G. D. Sobreirense Jogador de Futebol no Campelense Atleta do Clube de Natação de A-dos-Cunhados Escuteiro no agrupamento 379 de A-dos-Cunhados Acólito Voluntariado em: Telhal, Hospital Sta. Maria, sem-abrigo Espírito de liderança Interesse nas temáticas da atualidade Boa capacidade para interagir em diferentes contextos Boa capacidade argumentativa																																																	
Aptidões e competências de organização	Organização do Ema (encontro de ministros do altar) em Penafirme Organização do ESkills na Escola Superior de Educação Espírito de trabalho em equipa e coordenação de projetos Capacidade para organizar eventos e gerir recursos humanos																																																	
Aptidões e competências técnicas	Estágio na Escola Superior de Educação de Santarém Participação em diversos colóquios																																																	
Aptidões e competências informáticas	Microsoft office Word, Excel, Access, Power Point, Publisher, Adobe Photoshop, Premiere, Ilustrator; Flash.																																																	
Aptidões e competências artísticas	Concurso de um logótipo para a corrida da Solidariedade Concurso de fotografia sobre a paz no Externato de Penafirme Concurso para a multiarte. Criação de cartazes e folhetos para eventos Participação em eventos de moda Bom domínio das Artes Plásticas e Multimédia																																																	
Outras aptidões e competências	Praticante de Natação, Andebol, Futebol e Ginásio																																																	
Carta de condução	Carta de condução de veículos ligeiros, categoria B, desde 2011																																																	